



PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - LICENCIATURA

Chapecó (SC), novembro de 2010.



IDENTIFICAÇÃO INSTITUCIONAL

A Lei número 12.029, de 15 de setembro de 2009, dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Fronteira Sul. De acordo com seu artigo 1º, a UFFS é de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro no município de Chapecó, Estado de Santa Catarina. A instituição caracteriza-se regionalmente através de atuação multicampi, abrangendo, predominante, o norte do rio Grande do Sul, com *campi* nos municípios de Cerro Largo e Erechim; o oeste de Santa Catarina, com *campus* no município de Chapecó, e o sudoeste do Paraná e seu entorno, com *campi* nos municípios de Laranjeiras do Sul e Realeza.

Endereço da Reitoria:

Avenida Getúlio Vargas, nº. 609, 2º andar/ Edifício Engemed
Bairro Centro - CEP 89812-000 - Chapecó/SC.

Reitor: Dilvo Ilvo Ristoff

Vice-Reitor: Jaime Giolo

Pró-Reitora de Graduação: Solange Maria Alves

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Joviles Vitório Trevisol

Pró-Reitor de Planejamento: Vicente de Paula Almeida Júnior

Pró-Reitor de Administração e infraestrutura: Rogério Cid Bastos

Pró-Reitor de Cultura e Extensão: Geraldo Ceni Coelho

Dirigentes de Cerro Largo (RS)

Diretor de *Campus*: Antonio Inácio Andriolli

Coordenador Administrativo: Melchior Mallmann

Coordenador Acadêmico: Edemar Rotta

Dirigentes de Erechim (RS)

Diretor de *Campus*: Ilton Benoni da Silva

Coordenador Administrativo: Dirceu Benincá

Coordenador Acadêmico: Paulo Bittencourt

Dirigentes de Laranjeiras do Sul (PR)

Diretor de *Campus*: Paulo Henrique Mayer

Coordenador Administrativo: Elemar do Nascimento Cezimbra

Coordenador Acadêmico: Betina Muelbert Esquivel



Dirigentes de Realeza (PR)

Diretor de Campi: João Alfredo Braida

Coordenador Administrativo: Jaci Poli

Coordenador Acadêmico: Antônio Marcos Myskiw



Sumário

1 DADOS GERAIS DO CURSO.....	5
2 APRESENTAÇÃO.....	6
3 HISTÓRICO INSTITUCIONAL.....	8
4 EQUIPE DE COORDENAÇÃO E DE ELABORAÇÃO DO PPC.....	20
5 JUSTIFICATIVA DA CRIAÇÃO DO CURSO.....	23
6 REFERENCIAIS ORIENTADORES (Ético-políticos, Epistemológicos, Metodológicos e Legais).....	25
7 OBJETIVOS DO CURSO.....	28
8 PERFIL DO EGRESSO.....	29
9 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	30
10 PROCESSO PEDAGÓGICO E DE GESTÃO DO CURSO E PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	105
11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	107
12 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO.....	109
13 PERFIL DOCENTE (Competências, habilidades, comprometimento, entre outros) E PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO.....	111
14 QUADRO DE PESSOAL.....	112
15 INFRA ESTRUTURA NECESSÁRIA AO CURSO.....	114
16 REFERÊNCIAS.....	127
ANEXOS.....	128
REGULAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - LICENCIATURA.....	128
REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - LICENCIATURA.....	141
REGULAMENTO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES (ACCs) DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - LICENCIATURA.....	145
MANUAL DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR (PCCS) DO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA.....	150



1 DADOS GERAIS DO CURSO

Em consonância com os parâmetros legais que orientam a formação de professores no Brasil, o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da UFFS, caracteriza-se da seguinte forma:

1.1 Tipo de curso: Licenciatura

1.2 Modalidade: Presencial

1.3 Denominação do Curso: Graduação em Filosofia – Licenciatura

1.4 Titulação: Licenciado em Filosofia

1.5 Local de oferta: *Campus* Chapecó (SC)
Campus Erechim (RS)

1.6 Número de vagas: *Campus* Chapecó – 50 vagas matutino e 50 vagas noturno
Campus Erechim – 50 vagas noturno

1.7 Carga-horária total: 3.075 h

1.8 Turno de oferta: *Campus* Chapecó – matutino e noturno
Campus Erechim - noturno

1.9 Coordenador do curso: *Campus* de Chapecó – Prof. Maurício Fernando Bozatski
Campus de Erechim – Prof. Márcio Soares

Coordenadores em 2012: *Campus* de Chapecó – Juliano Paccos Caram
Campus de Erechim – Thiago Soares Leite

Coordenadores em 2013: *Campus* de Chapecó – Neditso Lauro Brugnera
Campus de Erechim – Thiago Soares Leite

1.10 Forma de ingresso: Com base no Exame Nacional do Ensino Médio ou outras formas definidas pela UFFS.



2 APRESENTAÇÃO

A oferta do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura atende à necessidade de formação de professores para o ensino na Educação Básica. Assim, além da possibilidade legal de ministrar aulas, os formandos terão uma ampla noção do contexto social, o que lhes permitirá contribuir no desenvolvimento da cidadania e no seu próprio aprimoramento cultural. Para tanto, a matriz curricular do Curso é composta por componentes curriculares em três domínios: Comum, cujas disciplinas visam à formação geral dos discentes; Conexo, com o objetivo de proporcionar aos mesmos o contato com os conteúdos e temas que se inter-relacionam nas diversas áreas afins de conhecimento; Específico, que abrange os componentes curriculares diretamente ligados à formação do docente em Filosofia. Tais domínios, que caracterizam a matriz curricular do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura, revelam dois aspectos significativos. Primeiramente, o discente será preparado para a docência, no âmbito da Educação Básica, por meio de uma reflexão crítica capaz de lhe sensibilizar para o comprometimento pedagógico e o aprimoramento didático necessários ao seu exercício como educador. Em segundo lugar, o curso insere o discente nas questões filosóficas discutidas ao longo da história da filosofia, proporcionando uma base para a continuidade dos seus estudos no âmbito da Pós-Graduação.

É importante destacar que a implantação do Curso atenderá à demanda por professores qualificados e preparados para a docência da disciplina de Filosofia nos diversos estabelecimentos de ensino. Por seu caráter interdisciplinar, o Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura poderá promover uma formação cultural não apenas do discente, mas da sociedade em que ele está inserido. Para promover tais características, o curso segue três orientações básicas que servem de eixos orientadores da ação teórico-pedagógica:

- Formação de docentes na área de Filosofia preparados para as especificidades do ensino e do papel de tal disciplina na Educação Básica;
- Formação de pesquisadores aptos a dar continuidade aos seus estudos no âmbito da Pós-Graduação;



- Desenvolvimento de projetos de extensão que visam à formação continuada de professores da região de abrangência da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), além do fortalecimento do ensino de Filosofia e do comprometimento com a formação cultural e humana da sociedade.



3 HISTÓRICO INSTITUCIONAL

No cenário educacional brasileiro, a chegada ao século XXI está intrinsecamente vinculada às conquistas democráticas expressas em seus documentos oficiais, e indiretamente ligada aos avanços concretos efetuados no sistema de ensino, em todos os níveis, dentre os quais merecem destaque a expansão da oferta de vagas, a sistematização de processos de avaliação e o decorrente compromisso com a busca de qualidade.

Entretanto, nota-se que no período atual a questão educacional passa a ser pautada a partir de um Plano Nacional de Educação - 2000-2010 (PNE) -, cujos objetivos vão além daqueles que orientaram suas primeiras concepções estabelecidas desde a década de 1930 - e de modo muito mais acentuado com a LDB 5692/71 e com a adesão à Teoria do Capital Humano, dos anos 70 e 80 -, que estiveram limitadas a conceber o desenvolvimento educacional em sua acepção econômica, ou seja, que o papel da educação estava circunscrito ao de agente potencializador do desenvolvimento econômico.

Os objetivos do PNE, publicado em 2001, buscam elevar o nível de escolaridade da população, melhorar a qualidade do ensino em todos os níveis, reduzir as desigualdades sociais e regionais no que concerne ao acesso do estudante à escola e à sua permanência nela, e em democratizar a gestão do ensino público. Assim, a concepção imanente ao plano que orienta o desenvolvimento da educação brasileira toma-a como base constitutiva da maturação de processos democráticos, o que indica uma mudança substantiva, porém somente realizável pela superação de problemas que persistem.

Neste sentido, não somente para a educação, mas na política nacional de um modo geral, buscou-se o diálogo mais sistemático com os movimentos sociais. Por vezes até mesmo se realizou a inserção indireta de alguns deles na estrutura do Estado. Apesar de controversa, é possível considerar essa estratégia como um passo, ainda que modesto, no horizonte da democratização do país.

Quanto ao ensino superior, os desafios que se apresentam ainda no século XXI correspondem à reduzida oferta de vagas nas instituições oficiais, a distribuição desigual



das Instituições de Ensino Superior (IES) sobre o território nacional, e a descontrolada oferta de vagas no setor privado, comprometendo, dessa forma, a qualidade geral do ensino superior.

A busca pela superação desse quadro de carências foi gradualmente trabalhada nos últimos 10 anos. Ainda que não se tenham alcançado os objetivos almejados no momento da elaboração do PNE, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) lograram participar do Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), com vistas a cumprir o que se pretendeu com o PNE. Todavia, durante o período do Plano, permanecemos distantes dos seus objetivos quanto ao número de jovens no ensino superior – de 30% – e da participação das matrículas públicas neste total – 40%. Os percentuais atingidos até o momento são de 12,1% e 25,9%, respectivamente¹.

Por meio da adesão das IFES ao REUNI, estabeleceu-se uma política nacional de expansão do ensino superior, almejando alcançar a taxa de 30% de jovens entre 18 e 24 anos matriculados no ensino superior, aumentar para 90% a taxa de conclusão de cursos de graduação, e atingir a relação de 18 alunos por professor nos cursos presenciais. Todavia, aspectos qualitativos também foram considerados, quais sejam: a formação crítica e cidadã do graduando e não apenas a formação de novos quadros para o mercado de trabalho; a garantia de qualidade da educação superior por meio do exercício pleno da universidade no que tange às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão; a oferta de assistência estudantil; sem esquecer da interface com a educação básica, que tem suscitado o fortalecimento das licenciaturas.

Dentre as mobilizações pela educação superior, houve aquelas que reivindicavam a expansão das IFES, especialmente no interior dos estados, pois nesses espaços o acesso ao ensino superior implicava dispêndios consideráveis, sejam financeiros, quando se cursava uma universidade privada, sejam de emigração, quando se buscava uma universidade pública próxima aos grandes centros.

Contudo, para cotejar aspectos indicativos das transformações na e da educação superior brasileira na primeira década do século XXI é imprescindível destacar que novas contradições emergiram como resultados do enfrentamento, ainda tateante, de questões estruturais neste âmbito, e que estas merecem ser abordadas com o necessário

¹ <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documentos/documento>



vigor democrático para contemplar as adversidades resultantes da pluralidade de concepções acerca do papel que a educação e a universidade devem cumprir para o nosso país.

Neste contexto de reivindicações democráticas, a história da Universidade Federal da Fronteira Sul começa a ser forjada nas lutas dos movimentos sociais populares da região. Lugar de denso tecido de organizações sociais e berço de alguns dos mais importantes movimentos populares do campo do país, tais características contribuíram para a formulação de um projeto de universidade e para sua concretização. Entre os diversos movimentos que somaram forças para conquistar uma universidade pública e popular para a região, destacam-se a Via Campesina e Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul) que assumiram a liderança do Movimento Pró-Universidade.

Inicialmente proposta de forma independente nos três estados, a articulação de uma reivindicação unificada de uma universidade pública para toda a região - a partir de 2006 - deu um impulso decisivo para sua conquista.

A Mesorregião Grande Fronteira do MERCOSUL e seu entorno possui características específicas que permitiram a formulação de um projeto comum de universidade. É uma região com presença marcante da agricultura familiar e camponesa e a partir da qual se busca construir uma instituição pública de educação superior como ponto de apoio para repensar o processo de modernização no campo, que, nos moldes nos quais foi implementado, foi um fator de concentração de renda e riqueza.

Para fazer frente a esses desafios, o Movimento Pró-Universidade apostou na construção de uma instituição de ensino superior distinta das experiências existentes na região. Por um lado, o caráter público e gratuito a diferenciaria das demais instituições da região, privadas ou comunitárias, sustentadas na cobrança de mensalidades. Por outro lado, essa proposta entendia que para fazer frente aos desafios encontrados, era preciso mais do que uma universidade pública, era necessário a construção de uma universidade pública e popular.

Esse projeto de universidade aposta na presença das classes populares na universidade e na construção de um projeto de desenvolvimento sustentável e solidário para a região, tendo como seu eixo estruturador a agricultura familiar e camponesa.



Busca, portanto, servir à transformação da realidade, opondo-se à reprodução das desigualdades que provocaram o empobrecimento da região.

Como expressão de seu processo de discussão, o movimento pró-universidade forjou a seguinte definição que expressa os pontos fundamentais de seu projeto, servindo como base a todo o processo de construção da UFFS:

O Movimento Pró-Universidade propõe uma Universidade Pública e Popular, com excelência na qualidade de ensino, pesquisa e extensão, para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos na identificação, compreensão, reconstrução e produção de conhecimento para a promoção do desenvolvimento sustentável e solidário da Região Sul do País, tendo na agricultura familiar e camponesa um setor estruturador e dinamizador do processo de desenvolvimento. (UFFS, 2008, p.9)².

Desde o início a universidade foi pensada como uma estrutura *multicampi*, para que esta pudesse melhor atingir seus objetivos. Para o estabelecimento dos *campi* foram considerados diversos fatores, entre os quais: a presença da agricultura familiar e camponesa e de movimentos sociais populares, a distância das universidades federais da região sul, e a carência de instituições federais de ensino, a localização, o maior número de estudantes no Ensino Médio, o menor IDH, a infra-estrutura mínima para as atividades e a centralidade na Mesorregião. Ao final foram definidos os *campi* de Chapecó-SC (sede), Erechim-RS e Cerro Largo-RS, Realeza-PR e Laranjeiras do Sul-PR, já indicando possibilidades de ampliações futuras.

Neste sentido, o processo de luta pela criação da UFFS foi e tem sido a expressão concreta de parte da democratização brasileira, na medida em que, ao atender reivindicações populares, prioriza a expansão da educação superior pública e gratuita em uma região historicamente negligenciada, possibilitando que as conquistas democráticas e populares adquiram mais força.

Como resultado da mobilização das organizações sociais, o MEC aprovou, em audiência realizada em 13 de junho de 2006, a proposta de criar uma Universidade Federal para o Sul do Brasil, com abrangência prevista para o Norte do Rio Grande do Sul, o Oeste de Santa Catarina e o Sudoeste do Paraná, e assumiu o compromisso de fazer um estudo para projetar a nova universidade.

Com o projeto delineado pela Comissão Pró-Universidade, nova audiência com o Ministro de Estado da Educação ocorreu em junho de 2007. Na ocasião, o ministro

2 UFFS. **Relatório das atividades e resultados atingidos**. Grupo de trabalho de criação da futura universidade federal com campi nos estados do PR, SC e RS. Março de 2008.



propôs ao Movimento Pró-Universidade Federal a criação de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica (IFET). Todavia, os membros do Movimento defenderam a ideia de que a Mesorregião da Fronteira Sul necessitava de uma Universidade, pois se tratava de um projeto de impacto no desenvolvimento econômico, social, científico e tecnológico da macrorregião sul, além de proporcionar investimentos públicos expressivos no único território de escala mesorregional ainda não contemplado com serviços desta natureza. Diante disso, decidiu-se pela criação de uma Comissão de Elaboração do Projeto, que teria a participação de pessoas indicadas pelo Movimento Pró-Universidade Federal e por pessoas ligadas ao Ministério da Educação.

Durante todo o processo de institucionalização da proposta da Universidade, o papel dos movimentos sociais foi decisivo. Em agosto, mais de quinze cidades que fazem parte da Grande Fronteira da Mesorregião do Mercosul, realizaram, concomitantemente, atos públicos Pró-Universidade, ocasião em que foi lançado o *site* do Movimento: www.prouniversidade.com.br. No Oeste catarinense, a mobilização ocorreu nas cidades de Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste. No Norte do Rio Grande do Sul, aconteceram panfletagem e manifestações nos municípios de Erechim, Palmeira das Missões, Espumoso, Sananduva, Três Passos, Ijuí, Sarandi, Passo Fundo, Soledade, Marau, Vacaria e Lagoa Vermelha. No Sudoeste do Paraná, as cidades de Francisco Beltrão e Laranjeiras do Sul realizaram seus atos públicos anteriormente.

Em outubro de 2007, o Ministro de Estado da Educação firma o compromisso do Governo em criar a Universidade. A partir disso e das discussões empreendidas pelo Movimento Pró-Universidade, a Secretaria de Educação Superior designa a Comissão de Implantação do Projeto Pedagógico Institucional e dos Cursos por meio da Portaria MEC nº 948, de 22 de novembro de 2007. O Grupo de Trabalho definiu o Plano de Trabalho e os critérios para definição da localização das unidades da Universidade. Além disso, a orientação para que a nova universidade mantivesse um alto nível de qualidade de ensino, de pesquisa e de extensão sempre foi uma preocupação no processo de constituição e consolidação da IES.

O Ministério da Educação publica, em 26 de novembro, a Portaria 948, criando a Comissão de Projetos da Universidade Federal Fronteira Sul, a qual teve três meses para concluir os trabalhos. Em 3 de dezembro, em uma reunião do Movimento Pró-



universidade, em Concórdia, o grupo decide solicitar ao Ministério da Educação que a nova universidade tenha sete *campi*. O MEC, todavia, havia proposto três: um para o Norte gaúcho, outro para o Oeste catarinense e o terceiro para o Sudoeste do Paraná. Chapecó/SC foi escolhida para sediar a universidade pela posição centralizada na área abrangida.

Em 12 de dezembro, pelo projeto de Lei 2.199-07, o ministro da Educação anunciou a criação da Universidade Federal para Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul (UFMM) em solenidade de assinatura de atos complementares ao Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação (PDE), no Palácio do Planalto, em Brasília.

Ainda em dezembro, a Comissão definiu a localização das unidades da Universidade – Erechim e Cerro Largo, no Rio Grande do Sul; Chapecó, em Santa Catarina; Realeza e Laranjeiras do Sul, no Paraná - e iniciou uma discussão sobre áreas de atuação da Instituição e seus respectivos cursos de graduação. Nessa reunião, os representantes do Movimento Pró-Universidade discutiram a localização da sede e dos *campi*, perfil, estrutura curricular, áreas de atuação e critérios para definição do nome da universidade.

A última reunião da Comissão, realizada em 21 e 22 de fevereiro de 2008, na UFSC, tratou da apreciação de recursos quanto à localização das unidades; processo, demandas e datas a serem cumpridas; áreas de atuação e cursos. Nessa reunião, a Comissão de projeto apreciou pedido de impugnação da Central do Estudante e Comitê Municipal de Santo Ângelo-RS em relação à localização do *campus* das Missões em Cerro Largo. O Movimento Pró-Universidade Federal havia proposto um *campus* para a Região das Missões e, a partir disso, os movimentos sociais definiram um processo que culminou com a decisão por Cerro Largo para sediar um dos *campi*. A Comissão de Projeto, em 13 de dezembro de 2007, homologou a decisão, considerando que todos os critérios definidos para fins de localização das unidades são regionais e não municipais. O pedido de impugnação toma como base os critérios de localização propostos no projeto elaborado pelo Grupo de Trabalho constituído pela Portaria 352/GR/UFSC/2006. Naquele Projeto, os critérios de localização tomam como base o município, diferente dos critérios definidos, que tomam como base a região. A Comissão



de Projeto definiu por referendar a decisão tomada em 13 de dezembro de 2007 e a cidade de Cerro Largo foi mantida como sede do *campus* missioneiro.

A Comissão também apreciou o pedido de revisão quanto à localização dos *campi* do Paraná. Recebeu e ouviu uma representação do Sudoeste do Paraná, que questionou a escolha por Laranjeiras do Sul, pelo fato do município estar fora da Mesorregião. Em resposta, a Comissão considerou os manifestos encaminhados ao MEC e todas as exposições feitas nos debates anteriores nos quais ficava evidente que a nova Universidade se localizaria na Mesorregião Fronteira Sul e seu entorno. Nesse sentido, a Região do Cantuquiriguaçu (PR), onde está Laranjeiras do Sul, faz parte do território proposto, não havendo pois razão para rever a decisão tomada em 13 de dezembro de 2007.

Em março de 2008, o Grupo de Trabalho de Criação da Futura Universidade Federal da Fronteira Sul finalizou sua tarefa. Em 16 de julho, o Presidente da República assina o Projeto de Lei de criação da Universidade da Mesorregião, no Palácio do Planalto, em Brasília, para enviar ao Congresso Nacional. O PL 3774/08 (que cria a UFFS) é aprovado em 12 de novembro pela Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público.

Em 4 de dezembro, uma comitiva dos três estados da Região Sul esteve em audiência na secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC), buscando agilizar os trâmites para a implantação da UFFS. Ficou acertado que as aulas deveriam iniciar no primeiro semestre de 2010. Perseguindo essa meta, o Ministro da Educação, em 11 de fevereiro de 2009, deu posse à Comissão de Implantação da UFFS (Portaria nº 148).

Na definição dos cursos de graduação, a Comissão de Implantação da UFFS priorizou as áreas das Ciências Agrárias e das Licenciaturas, tendo em vista a importância da agroecologia para a Região, a necessidade de tratamento dos dejetos, os problemas ambientais gerados pelas agroindústrias, as perspectivas da agricultura familiar e camponesa, e a sua centralidade no projeto de desenvolvimento regional proposto pela Instituição etc.; já o foco nas licenciaturas se justifica pela integração às políticas do governo federal de valorizar as carreiras do magistério. Nessa referência, em maio de 2009, foram construídas as primeiras versões dos projetos pedagógicos dos



curso. Em maio de 2009 foram definidas as primeiras versões dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação.

No âmbito da graduação, além das atividades de extensão e de pesquisa, o currículo foi organizado em torno de um domínio comum, um domínio conexo e um domínio específico. Tal forma de organização curricular tem por objetivo assegurar que todos os estudantes da UFFS recebam uma formação ao mesmo tempo cidadã, interdisciplinar e profissional, possibilitando aperfeiçoar a gestão da oferta de disciplinas pelo corpo docente e, como consequência, ampliar as oportunidades de acesso à comunidade.

Em julho, a Comissão de Implantação da UFFS decide usar o Enem – Exame Nacional do Ensino Médio – no processo seletivo, acompanhado de bônus para estudantes das escolas públicas (Portaria nº 109/2009). Para atender ao objetivo expresso no PPI de ser uma “Universidade que estabeleça dispositivos de combate às desigualdades sociais e regionais, incluindo condições de acesso e permanência no ensino superior, especialmente da população mais excluída do campo e da cidade”, a Comissão aprofunda a discussão sobre uma política de bônus que possibilite a democratização do acesso dos estudantes das escolas públicas da região à IES.

No dia 18 de agosto, a criação da UFFS é aprovada pela Comissão de Justiça do Senado e, no dia 25, é aprovada na Comissão de Educação do Senado Federal. Após um longo processo, a lei 12.029 de 15 de setembro de 2009, assinada pelo Presidente da República, criou a Universidade Federal da Fronteira Sul, concretizando, desta forma, o trabalho do Movimento Pró-Universidade alicerçado na demanda apontada pelos movimentos sociais dos três estados da região sul.

A promulgação da lei fez intensificar as atividades de estruturação da nova universidade, já que havia a meta de iniciar as atividades letivas no primeiro semestre de 2010. Em 21 de setembro de 2009, o Ministro da Educação designou o professor Dilvo Ristoff para o cargo de reitor *pro-tempore* da UFFS. A posse aconteceu no dia 15 de outubro de 2009 em cerimônia realizada no Salão de Atos do Ministério da Educação, em Brasília. A partir desse momento, as equipes de trabalho foram constituídas e ao longo do tempo definiram-se os nomes para constituir as pró-reitorias e as diretorias



gerais para os *campi* de Erechim (RS), Cerro Largo (RS), Realeza (PR) e Laranjeiras do Sul (PR).

O mês de outubro de 2009 foi marcado por tratativas e definições acerca dos locais com caráter provisório para o funcionamento da universidade em cada *campus*. Também são assinados contratos de doação de áreas e são firmados convênios entre municípios para a compra de terrenos. Para agilizar questões de ordem prática, é feito um plano de compras de mobiliário e equipamentos para equipar a reitoria e os cinco *campi*, o qual foi entregue no Ministério da Educação. As primeiras aquisições foram realizadas em dezembro, mês em que foi realizada a compra dos primeiros 12 mil exemplares de livros para as bibliotecas da instituição.

O primeiro edital para seleção de professores foi publicado no Diário Oficial da União em 2 de outubro de 2009. Aproximadamente três mil candidatos se inscreveram para o concurso público que selecionou 165 professores para os cinco *campi* da universidade. Já a seleção dos primeiros 220 servidores técnicos administrativos foi regida por edital publicado no Diário Oficial da União em 3 de novembro de 2009. Quase 6000 candidatos inscreveram-se para as vagas disponibilizadas. A nomeação dos primeiros aprovados nos concursos acontece no final de dezembro de 2009.

A instalação da Reitoria da UFFS na cidade de Chapecó (SC) ocorreu oficialmente em 1º de março de 2010. Até então o gabinete do reitor esteve localizado junto à UFSC (tutora da UFFS). Em 11 de março foi realizada uma cerimônia para apresentação da reitoria à comunidade regional.

Com muita expectativa, no dia 29 de março de 2010, deu-se início ao primeiro semestre letivo. Simultaneamente, nos cinco *campi*, os 2.160 primeiros alunos selecionados com base nas notas do Enem/2009 e com bonificação para os que cursaram o ensino médio em escola pública, foram recepcionados e conheceram os espaços provisórios que ocuparão nos primeiros anos de vida acadêmica. Essa data simboliza um marco na história da Universidade Federal da Fronteira Sul. Em cada *campus* foi realizada programação de recepção aos estudantes com o envolvimento de toda comunidade acadêmica. O primeiro dia de aula constituiu-se num momento de



integração entre direção, professores, técnicos administrativos, alunos e lideranças locais e regionais.

Desde a chegada dos primeiros professores, um trabalho intenso foi realizado no sentido de finalizar os projetos pedagógicos dos cursos (PPCs). Importante salientar que o processo de construção coletiva dos PPCs iniciou ainda em 2009, quando foram convidados docentes de outras universidades, os quais delinearão o ponto de partida para elaboração dos dezenove projetos pedagógicos referentes aos cursos oferecidos pela UFFS no ano de 2010. Já com a chegada dos primeiros docentes concursados pela instituição, as discussões passaram a incorporar experiências e sugestões desse grupo de professores. A partir de então, a formatação dos PPCs ficou sob responsabilidade dos colegiados de curso. A organização e as definições dos projetos pedagógicos estiveram pautadas em torno de três eixos: (1) Domínio comum; (2) Domínio Conexo e (3) Domínio Específico, sendo levadas em consideração propostas de cunho multi e interdisciplinar. Por se constituir numa universidade *multicampi*, um dos desafios, nesse momento, foi a sistematização das contribuições dos colegiados de curso que são ofertados em mais de um *campus* da instituição. O trabalho foi concluído com êxito.

Outro momento importante da UFFS foi o processo de elaboração do Estatuto Provisório da instituição. Esse processo ocorreu de forma participativa, envolvendo professores, técnicos administrativos e estudantes de todos os *campi*. Estabeleceu-se um calendário intenso de discussões e ponderações acerca dos pontos que constituem o documento. No final do processo, uma plenária aprovou o estatuto que foi, então, enviado ao MEC. A UFFS foi concebida de modo a promover o desenvolvimento regional integrado, a partir do acesso à educação superior de qualidade e a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão voltados para a interação e a integração das cidades e estados que fazem parte da grande fronteira do Mercosul e seu entorno. Nesse sentido, ao longo do primeiro semestre letivo, aconteceu a I Conferência de Ensino, Pesquisa e Extensão (I COEPE) com o tema “Construindo Agendas e Definindo rumos”. Mais uma vez, toda a comunidade acadêmica esteve envolvida. O propósito fundamental da conferência foi aprofundar a interlocução entre a comunidade acadêmica e as lideranças regionais, com o intuito de definir as políticas e as agendas prioritárias da UFFS no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. As discussões ocorridas na conferência



foram organizadas em onze fóruns temáticos realizados em cada um dos *campi* da universidade: (1) Conhecimento, cultura e formação Humana; (2) História e memória regional; (3) Movimentos Sociais, cidadania e emancipação; (4) Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento regional; (5) Energias renováveis, meio Ambiente e sustentabilidade; (6) Desenvolvimento regional, tecnologia e inovação; (7) Gestão das cidades, sustentabilidade e qualidade de vida; (8) Políticas e práticas de promoção da saúde coletiva; (9) Educação básica e formação de professores; (10) Juventude, cultura e trabalho; (11) Linguagem e comunicação: interfaces. Após quatro meses de discussões, envolvendo os cinco campi da UFFS e aproximadamente 4.000 participantes (docentes, técnico-administrativos, estudantes e lideranças sociais ligadas aos movimentos sociais), a I COEPE finalizou os trabalhos em setembro de 2010, aprovando em plenária o Documento Final, que estabelece as políticas norteadoras e as ações prioritárias para cada uma das áreas-fim da UFFS (ensino, pesquisa e extensão).

Finalizada a COEPE, diversas ações começaram a ser empreendidas com o propósito de implementar as políticas e as ações firmadas no Documento Final. Entre as ações, cabe destacar o “Plano de Desenvolvimento da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFFS” e as “Diretrizes para a Organização das Linhas e dos Grupos de Pesquisa da UFFS”, cujos processos encontram-se em andamento e resultarão na implantação dos primeiros cursos de mestrado e de doutorado.

Com apenas um ano de existência muitas conquistas foram realizadas. No entanto, vislumbra-se um longo caminho a ser percorrido. Muitas etapas importantes já foram realizadas, algumas precisam ser consolidadas e outras serão definidas e construídas ao longo dos anos. Os espaços físicos começam a ser edificados, projetos de pesquisa e de extensão estão sendo desenvolvidos pelos docentes, e futuros cursos de pós-graduação começam a ganhar forma. O importante é o comprometimento e a capacidade de trabalhar colaborativamente, até então demonstrados por todos os agentes envolvidos neste processo. Muito mais que colocar em prática ideias e processos já pensados, tais agentes são responsáveis por construir uma universidade pública e popular, desenvolvendo ações para o desenvolvimento regional e para a consolidação da UFFS na grande região da fronteira sul.

Angela Derlise Stübe



Antonio Alberto Brunetta

Antonio Marcos Myskiw

Leandro Bordin

Leonardo Santos Leitão

Vicente Neves da Silva Ribeiro



4 EQUIPE DE COORDENAÇÃO E DE ELABORAÇÃO DO PPC

4.1 Coordenação

Prof. Marcio Soares

Prof. Maurício Fernando Bozatski

4.2 Elaboração

Prof. Élsio José Corá

Prof. Eric Duarte Ferreira

Prof. Ilton Benoni da Silva

Prof. Juliano Paccos Caram

Prof. Marcio Soares

Prof. Maurício Fernando Bozatski

Prof. Thiago Soares Leite

Prof^a. Andressa Sebben

Prof^a. Franciele Bete Petry

Acadêmica Michele Andressa Winter

Acadêmica Neyha Guedes Dariva

Acadêmico Douglas Luiz Dalanol Marolli

Acadêmico Henrique de Lima Santos

Acadêmico Luiz Carlos de Abreu

Acadêmico Ronei Giacomel

4.3 Comissão de acompanhamento pedagógico curricular

Diretora de organização pedagógica: Profa. Zenilde Durli

Pedagogas: Cecília Inês Duz de Andrade e Dariane Carlesso

Revisores: Robson Luiz Wazlawick (Revisão referências).



4.4 Núcleo docente estruturante do curso

Conforme a Resolução da CONAES Nº 1 de 17 de junho de 2010 e respectivo Parecer Nº 4 de 17 de junho de 2010, O Núcleo Docente Estruturante – NDE de um curso de graduação, constitui-se de um grupo de professores, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso.

O NDE do curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura é constituído por um mínimo de 5 (cinco) professores pertencentes ao Domínio Específico do curso, com produção acadêmica na área, experiência no desenvolvimento do ensino e em outras dimensão entendidas como importantes, como a extensão. Sua composição contempla, também, 1 (um) docente do Domínio Comum e 1 (um) do Domínio Conexo, conforme as orientações curriculares da UFFS.

4.4.1 Campus Chapecó:

PORTARIA Nº 521/GR/UFFS/2012

I – Juliano Paccos Caram – Siape 1804486 (Presidente - coordenador do curso);

II – Clovis Brondani – Siape 1656047;

III – Ediovani Antônio Gaboardi – Siape 1715172;

IV – Élsio José Corá – Siape 1463816;

V – Eric Duarte Ferreira – Siape 1579885;

VI – Evandro Bilibio – Siape 1931137;

VII – Franciele Bete Petry – Siape 1765844;

VIII – Jonas Rafael Becker Arenhart– Siape 1885657;

IX – Maurício Fernando Bozatski – Siape 1527620;

X – Neditso Lauro Brugnera – Siape 1833220;

XI – Rogério Vaz Trapp – Siape 1929330.



4.4.2 Campus Erechim:

PORTARIA Nº 522/GR/UFFS/2012

I – Thiago Soares Leite – Siape 1802131 (Presidente - coordenador do curso);

II – Celso Eidt – Siape 1927537;

III – Elói Pedro Fabian – Siape 1911265;

IV – Ilton Benoni da Silva – Siape 2447410;

V – Jerzy André Brzozowski – Siape 1682464;

VI – Marcio Soares – Siape 1770161;

VII – Vanderlei de Oliveira Farias – Siape 1833648;

VIII – Atilio Butturi Junior – Siape 1648912;

IX – Roberto Rafael Dias da Silva – Siape 1767198.



5 JUSTIFICATIVA DA CRIAÇÃO DO CURSO

O Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura tem como uma de suas metas a preparação do formando para a docência, mediante sua conscientização a respeito da complexidade da educação contemporânea e sobre o papel que a disciplina de Filosofia possui enquanto exercício reflexivo acerca do cenário social.

Além de qualificar o profissional para uma visão transformadora da cultura, o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura visa estimular o acadêmico à valorização do conhecimento filosófico e dos bens culturais historicamente desenvolvidos, bem como fomentar o surgimento de uma atitude investigativa que possa resultar na multiplicação de tal conhecimento.

A formação pautada em valores democráticos e republicanos pretende desenvolver nos acadêmicos a postura ética, comum ao exercício da filosofia, que estimule o aprimoramento político da sociedade em que eles vivem, com base na disseminação de uma ideia de cultura que é, originariamente, diversa da cultura promovida pelos meios de comunicação ou pelo pensamento tecnológico-científico.

O Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da UFFS é, assim, uma oportunidade para o enriquecimento cultural e para o aprimoramento da cidadania, que irá se efetivar como o resultado de um processo de formação que envolve reflexão, análise e crítica dos princípios e valores que regem a sociedade contemporânea, a partir da análise dos princípios e valores que foram legados ao longo da história da humanidade.

A interlocução entre os referenciais teóricos do currículo e as disciplinas de caráter prático visa formar, simultaneamente, um profissional que conheça a tradição de seu campo de atuação, que saiba formular e programar alternativas novas à sua prática docente, que esteja preparado para refletir acerca de questões éticas, estéticas, epistemológicas e políticas da sociedade atual e, ainda, que possa contribuir para o debate no âmbito da ética e da política no mundo contemporâneo.

O Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura formará professores que atuem no âmbito da Educação em seus diversos níveis de organização. Não obstante, nos últimos anos, professores de filosofia são requisitados por órgãos governamentais,



empresas do terceiro setor e alguns segmentos da sociedade, bem como áreas Legislativas e afins, o que abriu o campo de abrangência do graduado em Filosofia.

Dado o aspecto de que uma licenciatura prepara o acadêmico para o exercício da docência, além do cumprimento da carga horária das disciplinas estritamente de âmbito filosófico do domínio específico do Curso, é prevista ainda a realização de estágios de docência e a oferta de disciplinas de caráter pedagógico e didático que visa preparar os discentes para o exercício do magistério, além de disciplinas do domínio comum que possibilitem ao egresso uma atuação eficaz na sociedade.

Dessa forma, o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura está voltado para suprir uma necessidade do âmbito educacional, além de estar direcionado para o aprimoramento e o desenvolvimento cultural da região de abrangência da UFFS, formando indivíduos capazes de refletir sobre suas práticas, embasados na tradição histórico-filosófica acerca de questões e dilemas que se apresentam à sociedade contemporânea.

Ademais, com a recente decisão do CNE – Conselho Nacional de Educação – que legitima a obrigatoriedade da disciplina de Filosofia para as séries do Ensino Médio, a demanda por profissionais qualificados para a docência nesta área cresceu e é especialmente evidente na atual conjuntura político-educacional, em que há poucos profissionais licenciados para o exercício da docência.



6 REFERENCIAIS ORIENTADORES (Ético-políticos, Epistemológicos, Metodológicos e Legais)

No âmbito da gestão da UFFS, ressalta-se que o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura está amplamente comprometido com uma das principais diretrizes da UFFS: o compromisso com a formação de docentes que atuem nos diversos âmbitos educacionais. Sabe-se do compromisso da UFFS em estruturar-se como um centro de ensino amplamente democrático e engajado com as questões sociais emergentes da região onde ela está instalada. Por isso, o curso de filosofia pauta-se pelo ideal inelutável de que o motor principal da justiça social é uma educação que esteja ao alcance de todos e que preze pela excelência da formação do ser humano e do cidadão. Assim como em outros cursos, o ideal das três chamas que aquecem e motivam a própria existência da UFFS (o belo, o bem e o justo) também pode ser plenamente desenvolvido no curso de filosofia, o que justifica sua inserção neste curso e contribui para o cumprimento de seu propósito: constituir a UFFS como uma universidade popular.

Com relação ao ensino, salienta-se que o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da UFFS, pauta-se pela noção de que o ensino deve proporcionar aos acadêmicos não apenas a simples assimilação dos conteúdos filosóficos, mas sim, que tais conteúdos sejam questionados e reconstruídos a fim de que a prática docente se realize de forma reflexiva e crítica. Busca-se formar professores de excelência, atentos à realidade em que atuam e comprometidos com a transformação social.

No tocante ao desenvolvimento da atividade de pesquisa, o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da UFFS orienta-se por duas vias complementares entre si: na primeira, observa-se que a pesquisa aprimora e potencializa a formação acadêmica dos estudantes, oportunizando aos mesmos a capacidade de se apropriar dos conteúdos trabalhados em sala de aula e, a partir deles, ter autonomia no exercício de refletir filosoficamente; na segunda, considera-se que a pesquisa é o elemento estruturante da própria atividade filosófica. É por meio dela que os conteúdos e conceitos podem ser (re)construídos, tornando a atividade do professor não uma mera reprodução de conheci-



mento. Desta forma, a prática docente torna-se reflexiva e crítica, podendo se relacionar de modo mediado com a realidade.

No âmbito da extensão, sublinha-se que o comprometimento do Curso de Filosofia da UFFS com a comunidade será desenvolvido mediante projetos de extensão que visem à inserção do acadêmico na sociedade e de membros da sociedade no meio acadêmico. Os projetos de extensão empreendidos pelo curso terão como princípios norteadores três elementos principais, a saber: 1) a formação continuada de professores de Filosofia atuantes na Educação Básica, bem como o aprimoramento dos docentes do Curso de Filosofia da UFFS; 2) o fortalecimento do ensino de Filosofia nos diversos âmbitos da educação; 3) o comprometimento com a formação cultural.

Com relação aos Cursos, nos princípios e diretrizes definidos nesta instância, de acordo com a política geral, o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da UFFS prioriza o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

- a) capacitação para um modo especificamente filosófico de formular e propor soluções a problemas, nos diversos campos do conhecimento;
- b) capacidade de desenvolver uma consciência crítica sobre conhecimento, razão e realidade sócio-histórico-política;
- c) capacidade para análise, interpretação e comentário de textos teóricos, segundo os mais rigorosos procedimentos de técnica hermenêutica;
- d) compreensão da importância das questões acerca do sentido e da significação da própria existência das produções culturais;
- e) percepção da integração necessária entre a filosofia e a produção científica, artística, bem como com o agir ético e político;
- f) capacidade de relacionar o exercício da crítica filosófica com a promoção integral da cidadania e com o respeito à pessoa, dentro da tradição de defesa dos direitos humanos;
- g) competência na utilização de informática no intuito de potencializar os estudos e a prática docente.



O presente projeto político-pedagógico do Curso de Filosofia – Licenciatura da UFFS fundamenta-se essencialmente na legislação vigente, notadamente nas seguintes leis e diretrizes:

1) Lei 9394/96 de 20/12/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional;

2) Resolução CNE/CP 01/2002 e Resolução CNE/CP 02/2002, que instituem Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena;

3) Resolução CNE/CES nº 12/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Filosofia e Pareceres CNE/CES nº 492/2001 e 1.363/2001.

4) Portaria MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, que faculta às Instituições de Ensino Superior introduzir, na organização pedagógica e curricular dos cursos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem a modalidade semi-presencial. Essa oferta de disciplinas poderá ser parcial ou integral, desde que esta oferta não ultrapasse 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso.



7 OBJETIVOS DO CURSO

7.1 Objetivos Gerais:

- Formar professores habilitados para a docência em Filosofia, qualificados para atuar no ensino, familiarizados com as questões filosóficas e comprometidos com a reflexão crítica da realidade.

7.2 Objetivos Específicos:

- Habilitar o graduado para o uso de diversas técnicas e recursos didáticos e paradidáticos que podem ser utilizados no exercício da docência;
- Proporcionar ao aluno vivência profissional, inserindo-o no contexto prático-operativo das instituições de ensino;
- Promover a prática docente por meio de estágios que oportunizará experiências significativas no âmbito da relação entre teoria e práxis;
- Garantir ao acadêmico a possibilidade de aprofundamento nas questões filosóficas, por meio do estímulo à pesquisa e à participação em congressos específicos;
- Oportunizar conhecimento necessário acerca dos períodos e das questões filosóficas clássicas, proporcionando ao acadêmico o aperfeiçoamento necessário para que ele continue seus estudos, no âmbito da pós-graduação;
- Fomentar nos acadêmicos o senso de justiça, para que eles possam atuar de maneira comprometida com os ideais que norteiam a concepção de universidade pública e popular da UFFS, em sua vivência profissional.



8 PERFIL DO EGRESSO

O Curso objetiva formar professores de Filosofia aptos a lecionar esta disciplina na Educação Básica, sobretudo no nível do Ensino Médio. Além disso, visa preparar indivíduos com embasamento teórico-crítico-filosófico que possibilite aos acadêmicos continuar seus estudos no âmbito da pós-graduação.

O Curso de Filosofia visa contribuir para o surgimento e o aprimoramento de mentalidades críticas que reflitam sobre os rumos sociais, em seus diversos segmentos, despertando, assim, o interesse dos educandos pelo pensamento inovador, crítico e independente, elementos necessários para que eles contribuam para a melhoria das comunidades em que estiverem inseridos.

Além disso, o Curso segue a política da UFFS ao proporcionar ao egresso o aprimoramento de suas capacidades de leitura e produção de textos, uma vez que esta prática é uma das linhas condutoras do desenvolvimento do Curso e das disciplinas do domínio comum. Por se tratar de um curso de Licenciatura, os egressos terão como núcleo de sua prática docente o comprometimento com a Educação e o interesse pela função transformadora que um processo educacional possui na contemporaneidade: promover a inclusão social, o aprimoramento da cidadania e a transformação da realidade. Dada a natureza interdisciplinar da própria Filosofia, os egressos poderão contribuir com outras áreas do conhecimento, tanto no âmbito das instituições de ensino, quanto no das assessorias culturais ou demais atividades relacionados ao pensamento.



9 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura está organizado em oito semestres letivos para o turno **matutino** e em nove semestres para o turno **noturno**, com o regime de funcionamento regular.

A organização curricular contempla as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura e para os cursos de Formação de Professores e atende aos dispositivos legais vigentes que determinam a carga horária mínima para integralização do curso.

9.1 Representação gráfica do curso de graduação em Filosofia esta anexa ao projeto (Anexo V)

9.2 Matriz Curricular

Na sequência está apresentada a matriz curricular do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura, em duas versões: matutino e noturno, considerando que o curso é ofertado em dois turnos.



9.2.2 Matriz curricular

Turno Matutino

Fase	Nº. de Ordem	Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas	Pré-requisitos
1ª	01	GCH003	História da filosofia antiga	04	60	
	02	GCH029	História da fronteira Sul	04	60	
	03	GEX002	Introdução à informática	04	60	
	04	GLA001	Leitura e produção textual I	04	60	
	05	GEX001	Matemática instrumental	04	60	
Subtotal				20	300	
2ª	06	GEX006	Estatística básica	04	60	
	07	GCH009	História da filosofia medieval	04	60	
	08	GLA004	Leitura e produção textual II	04	60	
	09	GCH010	Lógica I	04	60	
	10	GCH008	Iniciação à prática científica	04	60	
Subtotal				20	300	
3ª	11	GCS010	Direitos e cidadania	04	60	
	12	GCH041	Ética e filosofia política antiga	04	60	
	13	GCH039	História da filosofia moderna	04	60	
	14	GCH011	Introdução ao pensamento social	04	60	
	15	GCH040	Lógica II	04	60	
Subtotal				20	300	
4ª	16	GCH045	Ética	04	60	
	17	GCH047	Filosofia política I	04	60	
	18	GCH012	Fundamentos da crítica social	04	60	
	19	GCH024	Fundamentos da educação	03	45	
	20	GCH042	História da filosofia contemporânea	04	60	
	21	GCS011	Meio ambiente, economia e sociedade	04	60	
Subtotal				23	345	
5ª	22	GCH043	Antropologia filosófica	04	60	
	23	GCH013	Didática geral	03	45	
	24	GCH044	Estética	04	60	
	25	GCH139	Estágio curricular supervisionado I	07	105	
	26	GCH079	Metodologia do ensino de filosofia	04	60	
	27	GCH080	Teoria do conhecimento	04	60	
Subtotal				26	390	
6ª	28	GCH081	Epistemologia	04	60	
	29	GCH140	Estágio curricular supervisionado II	07	105	25
	30	GCH028	Filosofia da educação	04	60	
	31	GCH082	Ontologia I	04	60	
	32	GCH035	Política educacional e legislação do ensino no Brasil	03	45	



	33	GCH136	Trabalho de conclusão de curso I	02	30	
	34	GCH050	Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	03	45	
Subtotal				27	405	
7 ^a	35	GCH141	Estágio curricular supervisionado III	08	120	29
	36	GCH093	Filosofia da linguagem	04	60	
	37	GCH048	Filosofia política II	02	30	
	38	GCH084	Hermenêutica	04	60	
	39	GCH083	Ontologia II	04	60	
	40	GCH137	Trabalho de conclusão de curso II	02	30	33
	41		Optativa I	04	60	
Subtotal				28	420	
8 ^a	42	GCH085	Dialética e teoria crítica	04	60	
	43	GCH142	Estágio curricular supervisionado IV	05	75	35
	44	GCH086	Ética Prática: bioética e ética ambiental	04	60	
	45	GLA045	Língua brasileira de sinais (Libras)	04	60	
	46		Optativa II	04	60	
	47	GCH138	Trabalho de conclusão de curso III	02	30	40
	48		Optativa III	04	60	
Subtotal				27	405	
TOTAL				191	2865	
Atividades Curriculares Complementares				14	210	
TOTAL GERAL				205	3075	

Componentes curriculares optativos

Turno Matutino

Nº. de Ordem	Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas	Pré-Requisitos
49	GCH417	Filosofia da mente	04	60	
50	GCH418	Filosofia da natureza	04	60	
51	GCH419	Filosofia do direito	04	60	
52	GCH420	Filosofia na América Latina	04	60	
53	GCH421	Filosofia da Biologia	04	60	
54	GCH398	Tópicos Especiais em Ontologia I	04	60	
55	GCH423	Tópicos Especiais em Ontologia II	04	60	
56	GCH424	Tópicos Especiais em Ontologia III	04	60	
57	GCH425	Tópicos Especiais em Ontologia IV	04	60	
58	GCH400/ GCH426	Tópicos Especiais em Epistemologia I	04	60	
59	GCH427	Tópicos Especiais em Epistemologia II	04	60	
60	GCH428	Tópicos Especiais em Epistemologia	04	60	



Nº. de Ordem	Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas	Pré-Requisitos
		III			
61	GCH429	Tópicos Especiais em Epistemologia IV	04	60	
62	GCH399	Tópicos Especiais em Ética I	04	60	
63	GCH431	Tópicos Especiais em Ética II	04	60	
64	GCH432	Tópicos Especiais em Ética III	04	60	
65	GCH433	Tópicos Especiais em Ética IV	04	60	
66	GCH401	Tópicos Especiais em Filosofia Política I	04	60	
67	GCH435	Tópicos Especiais em Filosofia Política II	04	60	
68	GCH436	Tópicos Especiais em Filosofia Política III	04	60	
69	GCH437	Tópicos Especiais em Filosofia Política IV	04	60	

Turno Noturno

Fase	Nº. de Ordem	Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas	Pré-requisitos
1ª	1.	GCH003	História da filosofia antiga	04	60	
	2.	GEX002	Introdução à informática	04	60	
	3.	GCH011	Introdução ao pensamento social	04	60	
	4.	GLA001	Leitura e produção textual I	04	60	
	5.	GEX001	Matemática instrumental	04	60	
Subtotal				20	300	
2ª	6.	GEX006	Estatística básica	04	60	
	7.	GCH009	História da filosofia medieval	04	60	
	8.	GLA004	Leitura e produção textual II	04	60	
	9.	GCS011	Meio ambiente, economia e sociedade	04	60	
	10.	GCH008	Iniciação à prática científica	04	60	
Subtotal				20	300	
3ª	11.	GCH041	Ética e filosofia política antiga	04	60	
	12.	GCH028	Filosofia da educação	04	60	
	13.	GCH024	Fundamentos da educação	03	45	
	14.	GCH039	História da filosofia moderna	04	60	
	15.	GCH010	Lógica I	04	60	
Subtotal				19	285	
4ª	16.	GCH013	Didática geral	03	45	
	17.	GCH042	História da filosofia contemporânea	04	60	
	18.	GCH040	Lógica II	04	60	
	19.	GCH079	Metodologia do ensino de filosofia	04	60	



	20.	GCH035	Política educacional e legislação do ensino no Brasil	03	45	
Subtotal				18	270	
5 ^a	21.	GCH139	Estágio curricular supervisionado I	07	105	
	22.	GCH045	Ética	04	60	
	23.	GCH082	Ontologia I	04	60	
	24.	GCH080	Teoria do conhecimento	04	60	
	25.	GCH050	Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	03	45	
Subtotal				22	330	
6 ^a	26.	GCH085	Dialética e teoria crítica	04	60	
	27.	GCH140	Estágio curricular supervisionado II	07	105	21
	28.	GCH081	Epistemologia	04	60	
	29.	GCH047	Filosofia política I	04	60	
	30.	GCH083	Ontologia II	04	60	
Subtotal				23	345	
7 ^a	31.	GCH043	Antropologia filosófica	04	60	
	32.	GCH141	Estágio curricular supervisionado III	08	120	27
	33.	GCH093	Filosofia da linguagem	04	60	
	34.	GCH048	Filosofia política II	02	30	
	35.		Optativa I	04	60	
	36.	GCH136	Trabalho de conclusão de curso I	02	30	
Subtotal				24	360	
8 ^a	37.	GCH142	Estágio curricular supervisionado IV	05	75	32
	38.	GCH044	Estética	04	60	
	39.	GCH086	Ética prática: bioética e ética ambiental	04	60	
	40.	GCH084	Hermenêutica	04	60	
	41.		Optativa II	04	60	
	42.	GCH137	Trabalho de Conclusão de Curso II	02	30	36
Subtotal				23	345	
9 ^a	43.	GCS010	Direitos e cidadania	04	60	
	44.	GLA045	Língua brasileira de sinais (Libras)	04	60	
	45.		Optativa III	04	60	
	46.	GCH138	Trabalho de conclusão de curso III	02	30	42
	47.	GCH029	História da Fronteira Sul	04	60	
	48.	GCH012	Fundamentos da Crítica Social	04	60	
Subtotal				22	330	
Subtotal Geral				191	2865	
Atividades Curriculares Complementares				14	210	
TOTAL GERAL				205	3075	



Componentes curriculares optativos

Turno Noturno

N.º de Ordem	Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas	Pré-Requisitos
49	GCH417	Filosofia da mente	04	60	
50	GCH418	Filosofia da natureza	04	60	
51	GCH419	Filosofia do direito	04	60	
52	GCH420	Filosofia na América Latina	04	60	
53	GCH421	Filosofia da Biologia	04	60	
54	GCH398	Tópicos Especiais em Ontologia I	04	60	
55	GCH423	Tópicos Especiais em Ontologia II	04	60	
56	GCH424	Tópicos Especiais em Ontologia III	04	60	
57	GCH425	Tópicos Especiais em Ontologia IV	04	60	
58	GCH426	Tópicos Especiais em Epistemologia I	04	60	
59	GCH427	Tópicos Especiais em Epistemologia II	04	60	
60	GCH428	Tópicos Especiais em Epistemologia III	04	60	
61	GCH429	Tópicos Especiais em Epistemologia IV	04	60	
62	GCH399	Tópicos Especiais em Ética I	04	60	
63	GCH431	Tópicos Especiais em Ética II	04	60	
64	GCH432	Tópicos Especiais em Ética III	04	60	
65	GCH433	Tópicos Especiais em Ética IV	04	60	
66	GCH401	Tópicos Especiais em Filosofia Política I	04	60	
67	GCH435	Tópicos Especiais em Filosofia Política II	04	60	
68	GCH436	Tópicos Especiais em Filosofia Política III	04	60	
69	GCH437	Tópicos Especiais em Filosofia Política IV	04	60	

9.3 Componentes curriculares de formação básica (Domínio Comum)

COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas	Pré-Requisitos
Leitura e produção textual I	04	60	
Leitura e produção textual II	04	60	
Matemática instrumental	04	60	
Estatística básica	04	60	
Introdução à informática	04	60	
Direitos e cidadania	04	60	
Introdução ao pensamento social	04	60	
Meio ambiente, economia e sociedade	04	60	
Iniciação à prática científica	04	60	
Fundamentos da crítica social	04	60	
História da fronteira Sul	04	60	
Total	44	660	



9.4 componentes curriculares de formação profissional (Domínio Específico)

COMPONENTE CURRICULAR	Horas	Créditos
História da filosofia antiga	60	04
História da filosofia medieval	60	04
História da filosofia moderna	60	04
História da filosofia contemporânea	60	04
Lógica I	60	04
Lógica II	60	04
Teoria do conhecimento	60	04
Epistemologia	60	04
Filosofia da linguagem	60	04
Ontologia I	60	04
Ontologia II	60	04
Estética	60	04
Ética e filosofia política antiga	60	04
Ética	60	04
Ética prática: bioética e ética ambiental	60	04
Filosofia política I	60	04
Filosofia política II	30	02
Antropologia filosófica	60	04
Dialética e teoria crítica	60	04
Hermenêutica	60	04
Filosofia da educação	60	04
Optativa I	60	04
Optativa II	60	04
Metodologia de ensino da filosofia	60	04
Trabalho de conclusão de curso I	30	02
Trabalho de conclusão de curso II	30	02
Trabalho de conclusão de curso III	30	02
Optativa III	60	04
Total	1560	104

9.5 Componentes curriculares de formação teórico-prática (Domínio Conexo)

COMPONENTE CURRICULAR	Horas	Créditos
Teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano	45	03
Didática geral	45	03
Língua brasileira de sinais (Libras)	60	04
Política educacional e legislação do ensino no Brasil	45	03
Fundamentos da educação	45	03
Total	240	16



9.6 Estágio curricular supervisionado

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Horas	Créditos
	Estágio curricular supervisionado I	105	7
	Estágio curricular supervisionado II	105	7
	Estágio curricular supervisionado III	120	8
	Estágio curricular supervisionado IV	75	5
	Total	405	27

9.7 Atividades curriculares complementares

COMPONENTE CURRICULAR	Horas	Créditos
Atividades curriculares complementares	210	14
Total	210	14

9.8 Total da carga horária

DESCRIÇÃO	Horas
Conteúdos Científico-Culturais (Domínio Específico + Domínio Comum)	2220
Formação teórico-prática (Domínio Conexo)	240
Estágio curricular supervisionado	405
Atividades curriculares complementares	210
Total	3075

9.9 Natureza dos componentes curriculares

A seguir descrevemos a natureza dos componentes curriculares previstos na matriz do curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura.

9.9.1 Componentes Curriculares Obrigatórios:

No decorrer do curso, conforme demonstrado na matriz curricular e nos quadros seguintes, são acionados conhecimentos que contemplam um conjunto de componentes curriculares comuns a todos os cursos de graduação da UFFS, denominado



como **Domínio comum**, que apresentam conteúdos voltados para a formação profissional e cidadã, com ênfase em fundamentos ontológicos, histórico-sociais e ético-epistemológicos. A finalidade do **Domínio comum** é:

a) desenvolver em todos os estudantes da UFFS as habilidades e competências instrumentais consideradas fundamentais para o bom desempenho de qualquer profissional (capacidade de análise, síntese, interpretação de gráficos, tabelas, estatísticas; capacidade de se expressar com clareza; dominar minimamente as tecnologias contemporâneas de informação e comunicação); e

b) despertar nos estudantes a consciência sobre as questões que dizem respeito ao convívio humano em sociedade, às relações de poder, às valorações sociais, à organização sócio-político-econômica e cultural das sociedades, nas suas várias dimensões (municipal, estadual, nacional, regional, internacional).

Outro conjunto de conteúdos curriculares, comuns aos cursos de formação de professores, é denominado pela UFFS de **Domínio conexo** e contempla elementos da formação e atuação profissional docente. De acordo com o PPI da UFFS, entende-se por Domínio Conexo o conjunto de disciplinas que se situam em espaço de interface de vários cursos, sem, no entanto, poderem ser caracterizadas como exclusivas de um ou de outro.

No caso do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura, compõem este conjunto disciplinas da área pedagógica, as quais tem por finalidade situar e habilitar o aluno do curso para a prática docente. Essas disciplinas são comuns aos cursos de licenciatura da UFFS.

O conjunto de conteúdos específicos são apresentados como **Domínio específico** e estão distribuídos em disciplinas ao longo do curso. Nestas disciplinas, parte da carga horária é destinada para a prática como componente curricular, estágio, trabalho de conclusão de curso, atividades curriculares complementares e disciplinas optativas. Essas modalidades de componentes curriculares estão melhor explicados na sequência.



9.9.2 Disciplinas Optativas:

São disciplinas que oferecem conteúdos suplementares à formação profissional, que visam atender as demandas e discussões advindas das salas de aula, garantindo flexibilidade e atualização à matriz curricular. Tais disciplinas também se constituem em importante espaço para apresentação e debate de resultados de pesquisas recentes feitas pelos docentes pesquisadores vinculados ao Curso, garantindo, dessa forma, uma ponte real entre pesquisa e docência (ensino) já no nível de graduação. Os critérios para seleção e oferta das optativas I, II e III, em cada semestre, serão definidos pelo Colegiado do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura.

9.9.3 Estágio curricular obrigatório:

O estágio curricular é um componente obrigatório, indispensável à consolidação dos desempenhos profissionais desejados inerentes ao perfil do formando e tem como objetivo vivenciar as várias etapas da atividade docente. Assim, o Estágio Curricular abrange desde as atividades de observação até a realização da mediação dos aspectos teóricos pertinentes às diferentes áreas da Filosofia, verificados em aula com a prática pedagógica. Essa atividade permite ao acadêmico compreender o que foi visto na realidade da escola, podendo assim realizar o entrelaçamento entre a prática pedagógica e os conceitos teóricos que são discutidos e desenvolvidos em âmbito acadêmico, através da supervisão direta dos docentes da UFFS.

O Estágio configura-se como uma parte fundamental do processo educativo do acadêmico, e também se apresenta como oportunidade de conhecer e diagnosticar problemas e possibilidades pedagógicas, sugerindo e implantando ações prático-educativas no âmbito da sala de aula. E, para que tal processo ocorra a contento, faz-se necessária a preparação de um consistente planejamento do estudo.

O planejamento do estudo constitui a etapa em que o estagiário passa a utilizar os chamados métodos particulares, pelo fato de estar preocupado essencialmente com as técnicas de investigação. Ele não deve supor que estas operações sejam algo fixo e imutável.



Os Estágios Curriculares desenvolvidos no curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura, através do levantamento de oportunidades, supõem desenvolvimento de um projeto para que as expectativas do acadêmico e da instituição não entrem em conflito.

9.9.4 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC:

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – é parte integrante da matriz curricular do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura e se estrutura em três disciplinas obrigatórias: TCC I, TCC II e TCC III. A finalidade dessas disciplinas é de acompanhar e auxiliar os estudantes na construção de um projeto de pesquisa filosófica (TCC I), bem como de orientá-los na execução desse mesmo projeto (TCC II e TCC III).

No primeiro momento, os acadêmicos terão a apresentação das bases gerais de uma monografia, ou seja, sua estrutura formal, o processo de pesquisa em si e sua relevância para a sociedade e para o âmbito da filosofia enquanto saber historicamente desenvolvido e as possibilidades da pesquisa filosófica.

Ulteriormente, os acadêmicos deverão formalizar a escolha de orientador escolhido junto ao corpo docente do curso, em acordo com o colegiado do curso, para que possam efetivar e dar andamento à pesquisa enquanto texto original e individual a ser produzido dentro das tradicionais e costumeiras linhas de pesquisa de âmbito filosófico.

E, por fim, os acadêmicos deverão preparar a versão final de suas monografias, que serão apresentadas a uma banca constituída especificamente para este fim. Ressalta-se que o trabalho de conclusão de curso é um pré-requisito para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia, pois se entende que é por meio dele que o acadêmico terá a oportunidade de se aprofundar em um conteúdo específico dentre aqueles estudados ao longo do curso, o que contribuirá para projetar sua carreira como pesquisador nos níveis da pós-graduação.



9.9.5 Atividades curriculares complementares:

As atividades complementares são componentes curriculares que possibilitam o reconhecimento de habilidades, conhecimentos e competências adquiridas no ambiente escolar ou fora dele, abrangendo a prática de estudos e atividades independentes, a participação em projetos de pesquisa e extensão, atividades de monitoria, participação em eventos e demais atividades previstas por tal normatização.

O cômputo das atividades realizadas pelos acadêmicos será realizado periodicamente pelo coordenador de curso, mediante sua requisição e comprovação formal e documentada pelos alunos regularmente matriculados no curso, e estará disponível para a consulta em sistema acadêmico online.

9.9.6 Prática como componente curricular

A Prática de Componentes Curriculares (PCCs) comporá 400 h/a no computo geral da carga horária total a ser cumprida pelos estudantes do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura. O objetivo da realização das PCCs não se restringe à mera e suposta transposição didática de conteúdos teóricos específicos da tradição filosófica para o ensino escolar, de forma a, simplesmente, produzir-se “material didático” sobre os mesmos conteúdos. Ao contrário disso, a realização das PCCs objetiva a sensibilização dos estudantes de filosofia, ao longo de todo o curso, desde seu começo, para a necessidade de reflexão e preocupação com a relevância e potencialidade da presença de conteúdos e problemas filosóficos, oriundos da Tradição Filosófica Ocidental, no contexto geral da Educação Básica, bem como em contextos específicos da escola. Portanto, a possível adaptação de tais conteúdos e problemas teórico-filosóficos ao contexto da escola básica (nos âmbitos dos ensinos fundamental e médio) deve ser visto como uma consequência da realização das PCCs, e não como seu objetivo primeiro ou máximo.

A forma de realização das PCCs se dará através da elaboração obrigatória de trabalhos (na forma de planos de aula, de textos dirigidos para estudantes de educação básica, de propostas, teóricas, metodológicas e didáticas, etc.) pelos estudantes do curso de Filosofia em relação às seguintes disciplinas do Domínio Específico do curso:



História da Filosofia Antiga; História da Filosofia Medieval; História da Filosofia Moderna; História da Filosofia Contemporânea; Lógica I; Lógica II; Ética e Filosofia Política Antiga; Ética; Ética Prática: Bioética e Ética Ambiental; Estética; Filosofia Política I; Filosofia Política II; Antropologia Filosófica; Teoria do Conhecimento; Epistemologia; Ontologia I; Ontologia II; Filosofia da Linguagem; Hermenêutica; Dialética e Teoria Crítica. Ressalta-se que tais trabalhos não comporão notas para essas disciplinas específicas do curso, embora devam ser definidos, em sua forma, e encaminhados pelos professores responsáveis pelas mesmas disciplinas. Por fim, após exame do professor responsável pela disciplina em que as PCCs estão vinculadas, e devido retorno aos estudantes (através de comentários do professor, seminários ou qualquer outra forma de avaliação e socialização dos mesmos trabalhos de PCC), tais trabalhos deverão ser arquivados junto à coordenação do curso.



9.10 Ementários, objetivos bibliografias básicas e complementares dos componentes curriculares

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH003	HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA	04	60
EMENTA			
Contexto e problemas da Filosofia Antiga. Mito, poesia e literatura grega. O surgimento da filosofia na Grécia. Principais autores e escolas: Pré-socráticos, Sócrates, Sofistas, Platão, Aristóteles e Escolas Helenísticas.			
OBJETIVO			
Introduzir o estudante nos principais temas da filosofia antiga e possibilitar a compreensão de seus conceitos fundamentais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARISTÓTELES. Metafísica . Tradução de Giovanni Reale. Trad. para o português Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005. 3 v.			
KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os filósofos pré-socráticos . Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.			
LAËRTIOS, Diôgenes. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres . Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: UNB, 1987.			
SOUZA, José Cavalcante de (Org.). Os Pré-Socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários . São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Col. "Os Pensadores", v. I).			
PLATÃO. Diálogos . Tradução de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007. v. I, II, III, IV, V.			
SOFISTAS. Testemunhos e fragmentos . Tradução de Ana A. A. de Souza e Maria J. V. Pinto. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
GUTHRIE, W. K. C. Historia de la filosofía griega . Tradução de Alberto Medina González. Madrid: Editorial Gredos, 1992. 6 v.			
HADOT, Pierre. O que é a filosofia antiga? Tradução de Dion D. Macedo. São Paulo: Loyola, 1999.			
HEIDEGGER, Martin. Parmênides . Petrópolis: Vozes, 2008.			
HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses . Tradução de Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.			
HOMERO. Ilíada . Tradução de Carlos Alberto Nunes. 5. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.			
HOMERO. Odisséia . Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.			
JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego . Tradução de Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.			
KERFERD, G. B. O movimento sofista . Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2003.			
REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga . Tradução de Henrique C. de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993/4. 5 v.			
ROSSETTI, Livio. Introdução à filosofia antiga: premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho" . Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2006.			
SPINELLI, Miguel. Questões fundamentais da filosofia grega . São Paulo: Loyola, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH029	HISTÓRIA DA FRONTEIRA SUL	04	60
EMENTA			
Estudo da história da Região Sul do Brasil com ênfase nos diferentes aspectos que abrangem a dinâmica de desenvolvimento dos três estados. Questões fronteiriças. Processos de povoamento, despovoamento e colonização. Construções socioculturais.			
OBJETIVO			
Compreender o processo de formação da Região Sul do Brasil por meio da análise de aspectos históricos do contexto de povoamento, despovoamento e colonização.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AXT, Gunter. As guerras dos gaúchos : história dos conflitos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.			
BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. História Geral do Rio Grande do Sul . Passo Fundo: Méritos, 2006. 6 v.			
CEOM. Para uma história do Oeste Catarinense . 10 anos de CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995.			
MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado : a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: UNICAMP, 2004.			
RENK, Arlene. A luta da erva : um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.			
WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná . Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALEGRO, Regina Celia et al. (Org.). Temas e questões : para o ensino de história do Paraná. Londrina: EDUEL, 2008.			
BRANCHER, Ana (Org.). História de Santa Catarina : estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.			
CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina . Florianópolis/Rio de Janeiro: Sec/Laudes, 1970.			
GOMES, Iria Zanoni. 1957, a revolta dos posseiros . Curitiba: Edições Criar, 1987.			
HEINSFELD, Adelar. A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no baixo vale do Rio do Peixe/SC . Joaçaba: Edições UNOESC, 1996.			
LINO, Jaisson Teixeira. Arqueologia guarani no vale do Rio Araranguá, Santa Catarina : aspectos de territorialidade e variabilidade funcional. Erechim: Habilis, 2009.			
MOTA, Lucio Tadeu. As guerras dos índios Kaingang : a história épica dos índios Kanigang no Paraná (1769-1924). Maringá: EDUEM, 1994.			
RADIN, José Carlos. Representações da colonização . Chapecó: Argos, 2009.			
SANTOS, Sílvio Coelho dos. Índios e brancos no Sul do Brasil . Florianópolis: Lunardelli, 1973.			
VALENTINI, Delmir José. Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil : a instalação da Lumber e a guerra na região do contestado: 1906-1916. (Tese Doutorado). Porto Alegre: PUC/RS, 2009.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GEX002	INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA	04	60
EMENTA			
Fundamentos de informática. Conhecimentos de sistemas operacionais. Utilização da rede mundial de computadores. Acesso a ambientes virtuais de aprendizagem. Conhecimentos de editor de texto, planilha eletrônica e software de apresentação (textos, gráficos, tabelas, áudios, vídeos e imagens).			
OBJETIVO			
Operar as ferramentas básicas de informática de forma a poder utilizá-las interdisciplinarmente, de modo crítico, criativo e pró-ativo.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CAPRON, H. L.; JOHNSON, J. A. Introdução à Informática . 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.			
NORTON, P. Introdução à Informática . 1. ed. Rio de Janeiro: Makron Books, 1997.			
VELLOSO, Fernando de C. Informática: conceitos básicos . 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.			
ANTONIO, João. Informática para Concursos: teoria e questões . Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2009.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
FEDELI, Ricardo D.; POLLONI, Enrico G. P.; PERES, Fernando E. Introdução à ciência da computação . 2. ed. São Paulo: CENGAGE Learning, 2010.			
HILL, Benjamin Mako; BACON, Jono. O livro oficial do Ubuntu . 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.			
LANCHARRO, Eduardo Alcalde; LOPEZ, Miguel Garcia; FERNANDEZ, Salvador Peñuelas. Informática básica . São Paulo: Pearson Makron Books, 2004.			
MANZANO, André Luiz N. G.; TAKA, Carlos Eduardo M. Estudo dirigido de Microsoft Windows 7 Ultimate . São Paulo: Érica, 2010.			
MANZANO, A. L. N. G.; MANZANO, M. I. N. G. Estudo dirigido de informática básica . 7. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Érica, 2007.			
MEYER, M.; BABER, R.; PFAFFENBERGER, B. Nosso futuro e o computador . Porto Alegre: Bookman, 1999.			
MONTEIRO, M. A. Introdução à organização de computadores . 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.			
OLIVEIRA, Ramon de. Informática educativa . 12. ed. Campinas: Papyrus, 2007.			
SCHECHTER, Renato. BROffice Calc e Writer: trabalhe com planilhas e textos em software livre . Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GLA001	LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL I	04	60
EMENTA			
Língua e Linguagem. Compreensão, produção e circulação de textos orais e escritos de diferentes gêneros. Texto e textualidade. Resumo. Debate. Revisão textual.			
OBJETIVO			
Desenvolver a competência textual-discursiva de modo a fomentar a habilidade de leitura e produção de textos orais e escritos.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristovão. Prática de textos para estudantes universitários . Petrópolis: Vozes, 2008.			
MACHADO, Anna R.; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lilia S. Resumo . São Paulo: Parábola Editorial, 2004.			
MEDEIROS, João B. Redação científica . A prática de fichamento, resumos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.			
PLATÃO, Francisco; FIORIN, José L. Para entender o texto . São Paulo: Ática, 2007.			
SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. Escrever melhor : guia para passar os textos a limpo. São Paulo: Contexto, 2008.			
VIANA, Antonio C. Roteiro de redação : lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 1997.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ABREU, Antônio S. Curso de Redação . 12. ed. São Paulo: Ática, 2003.			
COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e Textualidade . São Paulo: Martins Fontes, 1991.			
COSTE, D. et al. O texto : leitura e escrita. (Organização e revisão técnica da tradução por Charlotte Galvez, Eni Puccinelli Orlandi e Paulo Otoni). 2. ed. rev. Campinas, SP: Pontes, 2002.			
FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristovão. Oficina de texto . Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.			
GARCEZ, Lucília. Técnica de redação : o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2008.			
MOTTA-ROTH, Desirré (Org.). Redação Acadêmica : princípios básicos. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2001.			
MOYSÉS, Carlos A. Língua Portuguesa : atividades de leitura e produção de textos. São Paulo: Saraiva, 2008.			
OLIVEIRA, José P. M. de; MOTTA, Carlos A. P. Como escrever textos técnicos . São Paulo: Thompson, 2005.			
GARCIA, Othon. Comunicação em prosa moderna . 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.			
SILVEIRA MARTINS, Dileta; ZILBERKNOP, Lúbia S. Português Instrumental : de acordo com as atuais normas da ABNT. 27. ed. São Paulo: Atlas, 2010.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GEX001	MATEMÁTICA INSTRUMENTAL	04	60
EMENTA			
Noções de lógica. Noções de conjuntos. Relações. Funções. Trigonometria. Matrizes e Sistemas Lineares. Noções de Matemática Financeira. Sistemas de medidas. Geometria Plana e Espacial.			
OBJETIVO			
Utilizar conceitos e procedimentos em situações-problema para analisar dados, elaborar modelos, resolver problemas e interpretar suas soluções; sintetizar, criticar, deduzir, construir hipóteses, estabelecer relações e comparações, detectar contradições, decidir, organizar, expressar-se e argumentar com clareza, coerência e coesão.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BATSCHLET, E. Introdução à Matemática para Biocientistas . São Paulo: Interciência e EDUSP, 1978.			
IEZZI, G.; MURAKAMI, C. et al. Fundamentos de matemática elementar . 7. ed. São Paulo: Atual, 1999. 11 v.			
LEITHOLD, L. O. Cálculo com Geometria Analítica . São Paulo: Editora HARBRA, 1994. v. 1.			
LIMA, Elon Lages; CARVALHO, P. C. P.; WAGNER, E. et al. A matemática do ensino médio . 5. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2001. 3 v.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BASSANEZI, R. C. Ensino-aprendizagem com modelagem matemática . São Paulo: Contexto, 2004.			
CARVALHO, Paulo César Pinto. Introdução à geometria espacial . Rio de Janeiro: SBM, 1993.			
EVES, H. Introdução à história da matemática . 3. ed. Campinas: Unicamp, 2002.			
HEFEZ, Abramo. Elementos de Aritmética . Rio de Janeiro: Textos Universitários – IMPA, 2005.			
LIMA, Elon Lages. Medida e forma em geometria . Rio de Janeiro: SBM, 1997.			
MILIES, Francisco César Polcino; COELHO, Sônia Pitta. Números: uma introdução à matemática . São Paulo: EDUSP, 2003.			
MOREIRA, Plínio; DAVID, Maria Manuela. A formação matemática do professor, licenciatura e prática docente escolar . Belo Horizonte: Autêntica, 2005.			
NEWTON-SMITH, W. H. Lógica: um curso introdutório . Lisboa: Editora Gradiva, 1998.			
SCHLIEMANN, Ana Lúcia, CARRAHER, David. Na vida dez, na escola zero . 10. ed. São Paulo: Cortez editora, 1995.			
SÉRATES, J. Raciocínio lógico: lógico matemático, lógico quantitativo, lógico numérico, lógico analítico, lógico crítico . 5. ed. Brasília: Gráfica e Editora Olímpica Ltda, 1997.			
WAGNER, Eduardo. Construções geométricas . Rio de Janeiro: SBM, 2001.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GEX006	ESTATÍSTICA BÁSICA	04	60
EMENTA			
Noções básicas de Estatística. Séries e gráficos estatísticos. Distribuições de frequências. Medidas de tendência central. Medidas de dispersão. Medidas separatrizes. Análise de Assimetria. Noções de amostragem e inferência.			
OBJETIVO			
Utilizar ferramentas da estatística descritiva para interpretar, analisar e sintetizar dados estatísticos com vistas à compreensão de contextos diversos.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BARBETTA, P. A. Estatística aplicada às Ciências Sociais . 7. ed. Florianópolis: UFSC, 2008.			
BUSSAB, Wilton de Oliveira; Morettin, Pedro Alberto. Estatística Básica . 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.			
CRESPO, A. A. Estatística Fácil . 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.			
FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. Curso de Estatística . 6. ed. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.			
PINHEIRO, João Ismael D. et al. Estatística Básica: a arte de trabalhar com dados . Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.			
TOLEDO, G. L.; OVALLE, I. I. Estatística Básica . 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BORNIA, Antonio Cezar; REIS, Marcelo Menezes; BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística para cursos de engenharia e informática . 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.			
BUSSAB, Bolfarine H.; BUSSAB, Wilton O. Elementos de Amostragem . São Paulo: Blucher, 2005.			
CARVALHO, S. Estatística Básica: teoria e 150 questões . 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.			
LAPPONI, Juan Carlos. Estatística usando Excel . 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.			
MAGALHÃES, Marcos Nascimento; LIMA, Antônio Carlos Pedroso de. Noções de Probabilidade e Estatística . 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.			
MONTGOMERY, Douglas C.; RUNGER, George C.; HUBELE, Norma F. Estatística aplicada à Engenharia . 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.			
TRIOLA, Mario F. Introdução à Estatística . 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.			
SILVA, E. M. et al. Estatística para os cursos de: Economia, Administração e Ciências Contábeis . 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.			
SPIEGEL, M. R. Estatística . 3. ed. São Paulo: Makron Books, 1993.			
VIEIRA, S.; HOFFMANN, R. Elementos de Estatística . 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH009	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL	04	60
EMENTA			
As relações entre as filosofias pagãs antigas e o cristianismo nascente. A patrística grega e a patrística latina. O pensamento de Santo Agostinho. Questões teóricas na filosofia medieval: lógica, dialética e a querela dos universais. O surgimento das universidades. O pensamento de São Tomás de Aquino. A escolástica. As questões em torno da fé e da razão. Questões éticas e políticas no pensamento medieval. A passagem da filosofia medieval para o pensamento moderno.			
OBJETIVO			
Introduzir o estudante nos principais temas da filosofia medieval e proporcionar uma visão sobre o entrelaçamento entre fé e razão.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BOÉCIO, Severino. A consolação da Filosofia . São Paulo: Martins Fontes, 1998.			
DE BONI, Luís Alberto. Filosofia medieval: textos . Porto Alegre: Edipucrs, 2000.			
OCKHAM, Guilherme de. Lógica dos Termos . Porto Alegre: Edipucrs, 1999.			
CUSA, Nicolau de. A douda ignorância . Tradução de Reinholdo A. Ullmann. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.			
SANTO AGOSTINHO. A trindade . São Paulo: Paulus, 1994.			
SANTO AGOSTINHO. Confissões . Petrópolis: Vozes, 2009.			
SANTO ANSELMO. Monólogo; Proslógio; A Verdade; O gramático . São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção: Os Pensadores).			
AQUINO, Tomás de. Suma teológica . São Paulo: Loyola, 2001. 9 v.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CRESCENZO, Luciano de. História da Filosofia Medieval . Rio de Janeiro: Rocco, 2006.			
DE BONI, Luis Alberto. A ciência e a organização dos saberes na Idade Média . Porto Alegre: Edipucrs, 2000.			
GILSON, Etienne. A filosofia na Idade Média . São Paulo: Martins Fontes, 1998.			
GILSON, Etienne. O espírito da filosofia medieval . São Paulo: Martins Fontes, 2006.			
LE GOFF, Jacques. Os intelectuais na Idade Média . 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.			
LEITE JR., Pedro. O problema dos universais: a perspectiva de Boécio, Abelardo e Ockham . Porto Alegre: Edipucrs, 2001.			
LIBERA, Alain de. A Filosofia Medieval . São Paulo: Loyola, 1998.			
MCGRADY, Arthur Stephen. Filosofia medieval . Aparecida: Idéias & Letras, 2008.			
MORESCHINI, Cláudio. História da Filosofia Patrística . São Paulo: Loyola, 2008.			
PIAIA, Gregório. Entre história e imaginário: o passado da filosofia na Idade Média . Porto Alegre: Edipucrs, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GLA004	LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL II	04	60
EMENTA			
Compreensão, produção e circulação de textos orais e escritos da esfera acadêmica e profissional: seminário, resenha, artigo. Mecanismos de textualização e de argumentação dos gêneros acadêmicos e técnicos. Tópicos gramaticais. Revisão textual.			
OBJETIVO			
Desenvolver a competência textual-discursiva de modo a fomentar a habilidade de leitura e produção de textos orais e escritos nas esferas acadêmica e profissional.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CITELLI, Adilson. O texto argumentativo . São Paulo: Scipione, 1994.			
ECO, Umberto. Como se faz uma tese . São Paulo: Perspectiva, 1989.			
MACHADO, Anna R.; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. Resenha . São Paulo: Parábola Editorial, 2004.			
MEDEIROS, João B. Redação científica . São Paulo: Atlas, 2009.			
MOTTA-ROTH, Desirré (Org.). Redação acadêmica: princípios básicos . Santa Maria: Imprensa Universitária, 2001.			
SILVEIRA MARTINS, Dileta; ZILBERKNOP, Lúbia S. Português Instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT . 27. ed. São Paulo: Atlas, 2010.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de comunicação escrita . São Paulo: Ática, 2005.			
COSTE, D. (Org.). O texto: leitura e escrita . Campinas: Pontes, 2002.			
FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristovão. Oficina de texto . Petrópolis: Vozes, 2003.			
GARCEZ, Lucília. Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever . São Paulo: Martins Fontes, 2008.			
KOCH, Ingedore V. O texto e a construção dos sentidos . São Paulo: Contexto, 1997.			
_____. Desvendando os segredos do texto . São Paulo: Cortez, 2009.			
MOYSÉS, Carlos A. Língua Portuguesa: atividades de leitura e produção de texto . São Paulo: Saraiva, 2009.			
PLATÃO, Francisco; FIORIN, José L. Lições de texto: leitura e redação . São Paulo: Ática, 2006.			
SOUZA, Luiz M.; CARVALHO, Sérgio. Compreensão e produção de textos . Petrópolis: Vozes, 2002.			
COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e textualidade . São Paulo: Martins Fontes, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
CGH010	LÓGICA I	4	60h
EMENTA			
Introdução ao estudo da Lógica: definições e conceitos fundamentais. Breve histórico da lógica. Uma introdução à lógica de Aristóteles. A lógica entre os medievais. O quadrado lógico. Lógica Clássica: O Cálculo Proposicional, simbolização de sentenças e argumentos, Tabelas de Verdade e Árvores de Refutação.			
OBJETIVO			
Analisar o desenvolvimento histórico da lógica no período antigo e medieval e introduzir os estudantes nos procedimentos básicos de formalização de argumentos e sentenças.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARISTÓTELES. Órganon : Categorias; Da interpretação; Analíticos anteriores; Analíticos posteriores; Tópicos; Refutações sofisticas. 2. ed. rev. Tradução de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010. ARISTOTELES. Retórica . São Paulo: Rideel, 2007. ABELARDO, P. Lógica para principiantes . São Paulo: Abril Cultural, 1972-1976. (Coleção Os Pensadores). BLANCHE, R.; DUBUCS, J. História da Lógica . Tradução de António Pinto Ribeiro e Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 1996. OCKHAM, Guilherme de. Lógica dos Termos . Porto Alegre: Edipucrs, 1999. HEGENBERG, Leonidas. Dicionário de lógica . São Paulo: EPU, 1995. MARGUTTI PINTO, P. R. Introdução à lógica simbólica . Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. MORTARI, C. Introdução à Lógica . São Paulo: Unesp, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
AZEREDO, V. D. de (Coord.). Introdução à lógica . 3. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2004. BASTOS, C.; KELLER, V. Aprendendo Lógica . 19. ed. Rio De Janeiro: Vozes, 2011. BASTOS, C.; KELLER, V. Aprendendo Lógica . Rio De Janeiro: Vozes, 2000. BOLL, Marcel; REINHART, Jacques. A história da lógica . Lisboa: Edições 70, 1992. COPI, I. M. Introdução à lógica . 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978. LUNGARZO, Carlos. O que é lógica . São Paulo: Brasiliense, 1990. NAHRA, Cinara; WEBER, Ivan Hingo. Através da lógica . Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. PHILIPPE, M. D. Introdução à filosofia de Aristóteles . São Paulo: Paulus, 2002. SALMON, W. C. Lógica . 3. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002. SÉRATES, Jonofon. Raciocínio lógico : lógico matemático, lógico quantitativo, lógico numérico, lógico analítico, lógico crítico. 9. ed. Brasília: Jonofon, 2000. v. 1			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH008	INICIAÇÃO À PRÁTICA CIENTÍFICA	04	60
EMENTA			
O contexto da Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. Epistemologia da Ciência. Instrumentos, métodos científicos e normas técnicas. Projeto, execução e publicação da pesquisa. A esfera político-acadêmica: instituições de fomento à pesquisa. Ética na pesquisa científica, propriedade intelectual e autoria. Associações de pesquisa e eventos científicos.			
OBJETIVO			
Proporcionar reflexões sobre as relações existentes entre universidade, sociedade e conhecimento científico e fornecer instrumentos para iniciar o acadêmico na prática da atividade científica.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. Educação e emancipação . São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.			
ALVES, R. Filosofia da Ciência : introdução ao jogo e as suas regras. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.			
CHAUI, M. Escritos sobre a Universidade . São Paulo: Ed. UNESP, 2001.			
HENRY, J. A Revolução Científica : origens da ciência moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.			
JAPIASSU, Hilton F. Epistemologia . O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Série Logoteca).			
MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.			
SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico . 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
APPOLINÁRIO. Metodologia da ciência : filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2006.			
D'ACAMPORA, A. J. Investigação científica . Blumenau: Nova Letra, 2006.			
GALLIANO, A. G. O Método Científico : teoria e prática. São Paulo: HARBRA, 1986.			
GIACOIA JR, O. Hans Jonas. O princípio responsabilidade. In: OLIVEIRA, M. A. Correntes fundamentais da ética contemporânea . Petrópolis: Vozes, 2000. p. 193-206.			
GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social . 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.			
GONSALVES, E. P. Iniciação à Pesquisa Científica . Campinas: Alínea, 2001.			
MORIN, E. Ciência com Consciência . Lisboa, Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1994.			
OMMÈS, R. Filosofia da ciência contemporânea . São Paulo: Unesp, 1996.			
REY, L. Planejar e Redigir Trabalhos Científicos . 4. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2003.			
SANTOS, A. R. dos. Metodologia científica : a construção do conhecimento. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.			
SILVER, Brian L. A escalada da ciência . 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS010	DIREITOS E CIDADANIA	04	60
EMENTA			
<p>Origens da concepção de cidadania: Grécia e Roma. O processo moderno de constituição dos direitos civis, políticos e sociais. Alcance e limites da cidadania burguesa. A tensão entre soberania popular e direitos humanos. Políticas de reconhecimento e cidadania. Relação entre Estado, mercado e sociedade civil na configuração dos direitos. Direitos e cidadania no Brasil na Constituição de 1988: a) Direitos políticos; b) Direito à saúde; c) Direito à educação; d) Financiamento dos direitos fundamentais no Brasil. A construção de um conceito de cidadania global.</p>			
OBJETIVO			
<p>Permitir ao estudante uma compreensão adequada acerca dos interesses de classe, das ideologias e das elaborações retórico-discursivas subjacentes à categoria cidadania, de modo possibilitar a mais ampla familiaridade com o instrumental teórico apto a explicar a estrutural ineficácia social dos direitos fundamentais e da igualdade pressuposta no conteúdo jurídico-político da cidadania na modernidade.</p>			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
<p>BOBBIO, Norberto. A Era dos Direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992. CARVALHO, José Murilo. Desenvolvimento da cidadania no Brasil. México: Fundo de Cultura Econômica, 1995. HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003. MARSHALL, T. H. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. São Paulo: Boitempo, 2005. TORRES, Ricardo Lobo (Org.). Teoria dos Direitos Fundamentais. 2. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.</p>			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
<p>BRASIL. Constituição da República Brasileira. Brasília, 1988. CAMPOS, Gastão Wagner de Souza et al. (Org.). Tratado de saúde coletiva. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. DAL RI JÚNIO, Arno; OLIVERIA, Odete Maria. Cidadania e nacionalidade: efeitos e perspectivas nacionais, regionais e globais. Ijuí: Unijuí, 2003. FINKELMAN, Jacobo (Org.). Caminhos da Saúde Pública no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. HABERMAS, Jürgen. A inclusão do outro: estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002. IANNI, Octavio. A sociedade global. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008. LOSURDO, Domenico. Democracia e Bonapartismo. Editora UNESP, 2004. REZENDE, A. L. M. de. Saúde, dialética do pensar e do fazer. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989. SAES, Décio Azevedo. Cidadania e capitalismo: uma crítica à concepção liberal de cidadania. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/16saes.pdf>. SANTOS, Wanderley G. Cidadania e justiça. Rio de Janeiro: Campus, 1977. SARLET, Ingo Wolfgang. A eficácia dos Direitos Fundamentais. 9. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.</p>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH041	ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA ANTIGA	4	60
EMENTA			
Introdução aos problemas da Ética e da Filosofia Política na Grécia Antiga. Diferença entre ética e moral. As diferentes concepções de éticas: socrática, platônica, aristotélica, helenista. A filosofia política clássica: Platão e Aristóteles.			
OBJETIVO			
Introduzir o acadêmico no debate ético, apresentando as diferentes éticas que tiveram espaço na tradição grega, assim como a filosofia política desenvolvida naquele período.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco . 2. ed. Bauru: Edipro, 2007. _____. A política . São Paulo: Martins Fontes, 2006. EPICURO. Epicuro/Lucrécio/Cícero/Sêneca/Marco Aurélio . Traduções: A. da Silva, A. Cisneiros, G. D. Leoni, J. Bruna. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção Os Pensadores).			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CHAUI, Marilena. Introdução à História da Filosofia : dos pré-socráticos à Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994. REALE, G. História da filosofia antiga . São Paulo: Paulus, 2003. NIETZSCHE, F. W. A filosofia na idade trágica dos gregos . Tradução: Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa: Edições 70, 1995. BRUN, J. O estoicismo . Lisboa: Edições 70, 1986. BRUN, J. O epicurismo . Lisboa: Edições 70, 1987. LAÉRTIOS, Diógenes. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres . Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1988. DUMONT, J. P. A filosofia antiga . Lisboa: Edições 70, 1981. MONDOLFO, R. O pensamento antigo . Tradução L. G. da Motta. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1996. v. 2.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH039	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA	4	60
EMENTA			
O Renascimento e a ciência moderna. Racionalismo. Empirismo. Contratualismo. Iluminismo. Romantismo Alemão. Idealismo. Ceticismo de David Hume. Criticismo Kantiano. Marxismo.			
OBJETIVO			
Apresentar os principais textos filosóficos e respectivos autores que sintetizam a expressão do pensamento filosófico na modernidade.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DESCARTES, R. Discurso sobre o método . São Paulo: Martins Fontes, 2007. _____. Meditações Metafísicas . São Paulo: Martins Fontes, 2005. KANT, I. Crítica da Razão Pura . 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997. HOBBES, T. Do cidadão . 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. HOBBES, T. Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil . São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores). LOCKE, J. Ensaio acerca do entendimento humano . São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os Pensadores). SPINOZA, B. Ética . Belo Horizonte: Autêntica, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BACON, F. Novum Organum . São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os Pensadores). BERKELEY, G. Tratado sobre os princípios do conhecimento humano . São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os Pensadores). DELEUZE, G. A filosofia crítica de Kant . Lisboa: Edições 70, 1983. FICHTE, J. G. A doutrina-da-ciência de 1794 e outros escritos . São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores). HEGEL, G. W. F. Fenomenologia do espírito . Petrópolis: Vozes, 2002. HUME, D. Investigação acerca do entendimento humano . São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores). LEIBNIZ, G. W. Monadologia . Madrid: Biblioteca Nueva, s/d. MONTESQUIEU. Do espírito das leis . São Paulo: Nova Cultural, 2005. v. 1. (Coleção Os Pensadores). ROUSSEAU, J. J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens . São Paulo: Nova Cultural, 1999. v. 2. (Coleção Os Pensadores). _____. O contrato social – Os princípios do direito político . 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH011	INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO SOCIAL	04	60
EMENTA			
Cultura e processos sociais: senso comum e desnaturalização. As origens da Sociologia e o Positivismo. Os clássicos da Sociologia: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Temas contemporâneos.			
OBJETIVO			
Proporcionar aos estudantes os instrumentos conceituais e metodológicos que lhes permitam analisar científica e criticamente os fenômenos sociais, políticos e culturais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DURKHEIM, Émile. Sociologia . Org. José Albertino Rodrigues. São Paulo: Editora Ática, 1999.			
LALLEMENT, Michel. História das ideias sociológicas : das origens a Max Weber. Petrópolis: Vozes, 2005.			
LEVINE, Donald N. Visões da tradição sociológica . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.			
MARTINS, Carlos Benedito. O que é sociologia . São Paulo: Brasiliense, 1994.			
IANNI, Octávio (Org.). Karl Marx : Sociologia. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).			
COHN, Gabriel (Org.). Max Weber : Sociologia. Tradução de Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 2. ed. São Paulo: Atica, 1982.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
COMTE, Augusto. Comte . 3. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).			
CORCUFF, Philippe. As novas sociologias : construções da realidade social. Bauru: EDUSC, 2010.			
DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico . São Paulo: Martins Fontes, 2007.			
GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas . Rio de Janeiro: LTC, 2008.			
GIDDENS, Anthony. Sociologia . Porto Alegre: Artmed, 2005.			
MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política . São Paulo: Martins Fontes, 2003.			
OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Org.). Dicionário do pensamento social do século XX . Rio de Janeiro: Zahar, 1996.			
SELL, Carlos. Introdução à sociologia política . Petrópolis: Vozes, 2006.			
MORARES FILHO, Evaristo de (Org.). Georg Simmel : sociologia. São Paulo: Ática, 1983.			
WEBER, Max. Ensaio de Sociologia . Rio de Janeiro: Zahar, 1979.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH040	LÓGICA II	4	60
EMENTA			
Cálculo Proposicional: dedução natural. O Cálculo de Predicados: simbolização de enunciados e argumentos. Lógicas modais. Introdução à lógica multivalente, intuicionista e paraconsistente. Um estudo dos principais tipos de falácias.			
OBJETIVO			
Introduzir os estudantes no conhecimento de diferentes modelos lógicos surgidos a partir da modernidade.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARISTÓTELES. Órganon : Categorias; Da interpretação; Analíticos anteriores; Analíticos posteriores; Tópicos; Refutações sofisticas. 2. ed. rev. Tradução de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010.			
FREGE, G. Investigações lógicas . Porto Alegre: Edipucrs, 2002.			
FREGE, Gottlob. Lógica e Filosofia da Linguagem . São Paulo: Edusp, 2009.			
MARGUTTI PINTO, P. R. Introdução à lógica simbólica . Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.			
MORTARI, C. Introdução à Lógica . São Paulo: Unesp, 2001.			
TUGENDHAT, E.; WOLF, U. Propedêutica Lógico-Semântica . Petrópolis: Vozes, 1996.			
WITTGENSTEIN, L. Tractatus Logico-Philosophicus . 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BOLL, M. A História da Lógica . Lisboa: Edições 70, 1992.			
BRENNAN, Andrew; GOLDSTEIN, Lawrence; DEUSTCH, Max; LAU, Joe Y. F. Lógica . Porto Alegre: Artmed, 2007.			
COSTA, Newton C. A. da. Lógica paraconsistente aplicada . São Paulo: Atlas, 1999.			
HAACK, Susan. Filosofia das Lógicas . Tradução de César Augusto Mortari. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.			
HEGENBERG, Leonidas. Dicionário de lógica . São Paulo: EPU, 1995.			
HEGENBERG, Leonidas. Lógica: o cálculo sentencial . São Paulo: EPU, [s.d.].			
HEGENBERG, Leonidas. O cálculo de predicados . São Paulo: EPU, 2001.			
LUNGARZO, Carlos. O que é lógica . São Paulo: Brasiliense, 1990.			
WALTON, D. N. Lógica informal . São Paulo: Martins Fontes, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH045	ÉTICA	4	60
EMENTA			
Diferença entre éticas teleológicas e deontológicas; metaética, ética normativa e ética prática. Ética cristã. Concepções éticas modernas e contemporâneas: empirismo e moral, ética substancialista, ética kantiana, ética da compaixão, ética niilista, utilitarismo, contratualismo moral, ética de virtudes, ética do discurso.			
OBJETIVO			
Analisar as diferentes correntes teóricas da ética cristã, moderna e contemporânea.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
HABERMAS, Jürgen. Consciência moral e agir Comunicativo . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.			
KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes . São Paulo: Martin Claret, 2003.			
MacINTYRE, Alasdair. Depois da virtude . Bauru: EDUSC, 2001.			
MILL, John Stuart. A Liberdade/Utilitarismo . São Paulo: Martins Fontes, 2000.			
NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral . São Paulo: Companhia das Letras, 1998.			
SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e representação . Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
PINZANI, Alessandro. Habermas . Porto Alegre: Artmed, 2009.			
BORGES, Maria de Lourdes; DALL'AGNOL, Darlei; DUTRA, Delamar J. V. Ética . Rio de Janeiro: DP&A, 2002.			
DUTRA, Delamar V. Kant e Habermas . A reformulação discursiva da moral kantiana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.			
HUME, David. Tratado da natureza humana . São Paulo: Editora da UNESP, 2000.			
RAWLS, John. História da filosofia moral . São Paulo: Martins Fontes, 2005.			
SPINOZA, Baruch. Ética . Belo Horizonte: Autêntica, 2007.			
TUGENDHAT, Ernst. Lições sobre ética . Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.			
WOOD, Allen. Kant . Introdução. Porto Alegre: Artmed, 2008.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH047	FILOSOFIA POLÍTICA I	4	60
EMENTA			
Maquiavel e a separação entre política e moral. Hobbes e o poder soberano. A concepção de estado liberal de Locke. Rousseau e a formação da sociedade democrática. Constitucionalismo. O pensamento político kantiano.			
OBJETIVO			
Introduzir ao aluno modelos fundamentais do pensamento político moderno.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
HOBBS, Thomas. Leviatã . São Paulo: Martins Fontes, 2004.			
KANT, Immanuel. A paz perpétua e outros opúsculos . Lisboa: Edições 70, 2002.			
LOCKE, John. Dois Tratados sobre o governo . São Paulo: Martins Fontes, 1998.			
MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe . São Paulo: Martins Fontes, 2001.			
MONTESQUIEU, Charles Louis De Secondat. O espírito das leis . São Paulo: Martins Fontes, 1996.			
ROUSSEAU, Jean-Jacques. O contrato social . São Paulo: Martins Fontes, 1996.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ASSMANN, Selvino José. Marxismo e liberalismo: utopias revisitadas. In: ARGUELLO, Katie. (Org.). Direito e Democracia . Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.			
BOBBIO, Norberto. Estado, Governo e Sociedade . Para uma teoria geral da política. São Paulo: Paz e Terra, 2001.			
LOCKE, John. Ensaio político . São Paulo: Martins Fontes, 2007.			
PINZANI, Alessandro. Maquiavel e “O Príncipe” . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.			
QUIRINO, Célia; VOUGA, Cláudia; BRANDÃO, Gildo (Org.). Clássicos do pensamento político . São Paulo: Ed. da USP, 1998.			
ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens . São Paulo: L&PM, 2008.			
SKINNER, Quentin. As fundações do pensamento político moderno . São Paulo: Companhia das Letras, 1996.			
SPINOZA, Baruch. Tratado político . São Paulo: Ícone, 1994.			
TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América . São Paulo: Martins Fontes, 2000.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH012	FUNDAMENTOS DA CRÍTICA SOCIAL	04	60
EMENTA			
Elementos de antropologia. Noções de epistemologia, ética e estética. Materialismo e Idealismo. As críticas da modernidade. Tópicos de filosofia contemporânea.			
OBJETIVO			
Fomentar, através do contato com os principais marcos teóricos da Filosofia Moderna e Contemporânea, a reflexão sobre os alicerces de toda ciência social.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.			
FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 2002.			
MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.			
NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.			
VAZ, Henrique C. Lima. Antropologia filosófica I. São Paulo: Loyola, 1991.			
VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. Ética. São Paulo: Civilização brasileira, 2005.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas. São Paulo: Editora da USP, 2000.			
FAUSTO, Ruy. Marx: lógica e política, investigações para uma reconstituição do sentido da dialética (Tomo I). São Paulo Brasiliense, 1983.			
GRANGER, Giles-Gaston. A ciência e as ciências. São Paulo: ed. Unesp, 1994.			
HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.			
HORKHEIMER, MAX. Eclipse da razão. São Paulo: Centauro, 2002.			
JAMESON, Frederic. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.			
NOBRE, M. (Org.) . Curso Livre de Teoria Crítica. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2008.			
REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2002. 3 v.			
SARTRE, Jean- Paul. Marxismo e existencialismo. In: _____. Questão de método. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.			
SCHILLER, Friedrich. Sobre a educação estética. São Paulo: Herder, 1963.			
SILVA, Márcio Bolda. Rosto e alteridade: para um critério ético em perspectiva latino-americana. São Paulo: Paulus, 1995.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH024	FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO	03	45

EMENTA

1. Relações entre sociedade, cultura e educação. 2. Modernidade e Educação: Igualdade, Democracia e Emancipação. 4. Conhecimento e formação humana: Reconhecimento, Alteridade e Identidade. 5. A Instituição escolar na atualidade e políticas de formação docente.

OBJETIVO

Desenvolver uma reflexão sistemática e interdisciplinar acerca das diferentes perspectivas que constituem as práticas educativas, atribuindo ênfase aos fundamentos históricos, sociológicos e filosóficos que possibilitam o pensamento pedagógico contemporâneo.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Os intelectuais, o princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.
MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974.
HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
DURKHEIM, Émile. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.
LIMA, Júlio César F.; NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **Fundamentos da Educação escolar no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1997.
MORAES, Maria C. M. de (Org.). **Illuminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH042	HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA	4	60
EMENTA			
A Filosofia do século XIX. Principais correntes do pensamento filosófico no século XX. Análise dos principais temas da origem da Filosofia Contemporânea.			
OBJETIVO			
Propiciar aos alunos o conhecimento dos fundamentos da filosofia contemporânea.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DELEUZE, G. Différence et répétition . Paris: PUF, 1993. FREGE, G. Investigações lógicas . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. FOUCAULT, M. As Palavras e as Coisas . São Paulo: Martins Fontes, 1995. HABERMAS, J. Teoria de la accion comunicativa . Madrid: Taurus, 1999. t. 1. _____. Teoria de la accion comunicativa . Madrid: Taurus, 1999. t. 2. HEIDEGGER, M. Ser e tempo . Parte 1. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. _____. Ser e tempo . Parte 2. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. HUSSERL, E. Logical Investigations . Cambridge: Routledge, 2001. v. 1. _____. Logical Investigations . Cambridge: Routledge, 2001. v. 2.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
APEL, Karl-Otto. Transformação da Filosofia – 1: Filosofia Analítica, Semiótica, Hermenêutica . São Paulo: Edições Loyola, 2000. _____. Transformação da Filosofia – 2: O a priori da comunidade de comunicação . São Paulo: Edições Loyola, 2000. DELEUZE, G. Nietzsche et la philosophie . Paris: PUF, 1967. STEGMÜLLER, W. A Filosofia Contemporânea – Introdução crítica . São Paulo: EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977. v. 1. NIETZSCHE, F. W. A gaia ciência . São Paulo: Companhia das Letras, 2001. _____. Also sprach Zarathustra I-IV. In: Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe . Berlin/Nova York: Walter de Gruyter, 1980. _____. Así habló Zarathustra . Madrid: Alianza Editorial, 1994. _____. Assim falou Zarathustra . Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1997. _____. Ecce homo . Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. RORTY, R. Verdade e progresso . São Paulo: Manole, 2005. SARTRE, J-P. O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica . 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. SEARLE, J. R. Expressão e significado . 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. _____. Intencionalidade . São Paulo: Martins Fontes, 2002. WITTGENSTEIN, L. Tractatus Logico-Philosophicus . 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS011	MEIO AMBIENTE, ECONOMIA E SOCIEDADE	04	60
EMENTA			
Modos de produção e consumo. Noções de economia política. Relação entre ambiente e sociedade: agroecologia, sustentabilidade, agricultura familiar, cooperativismo, associativismo. Sociedade civil e a questão ambiental.			
OBJETIVO			
Proporcionar aos acadêmicos a compreensão acerca dos principais conceitos que envolvem a Economia Política e a sustentabilidade do desenvolvimento das relações socioeconômicas e do meio ambiente.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALIER, Jean Martinez. Da economia ecológica ao ecologismo popular . Blumenau: Edifurb, 2008.			
BECKER, B.; MIRANDA, M. (Org.). A geografia política do desenvolvimento sustentável . Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.			
FERREIRA, L. C.; VIOLA, E. (Org.). Incertezas de sustentabilidade na globalização . Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.			
LEFF, Enrique. Epistemologia ambiental . 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.			
MARX, Karl. O capital: crítica da economia política . 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.			
SMITH, Adam. Riqueza das nações: Uma investigação sobre a natureza e causas da riqueza das nações . Curitiba: Hermes, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CAVALCANTI, C. (Org.). Sociedade e natureza: estudos para uma sociedade sustentável . São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.			
CHESNAIS, François. A mundialização do Capital . São Paulo: Xamã, 1996.			
FOSTER, John Bellamy. A Ecologia de Marx, materialismo e natureza . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.			
FURTADO, Celso. A economia latino-americana . São Paulo: Companhia das Letras, 2007.			
GREMAUD, Amaury; VASCONCELLOS, Marco Antonio; JÚNIOR TONETO, Rudinei. Economia brasileira contemporânea . 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.			
HUNT, E. K. História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica . 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.			
LÖWY, Michael. Eco-socialismo e planificação democrática. In: Crítica Marxista , n. 29, 2009.			
NAPOLEONI, Cláudio. Smith, Ricardo e Marx . Rio de Janeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.			
SEN, Amartia. Desenvolvimento como Liberdade . São Paulo: Companhia das Letras, 2000.			
TREVISOL, Joviles Vitório. A educação ambiental em uma sociedade de risco: tarefas e desafios na construção da sustentabilidade . Joaçaba: Edições Unoesc, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH043	ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA	4	60
EMENTA			
A antropologia filosófica e suas possibilidades. O homem antigo e medieval. A Condição Humana. O Humano e a questão mítico-religiosa. A pessoa e suas circunstâncias. O homem anti-moderno. O homem racional. O homem natural. O homem pessoal. Da dominação da razão: Nietzsche. Da dominação da força: humanismo e existencialismo.			
OBJETIVO			
Investigar questões acerca do homem enquanto ser em totalidade que se constitui mediante circunstâncias histórico-culturais sob a luz da reflexão filosófica.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARENDET, H. A condição humana . 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.			
CASSIRER, E. Antropologia Filosófica . 2. ed. México: Fondo de Cultura, 2006.			
HEIDEGGER, M. Carta sobre o humanismo . São Paulo: Guimarães Editores, 1985.			
NIETZSCHE, F. W. Além do bem e do mal . São Paulo: L&PM, 2008.			
_____. Genealogia da moral . São Paulo: Companhia das Letras, 1998.			
SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo . Trad. de Daniela B. Henriques. São Paulo: Vozes, 2010.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
GILSON, E. O espírito da filosofia medieval . São Paulo: Martins Fontes, 2006.			
LARAIA, R. de B. Cultura: um conceito antropológico . 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.			
LINTON, R. O homem: uma introdução à antropologia . 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.			
ORTEGA Y GASSET, Jose. Meditações do Quixote . Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1967.			
TEPE, V. Antropologia cristã: diálogo interdisciplinar . Petrópolis: Vozes, 2003.			
VAZ, H. C. de L. Antropologia Filosófica 1 . 8. ed. São Paulo Loyola, 2006.			
_____. Antropologia Filosófica 2 . 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH013	DIDÁTICA GERAL	03	45
EMENTA			
1. História da didática. A importância da didática. 2. A escola, o aluno, o professor e o trabalho docente. 3. Planejamento de ensino e currículo escolar. 4. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. 5. Relação professor-aluno. 6. A ética em sala de aula.			
OBJETIVO			
Refletir criticamente sobre os processos educativos sistemáticos que acontecem nas instituições escolares, buscando a compreensão da prática pedagógica e a efetivação de ações de ensino transformadoras.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
COMENIUS. Didática Magna . São Paulo: Martins Fontes, 1997			
CANDAU, Vera Maria. Rumo a uma nova didática . 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.			
LIBANEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: ANDE – Revista da Associação Nacional de Educação, ano. 3, n. 6, 1983. p. 11-19.			
SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações . Campinas: Autores Associados, 1996. p. 15-29.			
SACRISTÁN, J. G. O currículo: uma reflexão sobre a prática . 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.			
SILVA, Jansen F.; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria T. (Org.). Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo . 40. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CAMARGO, D. A. F. A Didática nos cursos de formação de professores - um enfoque piagetiano. ANDES , São Paulo, ano 9, n. 43, v. 6, 1985.			
DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa . 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.			
FELTRAN, Antônio et al. Técnicas de ensino: por que não? Campinas: Papyrus, 1991.			
GOODSON, Ivor F. Currículo: Teoria e história . Petrópolis: Vozes, 1995.			
HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho . 50. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.			
LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem . 18. ed. São Paulo: Cortez, 2006.			
MARAGLIANO, Roberto et al. Teoria da Didática . São Paulo: Cortez, 1986.			
MOISÉS, Lúcia Maria. O Desafio de saber ensinar . Campinas. São Paulo: Papyrus, 1995.			
NÓVOA, António. Os Professores e sua formação . Lisboa-Portugal: Publicações Dom Quixote, 1977.			
VEIGA, Ilma P. A. (Org.). Didática: o ensino e suas relações . Campinas: Papyrus, 1996.			
VEIGA, Ilma P. A. (Coord.). Repensando a didática . 21. ed. Campinas: Papyrus, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH044	ESTÉTICA	4	60h
EMENTA			
Disjunção entre sensibilidade, natureza e artifício. As relações entre conhecimento, sensibilidade e subjetividade na obra de arte: o problema da disciplina filosófica denominada “estética”. A sensibilidade e a arte enquanto fenômenos socioculturais.			
OBJETIVO			
Proporcionar questionamentos acerca do sentimento do belo enquanto elemento reflexivo presente na percepção e produção das manifestações artísticas e da natureza.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AYER, R. História da estética . Lisboa: Editorial Estampa, 1978.			
HEGEL, G. W. F. Estética : A idéia e o ideal; Estética : O belo artístico ou o ideal. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção: Os Pensadores).			
PLATÃO. Hípias Maior . 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2000.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ADORNO, T. Teoria estética . Lisboa: Edições 70, 2000.			
ARISTOTELES. Arte retórica e arte poética . São Paulo: Ediouro, s/d.			
BAYER, R. História da estética . Lisboa: Editorial Estampa, 1978.			
DUFRENNE, M. Estética e filosofia . São Paulo: Perspectiva, 2004.			
ORTEGA Y GASSET, J. Adão no paraíso e outros ensaios de estética . São Paulo: Cortez, 2002.			
SCHELLING, F. W. J. von. Obras escolhidas . 3. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1989. (Coleção: Os Pensadores).			
VÁZQUEZ, A. S. As idéias estéticas de Marx . 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH139	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I	7	105
EMENTA			
Orientações gerais para acompanhamento de práticas docentes e administrativas em escola de Ensino Médio. Pesquisas e investigação sobre o histórico de ensino da filosofia no Brasil. Escolha da instituição de ensino para atuação direta. Levantamento do histórico e do Plano Político Pedagógico da instituição de ensino escolhida. Preparação de plano de aula e material de ensino.			
OBJETIVO			
Oportunizar a reflexão sobre o planejamento, e preparar os acadêmicos para a participação nas situações de ensino-aprendizagem em unidade escolar.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALVES, D. J. Filosofia no ensino médio . Campinas: Autores Associados, 2002.			
GALLO, Sílvio (Coord.). Ética e cidadania : caminhos da filosofia (elementos para o ensino de filosofia). 20. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.			
GONÇALVES NETO, J. da C. A filosofia na universidade ou Em busca de um sentido para ensinar . Goiânia: Deescubra, 2003.			
HERNANDEZ, Y. V. A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho . Porto Alegre: ArtMed, 1998.			
PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência . 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.			
SILVEIRA, R. J. T. S.; GOTO, R. (Org.). Filosofia no ensino médio – temas, problemas e propostas . São Paulo: Edições Loyola, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANDRÉ, M. Além do fracasso escolar - uma redefinição das práticas avaliativas. In: AQUINO, Júlio Groppa. Erro e fracasso na escola : alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.			
BOZATSKI, M. F. et. al. Diálogos com a prática : construções teóricas (Coletânea I). Curitiba: SESI – Departamento Regional do Estado do Paraná, 2008.			
CEDIC – Centro Difusor de Cultura. Filosofia no ensino médio. Programa em DVD produzido pela ATTA Mídia e Educação. Elementos didáticos para a experiência filosófica (programa 2).			
FERNANDES, M. Ao. Educação como autoconstituição do ser humano: uma abordagem fenomenológico-existencial. In: Inter-ação – Revista da Faculdade de Educação da UFG. v. 32, n. 1, jan/jun. 2007, p. 69-89.			
FEITOSA, C. Explicando a filosofia com arte . Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.			
GALLO, S.; KOHAN, W. O. Filosofia no ensino médio . Petrópolis: Vozes, 2000.v. 6.			
LUCKESI, C. C. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. Revista			



da Ande. São Paulo: Cortez, ano 5, n. 10, 1986.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para o ensino médio - Ciências humanas e suas tecnologias.** (Conhecimentos de filosofia - cap. 1). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 15-40. v. 3. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/forumlic/_Legislacao/_PCN-EM/PCN03.pdf> Acesso em: 13 fev, 2008.

TORRES, Rosa María. **Que (e como) é necessário aprender?:** necessidades básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

ZABALA, A. **A Prática Educativa.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH079	METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA	4	60
EMENTA			
Dinâmica de aula. Métodos de ensino. Material adequado para a prática docente. Relação docente-discente. Formas de avaliação. Avaliação de desempenho. Conteúdos programáticos.			
OBJETIVO			
Investigação acerca dos pressupostos necessários e procedimentos adequados para a prática de ensino-aprendizagem no cotidiano escolar.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DÍAZ BORDENAVE, Juan E.; PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de ensino-aprendizagem . 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. GALLO, S.; KOHAN, W. O. Filosofia no ensino médio . Petrópolis: Vozes, 2000. v. 6. HADJI, C. Avaliação desmistificadora . Porto Alegre: ArtMed, 2001. LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições . 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011. MORIN, E. A religião dos saberes: o desafio do século XXI . 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2010. ZABALA, A. A prática educativa: Como ensinar . Porto Alegre: ArtMed, 1998.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir . 13. ed. Campinas (SP): Papirus, 2011. BOZATSKI, M. F. et al. Diálogos com a prática: construções teóricas (Coletânea I) . Curitiba: SESI – Departamento Regional do Estado do Paraná, 2008. FAZENDA, I. (Org.). Didática e interdisciplinaridade . 12. ed. Campinas: Papirus, 2007. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido . 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. HERNÁNDEZ, F. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho . Porto Alegre: Artmed, 1998. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro . 2. ed. rev. São Paulo, SP: Cortez: UNESCO, 2011. PERRENOUD, P. A prática reflexiva do ofício do professor . Porto Alegre: ArtMed, 2002. ROMANOWSKI, J. P. (Org.). Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente . Curitiba: Champagnat, 2004. SENGE, P. Escolas que aprendem . Porto Alegre: ArtMed, 2005. ZABALA, A. Enfoque globalizador e pensamento complexo – Uma proposta para o currículo escolar . Porto Alegre: Artmed, 2002.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH080	TEORIA DO CONHECIMENTO	04	60
EMENTA			
Os problemas fundamentais da teoria do conhecimento. Conhecimento como ‘opinião verdadeira acrescida de razão’ (Platão. Teeteto). Descartes: a busca pelo primeiro princípio do conhecimento. A polêmica racionalismo versus empirismo acerca do conhecimento. Kant: a justificação transcendental do conhecimento. Tendências atuais no campo da teoria do conhecimento.			
OBJETIVO			
Promover a discussão sobre as principais questões no âmbito da teoria do conhecimento e priorizar a leitura de autores clássicos que trataram sobre tais questões.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DESCARTES, René. Discurso do método . Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).			
DESCARTES, René. Meditações sobre filosofia primeira . Tradução de Fausto Castilho. Campinas: UNICAMP/Cemodecon, 1999.			
HUME, D. Investigação acerca do entendimento humano . São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores).			
HUME, D. Tratado da natureza humana . Tradução de Déborah Danowski. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009.			
KANT, I. Crítica da Razão Pura . Tradução: M. P. dos Santos, A. F. Morujão. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.			
PLATÃO. Diálogos I: Teeteto, Sofista, Protágoras . Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2007.			
PLATÃO. Teeteto . Tradução de Manuel Balasch. Barcelona/Madrid: Anthropos/Ministerio da Educación y Ciencia, 1990.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
AYER, A. J. Hume . São Paulo: Loyola, 2003.			
BACHELARD, G. Ensaio sobre o conhecimento aproximado . São Paulo: Contraponto, 2004.			
CASSIRER, Ernest. El problema del conocimiento . México: Fondo de Cultura Económica, 1993. 4 v.			
CORNFORD, F. M. La teoria platónica del conocimiento . Tradução de Néstor Luis Cordero e María Dolores del Carmen Ligatto. Barcelona/Buenos Aires: Paidós, 1983.			
DALBOSCO, Cláudio A. O idealismo transcendental de Kant . Passo Fundo: Edipuf, 1997.			
HESSEN, J. Teoria do conhecimento . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.			
LEBRUN, G. Sobre Kant . São Paulo: Edusp/Iluminuras, 1993.			
MONTEIRO, João Paulo. Hume e a epistemologia . Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.			
POPPER, K. Conjecturas e refutações . Coimbra: Almedina, 2003.			
SMITH, Plínio Junqueira. O ceticismo de Hume . São Paulo: Loyola, 1995.			
ZILLES, Urbano. Teoria do Conhecimento . Porto Alegre: Edipucrs, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH081	EPISTEMOLOGIA	4	60
EMENTA			
Panorama de problemas filosóficos oriundos da Ciência. História da Ciência. A Revolução Científica Moderna. O método científico. O problema da indução. O problema da justificação na ciência. O problema da demarcação e dos limites do conhecimento científico. Debates centrais na Filosofia da Ciência a partir do século XX.			
OBJETIVO			
Refletir sobre questões epistemológicas e práticas relativas aos limites, alcances e objetivos do conhecimento científico e do desenvolvimento tecnológico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BACHELARD, G. A formação do espírito científico : contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos S. Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996. BACHELARD, G. O novo espírito científico . Tradução de Roberto F. Kuhnen. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). CARNAP, R. Testabilidade e significado . Tradução de P. R. Mariconda. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores). CHALMERS, Alan F. O que é a ciência afinal . São Paulo: Brasiliense, 1993. DUTRA, Luiz Henrique de A. Introdução à teoria da ciência . 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. FEYERABEND, Paul. Contra o método . São Paulo: Unesp, 2007. FRENCH, Steven. Ciência . Conceitos-chave em filosofia. Trad. André Klaudat. Porto Alegre: Artmed, 2009. KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas . São Paulo: Perspectiva, 2001. LAKATOS, I. Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica . Lisboa: Edições 70, 1999. POPPER, K. A Lógica da pesquisa científica . São Paulo: Editora Cultrix, 1993. VAN FRAASSEN, B. C. A Imagem Científica . São Paulo: Editora Unesp, 2006.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BOMBASSARO, Luiz Carlos. Ciência e mudança conceitual : notas sobre Epistemologia e História das Ciências. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. FREIRE-MAIA, Newton. Verdades da ciência e outras verdades : a visão de um cientista. São Paulo: UNESP; Ribeirão Preto: SBG, 2008. GRANGER, G. G. A ciência e as ciências . São Paulo: Ed. UNESP, 1994. JAPIASSU, Hilton. Introdução à epistemologia . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. JAPIASSU, Hilton. A Revolução científica moderna . Rio de Janeiro: gruta, 1985. NORRIS, C. Epistemologia . Porto Alegre: ArtMed, 2007. OLIVA, Alberto (Org.). Epistemologia : a cientificidade em questão. Campinas: Papiurus, 1990. POPPER, K. Conhecimento objetivo . São Paulo: Itatiaia, 1975. POPPER, K. Conjecturas e refutações . Editora Universidade de Brasília: 1994. RESCHER, Nicholas. Los límites de la ciencia . Tradução de Leonardo R. Dupla. Madrid: Tecnos, 1994. ROSSI, Paolo. O nascimento da ciência moderna na Europa . Tradução de Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2001. RUSSELL, Bertrand. A perspectiva científica . Tradução e notas de José S. de C. Pereira. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH140	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II	7	105
EMENTA			
Caracterização da escola. Caracterização da área de Filosofia no currículo da Escola. Entrevista com professores de Filosofia, Coordenação pedagógica, Orientação educacional, Direção e outros setores da escola para coleta de dados relevantes para o desenvolvimento do estágio. Observação de aulas de Filosofia no Ensino Médio. Elaboração de relatório, considerando os pressupostos teóricos de Educação e de Filosofia relacionados com os aspectos acima. Elaboração do Projeto de Estágio.			
OBJETIVO			
Analisar o desempenho e planejamento da prática de ensino da disciplina de Filosofia em instituição escolar.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALVES, D. J. Filosofia no ensino médio . Campinas: Autores Associados, 2002.			
GALLO, S. (Org.). Grupo de Estudos sobre Ensino de Filosofia – Gesef. Ética e cidadania: caminhos da filosofia – elementos para o ensino de filosofia. Campinas, SP: Papyrus, 1997.			
GONÇALVES NETO, J. da C. A filosofia na universidade ou Em busca de um sentido para ensinar . Goiânia: Deescubra, 2003.			
HERNANDEZ, Y. V. A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho . Porto Alegre: ArtMed, 1998.			
PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio : diferentes concepções (cap. 1 – 1ª. parte); Planos e projetos de estágio (3ª. parte). Planejamento e avaliação de estágio (cap. 1); Planejando o estágio em forma de projetos (cap. 2). In: _____. Estágio e docência . São Paulo: Ed. Cortez, 2004.			
SILVEIRA, R. J. T. S.; GOTO, R. (Org.). Filosofia no ensino médio – temas, problemas e propostas. São Paulo: Edições Loyola, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANDRÉ, M. Além do fracasso escolar - uma redefinição das práticas avaliativas. In: AQUINO. Erro e fracasso . São Paulo: Summus, 1996.			
BOZATSKI, M. F. et. al. Diálogos com a prática : construções teóricas (Coletânea I). Curitiba: SESI – Departamento Regional do Estado do Paraná, 2008.			
CEDIC – Centro Difusor de Cultura. Filosofia no ensino médio. Programa em DVD produzido pela ATTA Mídia e Educação. Elementos didáticos para a experiência filosófica (programa 2).			
FERNANDES, M. Ao. Educação como autoconstituição do ser humano: uma abordagem fenomenológico-existencial. Inter-ação – Revista da Faculdade de Educação da UFG. v. 32, n. 1, jan/jun. 2007, p. 69-89.			
FEITOSA, C. Explicando a filosofia com arte . Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.			
GALLO, S.; KOHAN, W. O. Filosofia no ensino médio . Petrópolis: Vozes, 2000. v. 6.			



LUCKESI, C. C. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. **Revista da Ande**. São Paulo, Cortez, ano 5, n. 10, 1986.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para o ensino médio - Ciências humanas e suas tecnologias**. v. 3 (Conhecimentos de filosofia - cap. 1). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 15-40. Disponível em: http://www.ufrgs.br/forumlic/_Legislacao/_PCN-EM/PCN03.pdf. Acesso em: 13 fev, 2008.

TORRES, R. M. **Que (e como) é necessário aprender**. Campinas: Papyrus, 1994.

ZABALA, A. **A Prática Educativa**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH028	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	4	60
EMENTA			
A educação como objeto da reflexão filosófica. A Paidéia na Grécia Antiga. A educação segundo o modelo cristão. O ideal da educação no projeto iluminista. Modernidade, filosofia e educação. As filosofias contemporâneas e a educação.			
OBJETIVO			
Refletir criticamente sobre os pressupostos filosóficos do pensamento pedagógico e sobre as relações entre a prática educativa e a sociedade.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AGOSTINHO, Santo. De Magistro . Petrópolis: Vozes, 2009.			
ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação . São Paulo: Paz e Terra, 1995.			
JAEGER, Werner. Paidéia – A Formação do Homem Grego . São Paulo: Martins Fontes, 2010.			
KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia . Piracicaba: UNIMEP, 2011.			
PLATÃO. A República . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.			
ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da Educação . São Paulo: Martins Fontes, 2004.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico . Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996.			
DEWEY, John. Democracia e Educação : introdução à Filosofia da Educação. São Paulo: Melhoramentos, 1979.			
GRAMSCI, Antônio. Concepção dialética da história . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.			
_____. Os intelectuais e a organização da cultura . 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.			
KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: Textos seletos . Petrópolis: Vozes, 2010.			
LUCKESI, Cipriano C. Filosofia da educação . São Paulo: Cortez, 2011.			
PAGNI, P. A.; SILVA, Divino José da (Org.). Introdução à Filosofia da Educação . Temas contemporâneos e história. São Paulo: Editora Avercamp, 2007.			
PERISSE, Gabriel. Introdução à Filosofia da Educação . Belo Horizonte: Autêntica, 2008.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH082	ONTOLOGIA I	4	60
EMENTA			
Questões relacionadas à investigação sobre o Ser na Filosofia Antiga e Medieval. A construção platônica da teoria das Ideias. A crítica platônica interna à teoria das Ideias. As críticas aristotélicas à teoria das Ideias. A ontologia platônica dos diálogos tardios. A teoria aristotélica da substância. As relações entre ontologia e linguagem na metafísica de Aristóteles. Os desdobramentos da ontologia grega na Filosofia Medieval.			
OBJETIVO			
Analisar e discutir alguns textos clássicos do Pensamento Antigo e Medieval, fundamentais para compreender o desenvolvimento histórico e o atual estado das grandes questões ontológico-metafísicas ocidentais.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARISTÓTELES. Metafísica . Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2005.			
ARISTÓTELES. Órganon : categorias da interpretação, analíticos anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofisticas. Tradução de Edson Bini. 2. ed. rev. Bauru: Edipro, 2010.			
SOUZA, José Cavalcante de (Org.). Os pré-socráticos . Fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores).			
PLATÃO. Diálogos : Fedro - Cartas; O Primeiro Alcibiades. Belém: Ed. da UFPA, 1975.			
PLATÃO. Parmênides . Tradução de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2003.			
AQUINO, Tomas de. O ente e a essência . 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BARNES, Jonathan (Org.). Aristóteles . Aparecida: Idéias & Letras, 2008.			
BARNES, Jonathan. Aristóteles . Tradução de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.			
LONG, A. A. (Org.). Primórdios da filosofia grega . Tradução de Paulo Ferreira. Aparecida: Idéias & Letras, 2008.			
MCGRADY, Arthur Stephen. Filosofia medieval . Aparecida: Idéias & Letras, 2008.			
PERINE, Marcelo (Org.). Estudos platônicos : sobre o ser e o aparecer; o belo e o bem. São Paulo: Loyola, 2009.			
REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia . 3. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2007. 7 v.			



STIRN, François. **Comprender Platão**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ROSS, David. **Teoría de las ideas de Platón**. Tradução de José Luis Díez Arias. Madrid: Cátedra, 1997.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos pré-socráticos**: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SOARES, Marcio. **A ontologia de Platão**: um estudo das Formas no Parmênides. Passo Fundo: UPF, 2001.

SOARES, Marcio. **Construção e crítica da teoria das Ideias na filosofia de Platão**: dos diálogos intermediários à primeira parte do Parmênides. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ZINGANO, Marco. **Sobre A Metafísica de Aristóteles**: textos selecionados. São Paulo: Odysseus, 2005.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH035	POLÍTICA EDUCACIONAL E LEGISLAÇÃO DO ENSINO NO BRASIL	03	45
EMENTA			
1.Estado e políticas educacionais. 2. O Estado brasileiro e a política educacional: aspectos gerais. 3. A Educação enquanto política de corte social. 4. Políticas educacionais no Brasil, marcos históricos: a Educação até o período de industrialização, a organização da Educação no período desenvolvimentista e as reformas a partir da década de 1990. 5. Bases legais e a organização atual da Educação Básica no Brasil. 6.Políticas de financiamento da Educação.			
OBJETIVO			
Analisar os aspectos históricos e sociológicos da política educacional brasileira, estabelecendo parâmetros com o contexto atual, considerando a disposição prevista na legislação educacional.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AZEVEDO, Janete M. Lins de. A educação como política pública . 2. ed. amp. Campinas: Autores Associados, 2001.			
COSTA, Messias. A educação nas constituições do Brasil: dados e direções . Rio de Janeiro: DP&A, 2002.			
KRAWCZYK, Nora; CAMPOS, Maria Malta; HADDAD, Sérgio (Org.). O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI: reformas em debate . Campinas: Autores Associados, 2000.			
OLIVEIRA, Dalila Andrade Oliveira; DUARTE, Marisa R. T. Duarte (Org.). Política e trabalho na escola: administração dos sistemas públicos de educação básica . Belo Horizonte: Autêntica, 1999.			
SAVIANI, Dermeval. Política e educação no Brasil . 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.			
VIEIRA, Sofia L.; FARIAS, Isabel M. S. de. Política educacional no Brasil: introdução histórica . Brasília: Liber Livro, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CARNOY, Martin; CASTRO, Claudio Moura. Como anda a reforma educativa na América Latina . Rio de Janeiro: FGV Ed., 1997.			
COSTA, V. et al. Descentralização da Educação: novas formas de Coordenação e Financiamento . São Paulo: Cortez Editora, 1999.			
DAVIES, Nicholas. O FUNDEF e o Orçamento da Educação: desvendando a caixa preta . Campinas: Autores Associados, 1999.			
FÁVERO, Osmar (Org.). A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988 . Campinas: Autores Associados, 1996.			



GENTILE, P.; SILVA, Tomaz T. **Neoliberalismo , qualidade total e educação: visões críticas.** Petrópolis:Vozes, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação.** Campinas: Autores Associados, 1997.

_____. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação:** por uma outra política Educacional. Campinas: Autores Associados, 1999.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. de; EVANGELISTA, Olinda. **Política educacional.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **Capitalismo e escola no Brasil.** Campinas: Papyrus, 1990.

WEBER, S. Novos padrões de financiamento e impactos na democratização do Ensino. **Cadernos de Pesquisa**, n. 103, São Paulo, 1998.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH136	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I	2	30
EMENTA			
Discussão teórica sobre os diferentes métodos existentes na filosofia: analítico, dialético, fenomenológico, hermenêutico e positivista. Procedimentos de pesquisa em filosofia. Elaboração de um projeto de monografia (TCC).			
OBJETIVO			
a) Desenvolver uma reflexão teórica sobre o problema do método na filosofia e na pesquisa filosófica; b) Auxiliar os estudantes na construção de seus projetos de monografia (TCC);			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BRITO, Emídio F. de; CHANG, Luiz Harding (Org.). Filosofia e método . São Paulo: Loyola, 2002.			
FOLSCHIED, Dominique. Metodologia filosófica . São Paulo: Martins Fontes, 2002.			
GONZÁLEZ PORTA, Mário Ariel. A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico . São Paulo: Loyola, 2004.			
MARTINICH, A. P. Ensaio Filosófico: o que é, como se faz . Trad. Adail U. Sobral. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ECO, Umberto. Como se faz uma tese . São Paulo: Perspectiva, 1996.			
FÁVERO, Altair A.; GABOARDI, Ediovani A. (Coord.). Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas . 4. ed. Passo Fundo: UPF, 2008.			
FLICKINGER, Hans-Georg. A lógica clandestina do compreender, do pensar e do escrever. In: DE BONI, L. A. (Org.). Finitude e transcendência: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein . Petrópolis: Vozes, 1996.			
SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia . São Paulo: Martins Fontes, 2001.			
STEIN, Ernildo. Exercícios de fenomenologia: limites de um paradigma . Ijuí: Unijuí, 2004.			
TUGENDHAT, Ernest. A filosofia entre nós . Ijuí: Unijuí, 2005.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH050	TEORIAS DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	03	45
EMENTA			
1. Aprendizagem como fator de desenvolvimento humano e de construção do conhecimento. 2. Teorias mecanicistas e mentalistas da aprendizagem e suas implicações na prática pedagógica (inatismo e comportamentalismo). 4. Aprendizagem como reestruturação cognitiva. 5. Aprendizagem e desenvolvimento cognitivo como resultado de interações sociais. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem 6. Processos psicológicos e a organização de processos pedagógicos de aprendizagem escolar.			
OBJETIVO			
Reconhecer a variedade de processos psicológicos constituintes da aprendizagem de diferentes conteúdos e utilizar esse conhecimento na organização de práticas pedagógicas orientadas para a promoção do desenvolvimento das pessoas envolvidas.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de.; DANTAS, Heloisa. Piaget, Vygotsky, Wallon : teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.			
NUNES, Ana Ignez B. L.; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. Psicologia da aprendizagem : processos, teorias e contextos. Brasília: Liber livros, 2009.			
PIAGET, Jean. Seis estudos de Psicologia . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 p. 127-132.			
POZO, Juan Ignacio. Aprendizes e mestres : a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.			
VYGOTSKY, Lev; LEONTIEV, Alexis; LURIA, Alexander. Psicologia e Pedagogia : bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Moraes, 1991.			
WALLON, Henry. Psicologia e Educação da Infância . Lisboa: Estampa, 1986.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BRUNER, Jerome. Uma nova teoria de aprendizagem . Rio de Janeiro: Bloch, 1969.			
COLE, Michael. Desenvolvimento cognitivo e escolarização formal: a evidência da pesquisa transcultural. In: MOLL, Luís. Vygotsky e a educação . Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.			
DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA-JÚNIOR, Áderson Luiz. A ciência do desenvolvimento humano : tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2005.			
PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. A Psicologia da Criança . Rio de Janeiro:			



Bertrand Brasil Ed., 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **VYGOTSKY: desenvolvimento e aprendizado um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: CASTORINA, J. A. et al. **Piaget – Vygotsky - Novas Contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl; TEIXEIRA, Edival. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico. In: OLIVEIRA, Marta Kohl et al. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl; OLIVEIRA, Marcos Barbosa de (Org.). **Investigações cognitivas: conceitos, linguagem e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. Uma crítica às teorias clássicas da aprendizagem e a sua expressão no campo educativo. **Linhas Críticas (UnB)**, Brasília, v. 12, p. 109-129, 2006.

VYGOTSKY, Lev. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH141	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III	8	120
EMENTA			
Atuação direta na realidade operativa das instituições escolares. A Filosofia e interdisciplinaridade. Tipos e análise da avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Execução do Projeto de Estágio. Prática docente.			
OBJETIVO			
Analisar os resultados e promover o intercâmbio das experiências a partir da prática do estágio nas instituições de ensino.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALVES, D. J. Filosofia no ensino médio . Campinas: Autores Associados, 2002.			
CÂNDIDO, C.; CARBONARA, V. Filosofia e ensino : um diálogo transdisciplinar. Ijuí: Unijuí, 2004.			
GALLO, S. (Org.). Grupo de Estudos sobre Ensino de Filosofia – Gesef . Ética e cidadania: caminhos da filosofia – elementos para o ensino de filosofia. Campinas, SP: Papirus, 1997.			
GONÇALVES NETO, J. da C. A filosofia na universidade ou Em busca de um sentido para ensinar . Goiânia: Deescubra, 2003.			
PENA-VEGA, A.; ALMEIDA, E. P. (Org.). O pensar complexo : Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.			
PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio: diferentes concepções (cap. 1 – 1ª. parte); Planos e projetos de estágio (3ª. parte). Planejamento e avaliação de estágio (cap. 1); Planejando o estágio em forma de projetos (cap. 2). In: Estágio e docência . São Paulo: Ed. Cortez, 2004.			
SILVEIRA, R. J. T. S.; GOTO, R. (Org.). Filosofia no ensino médio – temas, problemas e propostas. São Paulo: Edições Loyola, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANDRÉ, M. Além do fracasso escolar - uma redefinição das práticas avaliativas. In: AQUINO. Erro e fracasso . São Paulo: Summus, 1996.			
BOZATSKI, M. F. et. al. Diálogos com a prática : construções teóricas (Coletânea I). Curitiba: SESI – Departamento Regional do Estado do Paraná, 2008.			
CEDIC – Centro Difusor de Cultura. Filosofia no ensino médio. Programa em DVD produzido pela ATTA Mídia e Educação. Elementos didáticos para a experiência filosófica (programa 2).			
FERNANDES, M. Ao. Educação como autoconstituição do ser humano: uma abordagem fenomenológico-existencial. In: Inter-ação – Revista da Faculdade de Educação da UFG, v. 32, n. 1, jan/jun. 2007, p. 69-89.			



- FEITOSA, C. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GALLO, S.; KOHAN, W. O. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 6.
- LUCKESI, C. C. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. **Revista da Ande**, São Paulo, Cortez, ano 5, n. 10, 1986.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para o ensino médio - Ciências humanas e suas tecnologias**. v. 3 (Conhecimentos de filosofia - cap. 1). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. p. 15-40. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/forumlic/_Legislacao/_PCN-EM/PCN03.pdf>. Acesso em: 13 fev, 2008.
- TORRES, R. M. **Que (e como) é necessário aprender**. Campinas: Papyrus, 1994.
- ZABALA, A. **A Prática Educativa**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH093	FILOSOFIA DA LINGUAGEM	4	60
EMENTA			
A virada linguística e a importância da linguagem para a filosofia. A lógica e a realidade. Sentido e referência. Verificacionismo. Filosofia Analítica. Figurabilidade da linguagem. O argumento da linguagem privada. Teoria proposicional geral. Tradução radical e relatividade ontológica. Pragmática: atos de fala e implicaturas conversacionais.			
OBJETIVO			
Apresentação dos pressupostos filosóficos que apontam a linguagem como centro da experiência e da interação entre o humano e a realidade, através da significação, representação e afiguração.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer . Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. DAVIDSON, Donald. Ensaio sobre a Verdade . São Paulo: UNIMARCO Editora, 2002. FREGE, G. Lógica e Filosofia da Linguagem . 2. ed. revista e ampliada. Seleção e tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: EDUSP, 2009. WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas . 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. _____. Tractatus Logico-Philosophicus . 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ALSTON, P. W. Filosofia da Linguagem . Rio de Janeiro: Zahar, 1977. AUROUX, Sylvain. A filosofia da linguagem . Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009. AYER, A. J. Linguagem, Verdade e Lógica . Lisboa: Presença, 1991. CARNAP, R.; SCHLICK, M. Volume da Coleção Os Pensadores . Tradução de P. R. Mariconda. São Paulo: Nova Cultural, 1988. GLOCK, H.-J. Dicionário Wittgenstein . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. HACKING, I. Por que a linguagem interessa à filosofia? São Paulo: Editora Unesp, 1999. HINTIKKA, J. Uma investigação sobre Wittgenstein . Campinas: Papirus, 1994. MARCONDES, D. Filosofia, linguagem, comunicação . 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. QUINE, W. V. O. Palavra e Objeto . Petrópolis: Vozes, 2010. RYLE, G.; STRAWSON, P.; AUSTIN, J.; QUINE, W. V. O. Volume da Coleção Os Pensadores . Diversos tradutores. São Paulo: Abril Cultural, 1980. SEARLE, J. R. Intencionalidade . São Paulo: Martins Fontes, 2002. TUGENDHAT, Ernest. Lições introdutórias à Filosofia Analítica da Linguagem . Ijuí: UNIJUÍ, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH048	FILOSOFIA POLÍTICA II	2	30
EMENTA			
Direito e Estado em Hegel. A crítica de Marx ao Estado e ao Direito. O debate contemporâneo sobre Justiça, Liberalismo. Comunitarismo.			
OBJETIVO			
Introduzir ao aluno modelos e conceitos fundamentais do pensamento político contemporâneo.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARENDDT, H. As origens do totalitarismo . São Paulo: Companhia das Letras, 1989. HABERMAS, Jürgen. Direito e Democracia . 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento . São Paulo: Editora 34, 2003. MACINTYRE, Alasdair. Depois da virtude . Bauru: Edusc, 2001. RAWLS, John. Uma teoria da justiça . São Paulo: Martins Fontes, 2002. WALZER, M. Esferas da Justiça . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARENDDT, Hannah. A condição humana . 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004. BOBBIO, Norberto. Estudos sobre Hegel . Direito, Sociedade Civil, Estado. São Paulo: Brasiliense/Unesp, 1991. DUTRA, Delamar V. Razão e consenso em Habermas . A teoria discursiva da verdade, da moral, do direito e da biotecnologia. Florianópolis: EDUFSC, 2005. DWORKIN, D. Levando os Direitos a Sério . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. HEGEL, G. W. F. Princípios da Filosofia do Direito . São Paulo: Martins Fontes, 1997. KYMICKA, W. Filosofia Política Contemporânea . São Paulo: Martins Fontes, 2006. NOZICK, R. Anarquia, Estado e Utopia . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. OLIVEIRA, Manfredo; AGUIAR, Odílio A.; SAHD, Luiz Felipe N. A. S. (Org.). Filosofia política contemporânea . Petrópolis: Vozes, 2003. OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. Rawls . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. SANDEL, Michael. O liberalismo e os limites da justiça . Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. SCHMITT, Carl. Teologia política . Trad. de E. Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006. SCHMITT, Carl. O conceito do político . Petrópolis: Vozes, 1992. TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América . 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. [ou: São Paulo: Martins Fontes, 2000].			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH084	HERMENÊUTICA	4	60
EMENTA			
Introdução sistemática e histórica dos principais elementos da filosofia hermenêutica. A hermenêutica e as ciências. Precursores antigos e teóricos modernos e contemporâneos. A hermenêutica filosófica no século XX.			
OBJETIVO			
Compreensão da hermenêutica enquanto escola e método filosófico.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
GADAMER, H. G. Verdade e Método . Petrópolis: Vozes, 2004.			
HEIDEGGER, M. Ser e Tempo . Petrópolis: Editora Vozes, 2002.			
GRONDIN, J. Introdução à hermenêutica Filosófica . São Leopoldo: Unisinos, 1999.			
SCHLEIERMACHER, F. D. E. Hermenêutica: arte e técnica da interpretação . Bragança Paulista: EDUSF, 2003.			
DILTHEY, W. El mundo histórico . México: Fondo de Cultura Económica, 1944.			
RICOEUR, P. Conflito das interpretações: Ensaio de hermenêutica . Rio de Janeiro: Imago, 1978.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
GRONDIN, J. Introdução à hermenêutica Filosófica . São Leopoldo: Unisinos, 1999.			
GRONDIN, J. (Org.). O pensamento de Gadamer . Tradução de Enio P. Giachini. São Paulo: Paulus, 2012.			
ROHDEN, L. Hermenêutica Filosófica . São Leopoldo: Unisinos, 2002.			
VATTIMO, G. O Fim da modernidade: Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna . São Paulo: Martins Fontes, 2002.			
RICOEUR, P. Do Texto à Ação . Porto: Rés Editora, 1988.			
_____. A metáfora viva . São Paulo: Loyola, 2000.			
CORETH, E. Questões fundamentais de hermenêutica . São Paulo: EPU, 1973.			
STEIN, Ernildo. Aproximações sobre hermenêutica . 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH083	ONTOLOGIA II	04	60
EMENTA			
A subjetividade na modernidade e suas consequências para a ontologia. As questões ontológicas no contexto do idealismo alemão. O método fenomenológico. As questões centrais da ontologia na tradição analítica. As críticas modernas e contemporâneas à tradição metafísica.			
OBJETIVO			
Analisar e discutir alguns textos clássicos do Pensamento Moderno e Contemporâneo, fundamentais para compreender o desenvolvimento histórico e o atual estado das questões ontológicas no que diz respeito às críticas à Tradição Metafísica Ocidental.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CARNAP, R.; SCHLICK, M. Volume da Coleção Os Pensadores . Tradução de P. R. Mariconda. São Paulo: Nova Cultural, 1988.			
HEGEL, G. W. F. Ciencia de la Logica . Trad. Augusta e Rodolfo Mondolfo. 2. ed. Buenos Aires: Solar, 1968.			
HEIDEGGER, M. Ser e tempo . Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988. 2 v.			
KANT, I. Crítica da Razão Pura . Tradução de M. P. dos Santos; A. F. Morujão. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.			
LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. Novos ensaios acerca do entendimento humano . São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).			
QUINE, W. V. O. Volume da coleção Os pensadores . São Paulo: Abril Cultural, 1975.			
RUSSELL, B. Volume da coleção Os Pensadores . 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.			
WITTGENSTEIN, L. Tractatus Logico-Philosophicus . 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
GADAMER, Hans-Georg. Verdad y método I: fundamentos de uma hermenêutica filosófica . Tradução de Ana Agud e Rafael de Agapito. 6. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996.			
GADAMER, Hans-Georg. Verdad y método II . Tradução de Manuel Olasagasti. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1994.			
HEIDEGGER, M. Introdução à metafísica . Tradução de Mário Matos e Bernhard Sylla. Lisboa: Instituto Piaget, [s.d.].			
INWOOD, Michael. Dicionário Heidegger . Tradução de Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.			
LEBRUN, G. Sobre Kant . São Paulo: Edusp/Iluminuras, 1993.			
LEBRUN, Gerard. Kant e o fim da metafísica . São Paulo: Martins Fontes, 2002.			
STEIN, Ernildo. Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana . Ijuí: UNIJUI, 2001.			
STEIN, Ernildo. Introdução ao pensamento de Martin Heidegger . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH137	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	2	30
EMENTA			
Desenvolvimento do projeto de pesquisa. Orientação.			
OBJETIVO			
Orientar e auxiliar os estudantes na construção de seus trabalhos de monografia (TCC);			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BRITO, Emídio F. de; CHANG, Luiz Harding (Org.). Filosofia e método . São Paulo: Loyola, 2002.			
FOLSCHEID, Dominique. Metodologia filosófica . São Paulo: Martins Fontes, 2002.			
GONZÁLEZ PORTA, Mário Ariel. A filosofia a partir de seus problemas : didática e metodologia do estudo filosófico. São Paulo: Loyola, 2004.			
MARCONDES, Danilo; FRANCO, Irley. A filosofia : o que é? Para que serve? Rio de Janeiro: Zahar; Ed. PUC-Rio, 2011.			
STEIN, Ernildo. Inovação na filosofia . Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BLACKBURN, S. Pense : uma introdução à filosofia. Lisboa: Gradiva, 2001.			
DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia? São Paulo: Ed. 34, 1992.			
ECO, Umberto. Como se faz uma tese . São Paulo: Perspectiva, 1996.			
FÁVERO, Altair A.; GABOARDI, Ediovani A. (Coord.). Apresentação de trabalhos científicos : normas e orientações práticas. 4. ed. Passo Fundo: UPF, 2008.			
FLICKINGER, Hans-Georg. A lógica clandestina do compreender, do pensar e do escrever. In: DE BONI, L. A. (Org.). Finitude e transcendência : Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein. Petrópolis: Vozes, 1996.			
HEIDEGGER, Martin. Que é isto – A Filosofia? Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).			
NAGEL, T. Uma breve introdução à filosofia . São Paulo: Martins Fontes, 2007.			
SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia . São Paulo: Martins Fontes, 2001.			
STEIN, Ernildo. Exercícios de fenomenologia : limites de um paradigma. Ijuí: Unijuí, 2004.			
TUGENDHAT, Ernest. A filosofia entre nós . Ijuí: Unijuí, 2005.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH085	DIALÉTICA E TEORIA CRÍTICA	4	60
EMENTA			
A dialética na história da filosofia. O projeto da Escola de Frankfurt. Teoria tradicional e teoria crítica. Fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade. Crítica à racionalidade, modernidade e cultura. Dialética negativa.			
OBJETIVO			
Refletir sobre a dialética como princípio do pensamento crítico frankfurtiano, investigando as bases conceituais da Teoria Crítica, suas possibilidades e limites.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ADORNO Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento : fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. ADORNO, Theodor W. Dialética Negativa . Rio de Janeiro: Zahar, 2009. BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas . Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. I, II e III. HABERMAS, Jürgen. O discurso filosófico da modernidade : doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000. HEGEL. Fenomenologia do espírito . 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. HORKHEIMER, Max. Teoria Crítica I . São Paulo: Perspectiva, 2006. MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos . Lisboa: ed. 70, 1992.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ADORNO, Theodor W. Minima Moralia . Reflexões a partir da vida lesada. São Paulo: Azougue, 2008. DUARTE, Rodrigo. Teoria crítica da indústria cultural . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. FLICKINGER, H. Marx-Hegel : o porão da filosofia social. Porto Alegre: L&PM-CNPq, 1986. FREUD, Sigmund. Obras Completas . São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 20 v. HORKHEIMER, Max. Eclipse da razão . São Paulo: Centauro, 2002. LUKÁCS, G. História e consciência de classe : ensaio sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003. NOBRE, Marcos (Org.). Curso Livre de Teoria Crítica . Campinas: Papyrus, 2008. ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Org.). Ensaio frankfurtianos . São Paulo: Cortez, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH142	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO IV	5	75
EMENTA			
Elaboração de relatório e avaliação do Estágio Supervisionado. Proposições acerca de: Dinâmica de aula. Métodos de ensino. Material adequado para a prática docente. Relação docente-discente. Formas de avaliação. Avaliação de desempenho. Conteúdos programáticos.			
OBJETIVO			
Proporcionar o surgimento de novas proposições para a prática do ensino de filosofia por parte dos acadêmicos.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ALVES, D. J. Filosofia no ensino médio . Campinas: Autores Associados, 2002. GALLO, S. (Org.). Grupo de Estudos sobre Ensino de Filosofia – Gesef . Ética e cidadania: caminhos da filosofia – elementos para o ensino de filosofia. Campinas, SP: Papyrus, 1997. GONÇALVES NETO, J. da C. A filosofia na universidade ou Em busca de um sentido para ensinar . Goiânia: Deescubra, 2003. PENA-VEGA, A.; ALMEIDA, E. P. (Org.). O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade . Rio de Janeiro: Garamond, 1999. PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio: diferentes concepções (cap. 1 – 1ª. parte); Planos e projetos de estágio (3ª. parte). Planejamento e avaliação de estágio (cap. 1); Planejando o estágio em forma de projetos (cap. 2). In: Estágio e docência . São Paulo: Ed. Cortez, 2004. SILVEIRA, R. J. T. S.; GOTO, R. (Org.). Filosofia no ensino médio – temas, problemas e propostas . São Paulo: Edições Loyola, 2007.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ANDRÉ, M. Além do fracasso escolar - uma redefinição das práticas avaliativas. In: AQUINO. Erro e fracasso . São Paulo: Summus, 1996. BOZATSKI, M. F. et. al. Diálogos com a prática: construções teóricas (Coletânea I) . Curitiba: SESI – Departamento Regional do Estado do Paraná, 2008. CEDIC – Centro Difusor de Cultura. Filosofia no ensino médio. Programa em DVD produzido pela ATTA Mídia e Educação. Elementos didáticos para a experiência filosófica (programa 2). FERNANDES, M. Ao. Educação como autoconstituição do ser humano: uma abordagem fenomenológico-existencial. Inter-ação – Revista da Faculdade de Educação da UFG, v. 32, n. 1, jan/jun. 2007, p. 69-89. FEITOSA, C. Explicando a filosofia com arte . Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. GALLO, S.; KOHAN, W. O. Filosofia no ensino médio . Petrópolis: Vozes, 2000. v. 6. LUCKESI, C. C. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. Revista da Ande , São Paulo, Cortez, ano 5, n. 10, 1986. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Orientações curriculares para o ensino médio - Ciências humanas e suas tecnologias . v. 3 (Conhecimentos de filosofia - cap. 1). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. p. 15-40. Disponível em: < http://www.ufg.br/forumlic/_Legislacao/_PCN-EM/PCN03.pdf >. Acesso em: 13 fev, 2008. TORRES, R. M. Que (e como) é necessário aprender . Campinas: Papyrus, 1994. ZABALA, A. A Prática Educativa . Porto Alegre: ArtMed, 1998.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH086	ÉTICA PRÁTICA: Bioética e ética ambiental	4	60
EMENTA			
O surgimento da bioética. Princípios morais na bioética. Dilemas morais: eutanásia, aborto, eugenia, clonagem. Habermas e o debate sobre a o uso da biotecnologia. Redefinição do conceito de “comunidade moral”. Fundamentação filosófica de direitos ambientais e direitos animais.			
OBJETIVO			
Discutir as diversas tendências filosóficas relacionadas à ética prática, introduzindo o aluno nos debates atuais sobre a fundamentação da bioética, ética ambiental e ética animal.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BEAUCHAMP, T. L.; CHILDRESS, J. F. Princípios de Ética Biomédica . São Paulo: Edições Loyola, 2002.			
DALL’AGNOL, Darlei. Bioética: princípios morais e aplicações . Rio de Janeiro: DP&A, 2004.			
DWORKIN, R. Domínio da Vida . São Paulo: Martins Fontes, 2003.			
FELIPE, Sônia T. Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas . Florianópolis: Editora da UFSC - EDUFSC, 2007.			
HABERMAS, J. O Futuro da Natureza Humana . São Paulo: Martins Fontes, 2004.			
SINGER, P. Ética Prática . São Paulo: Martins Fontes, 2002.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
COSTA, S. I. F.; OSELKA, G.; GARRAFA, V. (Org.). Iniciação à bioética . Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998.			
DALL’AGNOL, Darlei. Bioética . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.			
ENGELHARDT, T. Fundamentos da Bioética . São Paulo: Edições Loyola, 1998.			
Ethic@ - Revista Internacional de Filosofia da Moral. Edição Especial: v. 3 a 7. Disponível em: < http://www.cfh.ufsc.br/ethic@/ >.			
FELIPE, Sônia T. Por uma questão de Princípios: alcance e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais . Florianópolis: Boiteux, 2003.			
HARE, Richard M. A linguagem da moral . São Paulo: Martins Fontes, 1996.			
SINGER, P. Libertação animal . Porto Alegre/São Paulo: Lugano, 2004.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GLA045	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (Libras)	04	60
EMENTA			
1. Visão contemporânea da inclusão e da educação especial na área da surdez. 2. Cultura e identidade da pessoa surda. 3. Tecnologias voltadas para a surdez. 4. História da linguagem de movimentos e gestos. 4. Breve introdução aos aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. 5. Características básicas da fonologia de Libras: configurações de mão, movimento, locação, orientação da mão, expressões não-manuais. 5. O alfabeto: expressões manuais e não manuais. 6. Sistematização e operacionalização do léxico. 7. Morfologia, sintaxe, semântica e pragmática da Libras; 8. Diálogo e conversação. 9. Didática para o ensino de Libras.			
OBJETIVO			
Dominar a língua brasileira de sinais e elaborar estratégias para seu ensino, reconhecendo-a como um sistema de representação essencial para o desenvolvimento do pensamento da pessoa surda.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BRASIL. Língua Brasileira de Sinais . Brasília: SEESP/MEC, 1998. BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de línguas de sinais . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. COUTINHO, Denise. LIBRAS e Língua Portuguesa: Semelhanças e diferenças . João Pessoa: Arpoador, 2000. FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor . 4. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2005. QUADROS, Ronice Muller de. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos . Porto Alegre: Artmed, 2004. SACKS, Oliver W. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos . São Paulo: Companhia das Letras, 1998.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
BRASIL. Decreto 5.626/05 . Regulamenta a Lei no 10.436 , de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098 , de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe – LIBRAS . São Paulo: EDUSP / Imprensa Oficial, 2001. LABORIT, Emmauelle. O Vôo da Gaivota . Paris: Editora Best Seller, 1994. LODI, Ana Cláudia Balieiro et al. Letramento e Minorias . Porto Alegre: Mediação, 2002. MOURA, Maria Cecília de. O surdo: caminhos para uma nova identidade . Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000. _____. Língua de Sinais e Educação do Surdo . Série neuropsicológica. São Paulo: TEC ART, 1993. v. 3. PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. Curso de LIBRAS 1 . 1ª Ed. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. QUADROS, Ronice Muller. Educação de surdos . A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Editora Artmed, 1997 SACKS, Oliver. Vendo Vozes – Uma viagem ao mundo dos surdos . São Paulo: Cia. das Letras, 1998.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
	Optativa I	4	60
EMENTA			
A ser definida pelo colegiado de curso.			
OBJETIVO			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
	Optativa II	4	60
EMENTA			
A ser definida pelo colegiado de curso.			
OBJETIVO			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
	Optativa III	4	60
EMENTA			
A ser definida pelo colegiado de curso.			
OBJETIVO			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH138	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO III	2	30
EMENTA			
Orientação e acompanhamento da elaboração do texto da monografia. Defesa do TCC.			
OBJETIVO			
Orientar e auxiliar os estudantes na construção de seus trabalhos de monografia (TCC);			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
BRITO, Emídio F. de; CHANG, Luiz Harding (Org.). Filosofia e método . São Paulo: Loyola, 2002. FOLSCHIED, Dominique. Metodologia filosófica . São Paulo: Martins Fontes, 2002. GONZÁLEZ PORTA, Mário Ariel. A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico . São Paulo: Loyola, 2004.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ECO, Umberto. Como se faz uma tese . São Paulo: Perspectiva, 1996. FÁVERO, Altair A.; GABOARDI, Ediovani A. (Coord.). Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas . 4. ed. Passo Fundo: UPF, 2008. FLICKINGER, Hans-Georg. A lógica clandestina do compreender, do pensar e do escrever. In: DE BONI, L. A. (Org.). Finitude e transcendência: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein . Petrópolis: Vozes, 1996. HEIDEGGER, Martin. Que é isto – A Filosofia? Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores). SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia . São Paulo: Martins Fontes, 2001. STEIN, Ernildo. Exercícios de fenomenologia: limites de um paradigma . Ijuí: Unijuí, 2004. TUGENDHAT, Ernest. A filosofia entre nós . Ijuí: Unijuí, 2005.			



8.10.1 Componentes curriculares optativos

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH417	FILOSOFIA DA MENTE	4	60
EMENTA			
A mente como problema filosófico. Origem e lugar teórico da filosofia da mente: metafísica, filosofia da linguagem, neurociências, psicologia, ciências cognitivas. O dualismo cartesiano e o problema da interação mente-cérebro. O comportamentalismo e a identidade entre mente e cérebro. O funcionalismo: mentes como computadores. O monismo anômalo. O problema da identidade pessoal			
OBJETIVO			
Refletir filosoficamente sobre a mente humana, levando-se em conta conhecimentos de outras áreas da ciência (neurociências, psicologia, etc.) e de tecnologias recentes (computação, v. g.).			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
CHURCHLAND, P. Matéria e consciência : uma introdução contemporânea à filosofia da mente. São Paulo: Unesp, 2004. DESCARTES, René. Meditações sobre filosofia primeira . Tradução de Fausto Castilho. Campinas: UNICAMP/Cemodecon, 1999. HUME, D. Tratado da natureza humana . Tradução de Déborah Danowski. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009. KANT, I. Crítica da Razão Pura . Tradução de M. P. dos Santos, A. F. Morujão. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997. MASLIN, K. T. Introdução à filosofia da mente . Tradução de Fernando J. R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2009. MATTHEWS, Eric. Mente : conceitos-Chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2007. MCDOWELL, John. Mente e mundo . Aparecida: Idéias & Letras, 2005. SELLARS, Wilfrid. Empirismo e filosofia da mente . Petrópolis: Vozes, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ABRANTES, P. Metafísica e ciência: o caso da filosofia da mente. In: CHEDIAK, K.; VIDEIRA, A. A. P. (Org.). Temas de Filosofia da Natureza . Rio de Janeiro: UERJ, 2004. CHOMSKY, N. Linguagem e mente . São Paulo: Unesp, 2009. COSTA, Cláudio. Filosofia da mente . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. DENNETT, D. C. Tipos de Mentes . Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997. LEIBNIZ, Gottfried W. Novos ensaios sobre o entendimento humano . Tradução de Luiz J. Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores). LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano . Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Pensadores). TEIXEIRA, João de F. Como ler a filosofia da mente . São Paulo: Paulus, 2008. TEIXEIRA, João de F. Filosofia da mente e inteligência artificial . Campinas: Unicamp, 1996. TEIXEIRA, João de F. O que é filosofia da mente . São Paulo: Brasiliense, 1994.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH418	FILOSOFIA DA NATUREZA	4	60
EMENTA			
A natureza como problema filosófico. A história do desenvolvimento das imagens da natureza. Cosmologias e cosmogonias. O problema da transformação e da permanência. A natureza objetivada: o conhecimento científico e a tecnologia em relação à natureza.			
OBJETIVO			
Desenvolver uma reflexão filosófica sobre as relações entre homem e natureza no contexto da cultura ocidental, atentando tanto para aspectos teóricos (compreensão teórica de natureza) quanto para aspectos práticos (ética e meio ambiente).			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARISTÓTELES. Física I-II . Trad. Lucas Angioni. Campinas: UNICAMP, 2009. BACON, Francis. Novum Organum : verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. Tradução de J. A. R. de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Pensadores). BACON, Rogério. Obras escolhidas . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. OS PRÉ-SOCRÁTICOS. Fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores). PLATÃO. Diálogos (Timeu). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1974/88. TIRO, Porfírio de. Isagoge – introdução às categorias de Aristóteles. Tradução de Bento Silva Santos. São Paulo: Attar, 2002.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARISTÓTELES. De Anima . Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006. ARISTÓTELES. “Tratado do infinito”. Peri , v. 2, n. 1, 2010, p. 98-110. BACON, F. Nova Atlântida . Tradução de J. A. R. de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Pensadores). CARONE, Gabriela R. A cosmologia de Platão e suas dimensões éticas . São Paulo: Loyola, 2008. CHEDIAK, K.; VIDEIRA, A. A. P. (Org.). Temas de filosofia da natureza . Rio de Janeiro: UERJ, 2004. COLLINGWOOD, R. G. Ciência e filosofia: a idéia de natureza . 5. ed. Lisboa: Presença, 1986. GAZOLLA, Rachel (Org.). Cosmologias: cinco ensaios sobre filosofia da natureza . São Paulo: Paulus, 2008. GLEISER, Marcelo. A dança do universo: dos mitos de criação ao big-bang . São Paulo: Companhia das Letras, 1997. HENRY, John. A revolução científica . Tradução de Maria L. X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. KANT, I. Crítica da faculdade do juízo . Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os filósofos pré-socráticos . Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. SPINELLI, Miguel. Filósofos pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega . Porto Alegre: Edipucrs, 1998.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH419	FILOSOFIA DO DIREITO	4	60
EMENTA			
O Direito como objeto da reflexão filosófica. Conceitos fundamentais da filosofia do direito: justiça, moral, ética, legalidade, direitos humanos, direitos sociais, validade, democracia. O positivismo no Direito. Direito e moral. Fundamentação dos direitos. Teoria Pura do Direito. Críticos do Direito.			
OBJETIVO			
Introduzir questões clássicas da filosofia do direito.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
DWORKIN, Ronald. Levando os direitos a sério . São Paulo: Martins Fontes, 2002. HABERMAS, Jürgen. Direito e democracia: entre faticidade e validade . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. HEGEL, George W. F. Princípios da filosofia do direito . São Paulo: Martins Fontes, 1997. KANT, Immanuel. A Metafísica dos Costumes . Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005. KELSEN, Hans. Teoria pura do direito . São Paulo: Martins Fontes, 1991. RAWLS, John. Uma teoria da justiça . São Paulo: Martins Fontes, 2008.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
ARENDDT, Hanna. Sobre a violência . Rio de Janeiro: Zahar, 1994. BOBBIO, Norberto. A era dos direitos . Rio de Janeiro: Campus, 1992. DERRIDA, Jacques. A força da lei . São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2007. DWORKIN, Ronald. Uma questão de princípio . São Paulo: Martins Fontes, 2000. DUTRA, Delamar J. V. Manual de Filosofia do Direito . Caxias do Sul: Educus, 2008. HART, Herbert. O conceito de direito . São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009. HECK, José. Direito e moral: duas lições sobre Kant . Goiânia: Ed. da UFG; Ed. da UCG, 2000. KAUFMANN, Arthur. Filosofia do Direito . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. LEGAZ Y LACAMBRA. Filosofia del Derecho . 2. ed. Barcelona: Hucitec, 1961. MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel . São Paulo: Boitempo, 2005. NOBRE, Marcos; TERRA, Ricardo (Org.). Direito e democracia . Um guia de leitura de Habermas. São Paulo: Malheiros Editores, 2008. REALE, M. Filosofia do Direito . 20. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH420	FILOSOFIA NA AMÉRICA LATINA	4	60
EMENTA			
História das idéias filosóficas na América Latina. A recepção de diferentes correntes do pensamento filosófico ocidental na América Latina, em diferentes épocas históricas. A recepção e desenvolvimento da filosofia medieval na América Colonial. A recepção da filosofia moderna iluminista e sua influência na história da América Latina. A recepção e presença da filosofia marxista na América Latina. A recepção e presença de outras correntes filosóficas contemporâneas na América Latina. O estado atual da filosofia na América Latina. Problemas latino-americanos pensados de uma perspectiva filosófica.			
OBJETIVO			
Investigar os principais expoentes e temas do desenvolvimento filosófico na América Latina.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ARDILES, O. et. al. Hacia una filosofía de la liberación latinoamericana . Buenos Aires: BONUM, 1973.			
DUSSEL, E. Caminhos de libertação Latino-Americana . São Paulo: Paulinas, 1984.			
_____. El humanismo helénico . Buenos Aires: EUDEBA, 1975.			
_____. Ética da Libertação, na idade da libertação e da exclusão . Petrópolis: Vozes, 2000.			
_____. Método para uma filosofia da libertação: superação analética da dialética hegeliana . São Paulo: Loyola, 1982.			
_____. Para uma ética da libertação latino-americana . São Paulo/Piracicaba: Loyola/UNIMEP, s/d.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
CERUTTI GULDBERG, H. Filosofia da la liberación latinoamericana . México: Fondo de Cultura Económica, 1983.			
FARIAS, F. B. de. Filosofia política da América – A ideologia do novo século americano . São Paulo: Cortez, 2004.			
PINHEIRO, U.; RUFFINO, M.; SMITH, P. J. (Org.). Ontologia, conhecimento e linguagem: um encontro de filósofos latino-americanos . Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2001.			
SIDEKUM, A. (Org.). Ética do discurso e Filosofia da Libertação: modelos complementares . São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994.			
ZIMMERMANN, R. América Latina o Não-Ser: uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976) . Petrópolis: Vozes, 1987.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH421	FILOSOFIA DA BIOLOGIA	4	60
EMENTA			
As duas biológicas: funcional e evolutiva. Biologia funcional: o conceito de função, explicações funcionais, teleologia. O problema do reducionismo. Biologia evolutiva: pensamento populacional, seleção natural e adaptação. Elementos de sistemática filogenética. O problema do estatuto ontológico das linhagens. O problema das leis em biologia.			
OBJETIVO			
Familiarizar os alunos com alguns elementos das teorias biológicas e com os problemas filosóficos suscitados por elas.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
ABRANTES, P. (Org.). Filosofia da Biologia . Porto Alegre: Artmed, 2011. DARWIN, C. A origem das espécies e a seleção natural . Tradução de Soraya Freitas. São Paulo: Madras, 2011. DAWKINS, R. A grande história da evolução . São Paulo: Companhia das Letras, 2009. HULL, D. Filosofia da Ciência Biológica . Rio de Janeiro: Zahar, 1975. MAYR, E. O desenvolvimento do pensamento biológico . Brasília: UnB, 1998.			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			
AYALA, F.; DOBZHANSKY, T. (ed.). Estudios sobre la Filosofía de la Biología . Barcelona: Ariel, 1983. AMORIM, D. de S. Fundamentos de Sistemática Filogenética . Ribeirão Preto: Holos, 2009. DENNETT, D. A perigosa ideia de Darwin . Rio de Janeiro: Rocco, 1998. GHISELIN, M. El Triunfo de Darwin . Madrid: Cátedra, 1983. JACOB, F. A lógica da vida: uma história da hereditariedade . São Paulo: Graal, 2001. MATURANA, H.; VARELA, F. De máquinas e seres vivos . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. MAYR, E. Isto é biologia . São Paulo: Companhia das Letras, 2008. MEYER, D.; EL-HANI, C. N. Evolução: o sentido da biologia . São Paulo: Unesp, 2005. ROSENBERG, A.; McSHEA, D. Philosophy of Biology: A Contemporary Introduction . Londres/Nova Iorque: Routledge, 2008. SOBER, E. Philosophy of Biology . Boulder: Westview Press, 2000. SOBER, E. The Nature of Selection . Chicago: University of Chicago Press, 1993. STERELNY, K.; GRIFFITHS, P. Sex and Death: An Introduction to Philosophy of Biology . Chicago: University of Chicago Press, 1999.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH398	TÓPICOS ESPECIAIS EM ONTOLOGIA I	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH423	TÓPICOS ESPECIAIS EM ONTOLOGIA II	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH424	TÓPICOS ESPECIAIS EM ONTOLOGIA III	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH425	TÓPICOS ESPECIAIS EM ONTOLOGIA IV	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH426	TÓPICOS ESPECIAIS EM EPISTEMOLOGIA I	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH427	TÓPICOS ESPECIAIS EM EPISTEMOLOGIA II	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH428	TÓPICOS ESPECIAIS EM EPISTEMOLOGIA III	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH429	TÓPICOS ESPECIAIS EM EPISTEMOLOGIA IV	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH399	TÓPICOS ESPECIAIS EM ÉTICA I	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH431	TÓPICOS ESPECIAIS EM ÉTICA II	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH432	TÓPICOS ESPECIAIS EM ÉTICA III	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH433	TÓPICOS ESPECIAIS EM ÉTICA IV	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH401	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA POLÍTICA I	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH435	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA POLÍTICA II	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH436	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA POLÍTICA III	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH437	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA POLÍTICA IV	4	60
EMENTA			
Componente Curricular de ementa aberta a ser aprovada pelo colegiado.			
OBJETIVO			
Complementar a formação dos estudantes em tópicos relevantes que eventualmente não tenham sido tratados nos Componentes Curriculares anteriores.			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			



10 PROCESSO PEDAGÓGICO E DE GESTÃO DO CURSO E PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

O processo pedagógico e de gestão do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura pauta-se pela Portaria 263/GR/UFFS/2010 da UFFS e, mais especificamente, pela Pró-Reitoria de Graduação desta Universidade.

Em reuniões regulares e sistemáticas com as coordenações dos cursos, a referida Pró-reitoria, em conjunto com a Direção Pedagógica e a Direção de Políticas e Processos, órgãos a ela subordinados, tem orientado e discutido sobre questões diversas que contemplam desde o andamento das atividades docentes, seus planos de trabalho, até os projetos pedagógicos do curso.

Além das reuniões quinzenais com a Pró-Reitoria de Graduação, internamente o Curso possui uma instância colegiada pela qual tramitam processos e assuntos atinentes ao bom funcionamento do Curso. As reuniões de colegiado ocorrem mensalmente e contam com a participação de todos os professores que lecionam no Curso em cada semestre, professores do núcleo docente estruturante do curso e representantes discentes eleitos pelos seus pares para esta finalidade. Nestas reuniões são tratados assuntos referentes às principais políticas do Curso, deliberação e aprovação sobre normas específicas para o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura, planejamento docente, análise e aprovação dos Planos de Ensino de cada semestre, encaminhamentos de projetos de pesquisa e extensão, bem como discussões sobre assuntos pertinentes ao curso.

Para o processo de planejamento docente, a UFFS disponibiliza um formulário denominado Registro de Atividades Docentes (RAD), que é preenchido semestralmente pelos docentes do curso e submetido à apreciação do colegiado e, em seguida, encaminhado à Pró-Reitoria de Graduação. No RAD o docente descreve detalhadamente as suas atividades para os seguintes itens: atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, capacitação docente, atividades de administração/gestão universitária, atividades em colegiados e comissões temporárias.

Após aprovado e definido o planejamento semestral de cada docente pelo colegiado a que se vincula, o mesmo fica responsável em elaborar o plano de ensino



para cada um dos componentes curriculares que ministrará durante o semestre. Esse plano é composto pelos seguintes elementos: objetivo do curso, ementa, justificativa do componente curricular, objetivos geral e específicos, conteúdos programáticos e respectivos procedimentos didáticos, avaliação, referências básicas e complementares.

Cabe ressaltar que as orientações e procedimentos para avaliação do desempenho dos estudantes nos cursos de graduação são regidos pela orientação normativa n. 001/PROGRAD/2010.



11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Em consonância com os princípios estabelecidos para o desenvolvimento do ensino na UFFS, a avaliação do processo ensino-aprendizagem dar-se-á em dinâmica processual, com preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação, como processo, é contínua (VASCONCELLOS, 1994), pois resulta do acompanhamento efetivo do professor durante o período no qual determinado conhecimento está sendo construído pelo estudante. Avaliação, ensino e aprendizagem vinculam-se, portanto, ao cotidiano do trabalho pedagógico e não apenas aos momentos especiais de aplicação de instrumentos específicos.

A avaliação do processo ensino-aprendizagem no Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura será realizada de forma contínua e sistemática, priorizando atividades formativas, considerando os objetivos de diagnosticar e registrar o progresso do estudante e suas dificuldades. Além disso, a avaliação orientará o acadêmico quanto aos esforços necessários para superar as dificuldades e norteará as atividades de (re)planejamento dos conteúdos curriculares.

A avaliação da aprendizagem dos discentes será realizada por componente curricular, levando-se em consideração a assiduidade e o aproveitamento nos estudos. Ainda conforme regulamentação da UFFS, o discente deverá ter frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) nas atividades desenvolvidas em cada componente curricular, cabendo ao professor o registro da mesma, excetuando-se os casos amparados em lei e os componentes curriculares cursados a distância. A verificação do aproveitamento nos estudos e do alcance dos objetivos previstos nos planos de ensino, em cada componente curricular, será realizada por meio da aplicação de diferentes instrumentos de avaliação, resultando no registro de 2 (duas) Notas Parciais (NP). O primeiro registro (NP1) deverá ser realizado no transcorrer de até 50% (cinquenta por cento) do semestre letivo; o segundo registro (NP2) até o final do semestre letivo. Além disso, o registro do desempenho dos estudantes, em cada componente curricular, será efetivado pela atribuição de notas de 0,0 (zero vírgula zero) a 10,0 (dez vírgula zero),



em escala decimal. Para ser aprovado em cada componente curricular o estudante deverá alcançar nota igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) pontos.

Ainda, conforme a Portaria 263/GR/UFFS/2010 da UFFS: “se o resultado das notas parciais for inferior ao mínimo estabelecido para a aprovação do estudante, o professor deverá oferecer novas oportunidades de aprendizagem e avaliação, previstas no Plano de Ensino, antes de seu registro no diário de classe”.



12 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO

A preocupação em avaliar a capacidade institucional, o processo de ensino e a produção do conhecimento, bem como o comprometimento do Curso de Licenciatura em Filosofia com a própria missão da Universidade Federal da Fronteira Sul, é um aspecto de extrema importância por todos os agentes envolvidos com as atividades do curso, seja no âmbito da direção, do colegiado de curso ou da comunidade acadêmica de uma forma geral.

Cada *campus* desenvolveu um instrumento de autoavaliação próprio. No *campus* Chapecó, estabeleceu-se o seguinte fluxo metodológico para aplicação sistemática da autoavaliação do Curso: 1º) sensibilização dos alunos para o modo e a qualidade com que deve ser executada essa Autoavaliação. Para esse momento, sugere-se uma assembleia com todos os alunos, na qual serão considerados os critérios a serem avaliados, o modo e a pretensão de uma avaliação periódica como esta; 2º) aplicação de um questionário, depois de 50% do semestre concluído, a ser respondido em cada turma e que será anotado por um relator ou relatores, e conduzida a discussão pelos líderes da respectiva turma. Apenas um formulário com as respostas dos alunos de cada turma será remetido à coordenação de curso; 3º) a coordenação sintetizará as respostas e, caso perceba a pertinência, dará um retorno aos docentes acerca das avaliações dos alunos em reunião de Colegiado subsequente; 4º) no final de cada semestre, será aplicado um novo questionário, desta vez de preenchimento individual, que se pretende que seja feito de forma eletrônica e os dados serão tabulados automaticamente. 5º) Os resultados serão discutidos entre uma comissão de 3 (três) professores escolhidos no Colegiado que, juntamente com a coordenação de curso, preparará uma exposição, também em forma de assembleia, no final do ano, para devolver aos alunos e professores reunidos o diagnóstico coletado e projetar melhorias e ajustes para os próximos anos. No *campus* Erechim, o instrumento de autoavaliação do curso consiste na aplicação também de dois questionários, incluindo questões quantitativas e qualitativas: 1) avaliação da disciplina pelo aluno e 2) avaliação da disciplina pelo professor.

A consolidação do Projeto Político Pedagógico do Curso de Filosofia será uma preocupação constante do colegiado, que terá, nas avaliações institucionais efetuadas



por toda a comunidade universitária, o referencial maior para constatar tal consolidação e/ou ajustar-se às necessidades e demandas que surgirem ao longo do processo.



13 PERFIL DOCENTE (Competências, habilidades, comprometimento, entre outros) E PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO

O perfil do docente do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul deve proporcionar o cumprimento dos objetivos delineados para o próprio Curso. Portanto, o docente deve ser um profissional com abrangente conhecimento de Filosofia, comprometido com a pesquisa e capaz de despertar nos educandos tanto a admiração pelo exercício da docência, quanto para o hábito da pesquisa filosófica. Rigor, precisão e persistência na prática da pesquisa são qualidades essenciais a serem despertadas nos educandos por seus docentes, a fim de que aqueles desejem ultrapassar estes em conhecimento e espírito investigativo.

Além disso, torna-se indispensável ao docente do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura demonstrar uma atitude de diálogo com a realidade atual, não apenas ensinando história da filosofia, mas conduzindo os discentes a estabelecerem relações plausíveis entre os autores clássicos e os problemas atuais.

Compete ainda ao docente, familiarizado com o âmbito do ensino e da prática da Educação Básica, auxiliar os educandos a desenvolver a capacidade da transposição didática, para que os mesmos possam, no exercício da docência, tornar o conhecimento filosófico acessível para seus futuros estudantes.

Finalmente, espera-se do docente a habilidade de estabelecer relações dos conteúdos próprios de seu componente curricular com conteúdos presentes em áreas afins. Deste modo, relacionar as questões filosóficas com outras áreas do conhecimento e com os demais componentes curriculares do Curso no intuito de promover a interdisciplinaridade é vital para a efetivação deste PPC. Logo, espera-se que o docente seja capaz de conhecer não apenas o que lhe é de interesse particular, mas que se ocupe com questões do âmbito de outras áreas do saber, de forma a estabelecer relações pertinentes e justificadas entre os problemas atuais e os sistemas filosóficos.

O processo de qualificação docente se dará através de incentivo à participação em eventos nacionais e internacionais, bem como a formação continuada através de cursos de pós-graduação e cursos de formação complementar.



14 QUADRO DE PESSOAL

14.1 *Campus de Chapecó*

Componente curricular	Professor	Tit.	Cred.	C/H	Súmula do Currículo Vitae
			Par.	IES	
Estatística básica	Joseane Sternadt	Ma		40	Graduação em Engenharia Elétrica; Mestrado em Engenharia da Produção
História da filosofia antiga	Maurício Fernando Bozatski	Me		40	Graduação em Filosofia; Mestrado em Filosofia
História da filosofia medieval	Juliano Paccos Caram	Me		40	Graduação em Filosofia; Mestrado em Filosofia
História da fronteira sul	Delmir José Valentini	Dr		40	Graduação em Filosofia; Mestrado em História; Doutorado em História
Iniciação à prática científica	Élsio José Corá	Me		40	Graduação em Filosofia; Mestrado em Filosofia; Doutorado em Filosofia
Introdução à informática	Andressa Sebben	Ma		40	Graduação em Sistemas de Informação; Mestrado em Ciências da Computação
Introdução ao pensamento social	Christy Ganzert Pato	Me		40	Graduação em Ciências Sociais; Mestrado em Ciência Política
Leitura e produção textual I	Eric Duarte Ferreira	Me		40	Graduação em Letras Português; Mestrado em Linguística
Leitura e produção textual II	Eric Duarte Ferreira	Me		40	Graduação em Letras Português; Mestrado em Linguística
Lógica I	Franciele Bete Petry	Ma		40	Graduação em Filosofia; Mestrado em Filosofia; Mestrado em Educação
Matemática instrumental	Tarcísio Kummer	Dr		40	Graduação em Ciências; Graduação em Matemática; Mestrado em Educação; Doutorado em Ciências Pedagógicas; Doutorado em Educação Científica Tecnológica



14.2 Campus de Erechim

Componente curricular	Professor	Tit.	Cred.	C/H	Súmula do Currículo Vitae
			Par.	IES	
Estatística básica	Adão Boava	Me		40	Graduação em Engenharia Elétrica; Mestrado em Engenharia Elétrica
História da filosofia antiga	Marcio Soares	Dr		40	Graduação em Filosofia; Mestrado em Filosofia
História da filosofia medieval	Thiago Soares Leite	Me		40	Graduação em Filosofia; Mestrado em Filosofia
Iniciação à prática científica	Marcio Soares	Dr		40	Graduação em Filosofia; Mestrado em Filosofia; Doutorado em Filosofia
Introdução à informática	Gismael Francisco Perin	Me		40	Graduação em Agronomia; Mestrado em Engenharia Agrícola
Introdução ao pensamento social	Rodrigo Dias da Silva	Me		40	Graduação em Pedagogia; Mestrado em Ciências Sociais
Leitura e produção textual I	Atílio Butturi Júnior	Me		40	Graduação em Letras; Mestrado em Linguística
Leitura e produção textual II	Atílio Butturi Júnior	Me		40	Graduação em Letras; Mestrado em Linguística
Matemática instrumental	Adão Boava	Me		40	Graduação em Engenharia Elétrica; Mestrado em Engenharia Elétrica
Meio ambiente, economia e sociedade	Clovis Schimtt Souza Dilermando C. da Silveira Marilia Hartmann	Me Me Dra		40 40 40	Graduação em Ciências Sociais; Mestrado em Sociologia Graduação em Geografia; Mestrado em Geografia Graduação em Ciências Biológicas; Mestrado em Ciências Biológicas; Doutorado em Ciências Biológicas



15 INFRA ESTRUTURA NECESSÁRIA AO CURSO

15.1 Biblioteca

15.1.1 Apresentação

A Diretoria de Gestão da Informação da Universidade Federal da Fronteira Sul foi recentemente instituída, integrando as Divisões de Bibliotecas e Arquivos. A integração dessas duas áreas, que atuam com informação, portanto estratégicas para a instituição. Tanto a informação disponibilizada pelas bibliotecas como a informação gerada no âmbito da UFFS, quer seja acadêmica, científica e cultural, ou administrativa, juntas poderão agregar valor na oferta de serviços de informação na instituição.

Sua finalidade é promover o acesso, a recuperação e a transferência da informação, o armazenamento e preservação, de forma atualizada, ágil e qualificada a toda a comunidade universitária. Pretende por meio de seus acervos, arquivos, serviços e instalações incentivar o uso e a geração da informação, contribuindo para a excelência da gestão, do ensino, pesquisa e extensão, em todas as áreas do conhecimento, com a utilização eficaz dos recursos públicos.

Pretende se consolidar em um sistema inovador, que atinja seus objetivos com o uso de modernas tecnologias de informação e comunicação, visando à integração das cinco bibliotecas e da área arquivística da instituição em tempo real. Visa, sobretudo manter o compromisso com a democratização do acesso à informação de forma equitativa, respeitando a ética, os valores humanos, a sustentabilidade e a inclusão social.

15.1.2 Estrutura Organizacional

A estrutura organizacional da Diretoria de Gestão da Informação, conforme organograma abaixo, compreende um Departamento de Planejamento e Apoio a Projetos e três setores, ou seja, o Setor de Serviços Administrativos, Setor de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento de Produtos e Setor de Formação de Acervo e Tratamento da Informação. Esta estrutura atende e oferece suporte para o desenvolvimento das atividades das duas divisões:



- Divisão de Bibliotecas,
- Divisão de Arquivos.

Nos próximos itens estão descritas detalhadamente as atividades de cada um dos setores.

15.1.3 Departamento de Planejamento e Apoio a Projetos

A este departamento compete apoiar o planejamento anual das Bibliotecas e Arquivos; consolidar os dados e elaborar os relatórios de atividades mensais e anuais das Bibliotecas e Arquivos, oferecendo mediante os sistemas adotados os indicadores necessários para a avaliação e monitoramento dos serviços com o objetivo de proporcionar os subsídios necessários para implantar melhorias contínuas e inovação nas Bibliotecas e Arquivos. Subsidiar a Diretoria de Gestão da Informação no encaminhamento de projetos a serem apresentados no âmbito interno da UFFS e aos órgãos de fomento em nível regional, nacional e internacional

15.1.4 Setor de Serviços Administrativos

Este setor fica encarregado de planejar, organizar, supervisionar e controlar os serviços de expediente, de patrimônio e gerais; controlar os créditos orçamentários e adicionais; elaborar o plano de distribuição dos recursos financeiros para aquisição dos acervos, segundo os critérios fixados pela política de desenvolvimento de coleções; proceder à prestação de contas à Diretoria da Gestão da Informação, bem como, preparar os processos licitatórios, para compra de material bibliográfico, permanente e de consumo, acompanhado as licitações e fiscalizando o processo. Fica também responsável por controlar os pedidos e a distribuição do material de expediente e de consumo; fazer a gestão e os relatórios dos recursos provenientes de projetos de órgãos de fomento, internos e externos, fica também a cargo deste setor a gestão patrimonial dos bens das Bibliotecas e Arquivos.



15.1.5 Setor de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento de Produtos

Este é um setor estratégico no âmbito da Diretoria e tem como compromisso: planejar as ações necessárias ao desenvolvimento tecnológico das Bibliotecas e Arquivos; definir as políticas de automação e uso de softwares; dar suporte aos Sistemas de Gestão das Bibliotecas e Gerenciamento de Documentos dos Arquivos; identificar e antecipar a solução de problemas técnicos e tecnológicos das Bibliotecas e Arquivos, fazer a gestão do Repositório Institucional e Portal de Periódicos Eletrônicos; monitorar a evolução das tecnologias da área a fim de promover a atualização tecnológica permanente dos serviços das Bibliotecas e Arquivos; oferecer mediante os sistemas adotados os indicadores necessários para a avaliação e monitoramento dos serviços com o objetivo de proporcionar os subsídios necessários para implantar melhorias contínuas e inovação nas Bibliotecas e Arquivos; fazer a gestão do Portal de Periódicos e Repositório Institucional junto à Pró-Reitoria de Pós-Graduação; com suporte da responsável pela Diretoria de Gestão da Informação da Pró-Reitoria de Administração e Infraestrutura, em consonância com as diretrizes institucionais estabelecidas; promover a indexação da produção acadêmica e científica da UFFS em bases de dados nacionais e internacionais; bem como em buscadores na web e criar mecanismos de divulgação dos produtos e serviços de informação baseados em tecnologias e redes sociais, em consonância com as diretrizes da Agência de Comunicação da UFFS; Elaborar estudos bibliométricos e webmétricos da produção acadêmica e científica da UFFS como *Fator de impacto*, *Índice H* e *Qualis/CAPES*, utilizando softwares e sistemas que geram estes produtos; promover com as áreas de atendimento das bibliotecas e arquivos, amplo programa de capacitação de usuários no uso dos recursos informacionais disponíveis e nas novas tecnologias da informação fazendo uso das plataformas de EaD e videoconferência e definir as políticas de preservação digital dos documentos da UFFS em sintonia com as políticas institucionais vigentes.

15.1.6 Setor de Formação de Acervo e Tratamento da Informação

O Setor de Formação de Acervo e Tratamento da Informação tem por finalidade gerenciar o acervo documental das Bibliotecas; realizar o processamento técnico do



material adquirido; planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar os serviços de seleção, catalogação, classificação e indexação do material informacional, registrar, verificar, catalogar, classificar e indexar adotando os padrões internacionais definidos, sempre em consonância com diretrizes estabelecidas pelas Bibliotecas e Arquivos; supervisionar a Política de Desenvolvimento de Coleções das Bibliotecas e as políticas para os Arquivos; orientar as decisões quanto a critérios para aquisição, seleção e descarte de materiais e documentos em todos os seus suportes; cumprir a Política de Desenvolvimento de Coleções das Bibliotecas e as políticas para os Arquivos; cumprir a política de automação, em consonância com diretrizes estabelecidas pelo Setor de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento de Produtos.

15.2 DIVISÃO DE ARQUIVOS

A missão da Divisão de Arquivos é desenvolver e coordenar a política e a gestão arquivística na UFFS, visando a eficiência administrativa, a agilização dos fluxos informacionais e a preservação da memória institucional.

A Divisão de Arquivo se consolidará como órgão estratégico na coordenação de um Sistema de Arquivos da instituição, promovendo ações integradas de gestão documental que assegurem o acesso à informação gerencial, acadêmica, pesquisa e preservação da memória da Universidade, com a finalidade de administrar a produção arquivística desde a geração ou recepção dos documentos, até o seu destino final, com ênfase na preservação, compartilhamento e disseminação das informações geradas pelas relações internas e externas da UFFS.

O arquivo da UFFS seguirá o controle técnico, a legislação arquivística nacional e as instruções normativas da área de gestão documental, visando estar em consonância com a legislação e diretrizes nacionais específicas e regulamentações internas. Têm por finalidade normatizar os procedimentos relativos à administração do patrimônio documental e garantir a sua preservação; propor, adequar e elaborar os instrumentos de gestão documental; estabelecer critérios de avaliação da documentação produzida e acumulada pela UFFS; proceder a avaliação e aplicação da Tabela de Temporalidade e destinação de documentos; elaborar estudos e diagnósticos junto aos diversos setores



acadêmicos e administrativos, necessários à gestão documental; pesquisar, colher e sistematizar dados e informações pertinentes e necessárias à gestão documental; discutir, analisar e fundamentar propostas temáticas para o desenvolvimento da gestão documental, visando fornecer informações e/ou documentos de caráter probatório ou informativos, necessários às atividades da instituição, preservar e difundir a memória institucional.

A aquisição de um software de gestão eletrônica para os documentos da UFFS permitirá o desenvolvimento customizado e viabilizará as condições para a efetiva gestão documental da Universidade. Dará à Divisão de Arquivos as condições de construir o ambiente ideal para realizar a efetiva gestão documental na universidade.

15.3 Divisão de Bibliotecas

O Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul – SIBI/UFFS é composto pela biblioteca do *Campus* Chapecó em Santa Catarina, *Campus* Laranjeiras do Sul e *Campus* Realeza no Paraná, *Campus* Cerro Largo e *Campus* Erechim no Rio Grande do Sul totalizando cinco bibliotecas integrantes do sistema.

As Bibliotecas da UFFS têm o compromisso de oferecer o acesso à informação a toda a comunidade universitária para subsidiar as atividades de ensino, pesquisa, extensão e estão integradas atuando de forma sistêmica. Cada uma das cinco unidades tem em seu quadro um bibliotecário gestor, com a responsabilidade de garantir que todos os serviços de atendimento à comunidade em cada um dos campi sejam oferecidos de forma consonante com a “Carta de Serviços aos Usuários”, assumindo o compromisso da qualidade na prestação de todos os seus serviços.

15.4 QUADRO DE PESSOAL

O Departamento de Planejamento e Apoio a Projetos possui hoje um Administrador, no Setor de Tecnologia Inovação e Desenvolvimento de Produtos atuam duas bibliotecárias, no Setor de Formação de Acervo e Tratamento da Informação uma bibliotecária e um assistente e no Setor de Serviços Administrativos um administrador.



Atualmente a Divisão de Arquivos conta com três arquivistas lotados no *Campus* Chapecó. O quadro de pessoal atual das Bibliotecas da UFFS está descrito a seguir:

***Campus* Chapecó:**

A equipe da biblioteca Chapecó conta com cinco assistentes em administração e uma bibliotecária, os quais atendem as duas unidades.

***Campus* Laranjeiras do Sul:**

A biblioteca no *Campus* de Laranjeiras conta apenas com um bibliotecário e um assistente em administração.

***Campus* Realeza:**

A equipe da Biblioteca *Campus* Realeza é formada por um bibliotecário e dois assistentes em administração.

***Campus* Cerro Largo:**

Três assistentes em administração e um bibliotecário compõe a equipe na Biblioteca *Campus* Cerro Largo.

***Campus* Erechim:**

Em Erechim a equipe é formada atualmente por um bibliotecário e três assistentes em administração. Serão necessários mais dois bibliotecários e oito assistentes.

15.5 ESPAÇO FÍSICO

***Campus* Chapecó:**

A biblioteca de Chapecó/Seminário está instalada em um espaço físico de 28.88 m² destinados à área administrativa e atendimento, 29.33 m² para o acervo, 29.33 m² para a sala de estudo em grupo com 12 mesas e 42 cadeiras para os usuários, uma sala de meios com 25 computadores, e área de guarda-volumes.



A biblioteca de Chapecó/Centro está instalada em um espaço físico de 18,6 m² destinados à área administrativa e atendimento, 53,4 m² para o acervo, 56,12 m² para salas de estudo em grupo com 6 mesas e 27 cadeiras para os usuários e ainda área de 10 m² para guarda-volumes.

Campus Laranjeiras do Sul:

No *campus* de Laranjeiras do Sul a biblioteca ocupa um espaço de 70 m². Possui uma sala de estudos em grupo com 32 m², 9 mesas e 23 cadeiras; laboratório de informática de 5,8 m², com três computadores; acervo e área para funcionários de 29,20 m².

Campus Realeza:

Já a biblioteca do *campus* de Realeza conta com espaço físico de 200 m². A sala de estudo em grupo, o acervo, a sala dos funcionários e o espaço de atendimento encontram-se no mesmo ambiente. Neste espaço há duas mesas grandes e 18 cadeiras para os usuários.

Campus Cerro Largo:

No *campus* de Cerro Largo a biblioteca possui sala de estudos em grupo com 8 mesas e 18 cadeiras, o espaço é de 44,15 m², sala dos funcionários 17,31 m².

Campus Erechim:

A Biblioteca do *Campus* de Erechim, conta com área de 115 m². A sala de estudos dedicada aos usuários, o acervo e a sala dos funcionários estão localizados no mesmo ambiente. Para os alunos estão disponíveis 8 mesas e 38 cadeiras. Conta ainda com 9 computadores.

15.6 POLÍTICA DE EXPANÇÃO DO ACERVO

O acervo das Bibliotecas do SiBi/UFFS, nesta fase de consolidação dos seus cursos vem adquirindo semestralmente a bibliografia básica e complementar dos cursos de graduação e dos Programas de Pós-graduação em implantação, em número de exemplares baseados no número de alunos que cursam cada uma das disciplinas. E, com



base na política de desenvolvimento de coleções a ser adotada (em fase de aprovação no CONSUNI), estará junto ao comitê assessor (a ser criado) definindo todas as questões referentes à expansão do acervo.

Ao mesmo tempo vem ocorrendo a aquisição de livros eletrônicos e outras bases de dados para atender as demandas dos cursos existentes.

Além disso foram adquiridos e-books:

- Editora Springer: 3700 títulos (livros estrangeiros)
- Editora Zahar: títulos de história, geografia, filosofia, psicologia, ciências sociais (em português)
- Editora Atheneu: 34 títulos na área de enfermagem (em português)
- Biblioteca Virtual Universitária 1718 títulos das editoras Artmed, Atica, Casa do Psicólogo, Contexto, IBPEX, Manole, Papyrus, Pearson e Scipione, contemplando diferentes áreas do conhecimento. (em português)

15.7 SERVIÇOS PRESTADOS

A Divisão de Bibliotecas da UFFS oferece alguns serviços e está disponibilizando novos para atender as necessidades de seus usuários.

15.7.1 Serviços ativos

Consulta ao acervo: Catálogo no qual pode-se realizar pesquisas no acervo da biblioteca.

Empréstimo, reserva, renovação, e devolução: Acesso livre ao acervo no qual realiza-se as seguintes operações: empréstimo, reserva, renovação e devolução.

Empréstimo entre bibliotecas: Solicitação de livros das bibliotecas de outros campi para empréstimo.

Empréstimos de notebooks: as bibliotecas contam com equipamentos disponíveis para empréstimo domiciliar.



Divulgação de novas aquisições e serviços: É listada mensalmente as obras adquiridas pela UFFS na página da Biblioteca.

Tele-atendimento: Atendimento ao aluno por telefone na realização de pesquisa, reserva e renovação.

Salas de estudos: Salas de estudos em grupo dedicadas aos usuários.

Acesso internet wireless: Acesso livre à rede de internet sem fio.

Acesso internet laboratório: Disponibiliza computadores para trabalhos acadêmicos e acesso à internet.

Serviço de referência online: A Referência compreende o atendimento personalizado aos usuários, prestando-lhes informações sobre questões bibliográficas, instrucionais ou de pesquisa, o atendimento é prestado através do software Skype e do chat, que se encontra na página da Biblioteca.

Gestão portal periódicos: Suporte às comissões editoriais dos periódicos científicos online a serem editados pela UFFS. O Portal de Periódicos da UFFS será gerenciado pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – SEER, baseado no software desenvolvido pelo Public Knowledge Project (Open Journal Systems) da Universidade British Columbia, desenvolvido para a construção e gestão de uma publicação periódica eletrônica.

Gestão do repositório institucional: O repositório institucional reunirá os documentos digitais gerados no âmbito da UFFS e outros documentos que, por sua área de abrangência e/ou caráter histórico, sejam de interesse da instituição visando centralizar sua preservação e difusão. O repositório utilizará o Dspace, software livre desenvolvido pelo MIT e HP. Compatível com o protocolo OAI (Arquivos abertos), permitir fácil recuperação dos metadados, através dos serviços de busca na internet.

Visita Guiada: Visitas agendadas previamente por professores, diretórios acadêmicos ou mesmo por grupos de alunos, que propiciam o conhecimento da estrutura das Bibliotecas e dos serviços oferecidos.

Obs.: os serviços que dependem do acesso a internet e a intranet estão comprometidos devido à velocidade de acesso muito baixa, tanto para que o servidor processe o material, desenvolva suas atividades, quanto para que o aluno acesse os serviços da biblioteca e da internet.



15.7.2 Serviços já planejados que serão oferecidos futuramente

Comutação bibliográfica: Através do Programa de Comutação Bibliográfica (COMUT), são obtidas cópias de artigos de periódicos, teses, anais de congressos e partes de documentos, localizados em bibliotecas do país ou no exterior que fazem parte do programa, mediante pagamento de taxa.

Capacitação no uso dos recursos de informação: Treinamento dos usuários na utilização das fontes de informação disponíveis, adotando a oferta de programas presenciais nas bibliotecas e à distância, fazendo uso da plataforma Moodle e do sistema de videoconferência.

Orientação normalização de trabalhos: Orientação para a normalização de trabalhos acadêmicos através das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de forma presencial e mediante uso de tutoriais disponíveis na página da Biblioteca e plataforma Moodle.

Catologação na Fonte: A catalogação na fonte gera uma ficha catalográfica, a qual é impressa no verso da página de rosto de um livro, tese, dissertação ou monografia pertencente à produção da UFFS. A ficha é feita quando a obra está em fase de impressão e é obrigatória para efeito de depósito legal e recomendada pela ABNT.

Serviço de Alerta: Através do Sistema de Gerenciamento de Bibliotecas é enviado aos usuários avisos de: retirada de livro, data de devolução, reserva disponível e informações relevantes sobre a biblioteca.

Serviço de Disseminação Seletiva da Informação: Através de cadastro no Sistema de Gerenciamento de Bibliotecas, o usuário poderá escolher as áreas do conhecimento que deseja receber informações.

Assessoria Editorial: Este serviço será oferecido pela Diretoria de Gestão da Informação visando à colaboração com a área da graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão na definição e implantação das políticas institucionais para a publicação de anais de eventos, boletins, periódicos e livros, seja no suporte impresso ou digital, visando também a sua inserção no repositório institucional, contribuindo para a visibilidade da produção acadêmica, científica e cultural da UFFS.



15.8 ACERVO

15.8.1 Descrição das formas de acesso ao acervo

Todas as bibliotecas que compõem o SiBi/UFFS adotam a forma de livre acesso às estantes. O acervo é aberto à pesquisa para a comunidade interna e externa, mas o empréstimo domiciliar é permitido somente a alunos, professores e técnicos-administrativos da UFFS, mediante a identificação no sistema pelo número de matrícula (alunos) ou Siape (Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos) (professores e técnicos-administrativos). O empréstimo é efetuado conforme segue:

Categoria de Usuário	Quantidade de exemplares / Tempo de Empréstimo (dias corridos)				
	Chapecó	L. do Sul	Realeza	C. Largo	Erechim
Docente	10/ 30	10/ 30	10/ 30	10/ 30	10/ 30
Graduação	5/ 10	5/ 10	5/ 7	5/ 10	5/ 10
Pós- graduação	10/ 30	10/ 30	10/ 30	10/ 30	7/ 15
Técnicos Administrativos	7/ 15	7/ 15	7/ 15	5/ 30	5/ 15
Terceirizados	5/ 10	5/ 7	5/ 7	--	2/ 7

15.8.2 Bases de dados

A DGI também disponibiliza à sua comunidade acadêmica o acesso a base de dados e e-books, através da liberação de ip (Internet Protocol), possibilitando, por



enquanto, o acesso somente nas dependências da UFFS. Abaixo seguem as fontes de informação adquiridas:

- E-books Atheneu (Biomédica)
- E-books Zahar (História, Filosofia, Ciências Sociais e Psicanálise)
- E-books Springer (Computação; Engenharia; Biomédicas; Medicina; Matemática e Estatística; Negócios e Economia; Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Terra e Meio ambiente; Física e Astronomia; Química de materiais; Comportamento; Arquitetura e Design.)
- Atlas Primal Pictures (Base de dados de imagens tridimensionais de toda a Anatomia Humana)
- Portal Periódicos Capes (o acesso esta sendo liberado gradativamente pela Capes)

15.9 Infra-estrutura física: salas de estudos, salas de pesquisa e salas de aula

Ressalta-se a necessidade de garantir, na estruturação física da UFFS (construção de prédios), a disponibilização de salas de trabalho para os professores (no máximo dois professores por sala), garantindo-se inclusive material de expediente, salas de estudo e pesquisa para os estudantes e salas de aula adequadas (i.e., com adequação de espaço, capacidade de acomodação de estudantes, conforto térmico e climatização, acústica, material de suporte didático).

15.10 Pesquisa

É fundamental a existência de linhas e projetos de pesquisa vinculados ao Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da UFFS. Para tanto, é preciso garantir que os professores possam justificar sua carga horária em pesquisa (até 20 h/a semanais) e agregar estudantes em suas atividades de pesquisa. Aos estudantes, é fundamental garantir a disponibilização de bolsas de pesquisa. Nesse mesmo sentido, também é importante a disponibilização de verbas institucionais para promoção de eventos de pesquisa filosófica na UFFS, ou ela relacionados, bem como de participação de eventos



de pesquisa fora da UFFS, tanto para professores pesquisadores quanto para estudantes bolsistas.

15.11 Extensão

O Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura também deverá priorizar atividades de extensão como instância de formação de seus estudantes e de atuação de seus professores. Para tanto, será necessária a garantia de que os professores possam justificar parte de sua carga horária de trabalho (até 20 h/a) em atividades e projetos de extensão. Também será imprescindível que estudantes sejam agregados em projetos de extensão relacionados ao curso, e que disponham de bolsas para realização de tais atividades. Por fim, será necessária a garantia de verbas institucionais para desenvolvimento de projetos e eventos de extensão relacionados ao Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da UFFS.



16 REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).
- DANELLON, Márcio; GALLO, Silva; CORNELLI, Gabriele (orgs.). **Ensino de Filosofia: teoria e prática**. Ijuí: Unijuí, 2004.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os pensadores).
- FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- _____. **Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgeinstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- OBIOLS, Guilherme. **Uma introdução ao ensino de filosofia**. Trad. de Silvio Gallo. Ijuí: Unijuí, 2002.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.



ANEXOS

ANEXO I

REGULAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - LICENCIATURA

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este documento tem por objetivo regulamentar as Atividades de Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura.

Art. 2º Para os fins do disposto neste Regulamento, considera-se Estágio Curricular Supervisionado o conjunto de atividades de caráter acadêmico-profissional e social vinculadas à área de formação do estudante e desenvolvidas em Unidades Concedentes de Estágio (UCE's) devidamente conveniadas para este fim, em conformidade com as exigências da legislação de estágio, com os princípios institucionais, com o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e com o presente Regulamento.

CAPÍTULO II

DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

SEÇÃO I

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 3º O Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Graduação em Filosofia-Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) será regido por este Regulamento de Estágio Curricular Supervisionado e pelo Regulamento Geral dos Estágios.



Art. 4º O Estágio Curricular Supervisionado regulamentado nesse documento corresponde ao "Estágio Obrigatório" do Regulamento de Estágio da UFFS, em conformidade com a Lei N° 11.788/2008.

Parágrafo único. A regulamentação da modalidade de Estágio dita “Não-Obrigatória” fica regida pela PORTARIA N° 370/GR/UFFS/ 2010, art. 23 ao 31, inclusive.

Art. 5º O Estágio Curricular Supervisionado será realizado a partir da 5ª fase, compreendendo 27 créditos, com carga horária correspondente a 405 horas, assim distribuídos:

	Carga horária (em horas)			
	Total	I - Ministração de aulas e atividades presenciais de natureza teórico-práticas (estudos, oficinas temáticas sobre o fazer docente e seminários)	II – Elaboração do plano de estágio e do relatório de avaliação	III – Acompanhamento de atividades de estágio desenvolvidas pelo estudante, no campo de estágio
Estágio Curricular Supervisionado I	105 h	60 h	30 h	15 h
Estágio Curricular Supervisionado II	105 h	60 h	30 h	15 h
Estágio Curricular Supervisionado III	120 h	60 h	30 h	30 h
Estágio Curricular Supervisionado IV	75 h	45 h	15 h	15 h

Parágrafo único: Será destinado ao professor responsável por fazer o acompanhamento de estudantes no local de estágio, conforme o Art. 3º, Inciso II da Resolução 04/2018 – CONSUNI/CGAE, a carga horária correspondente a 2 (dois) créditos semestrais por grupo de até 03 (três) estudantes matriculados.

*Alteração realizada conforme Ato Deliberativo N° 4/CCLF – CH/UFFS/2019.

Art. 6º O Estágio Curricular Supervisionado compreende o planejamento, a execução e a avaliação das ações desenvolvidas no campo de estágio.



Art. 7º A realização do Estágio Curricular Supervisionado compulsório do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura deverá ocorrer, preferencialmente, de forma individual.

Parágrafo único. A realização do Estágio Curricular Supervisionado não individual depende de decisão do respectivo Colegiado de Curso.

Art. 8º O estágio supervisionado é condição precípua e obrigatória dos cursos de graduação de formação de professores, consolidadas pela seguinte legislação:

- I – Lei 9394/96 de 20/12/1996;
- II – Propostas de Diretrizes Curriculares para Formação de Profissionais de Educação;
- III – Resoluções CP/CNE nº01 e 02/02;
- IV – Diretrizes do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura.

SEÇÃO II

DOS OBJETIVOS DO

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 9º O Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura tem por objetivos:

- I – Proporcionar ao estudante oportunidades de desenvolver suas habilidades, analisar situações e propor mudanças no ambiente pedagógico.
- II – Complementar o processo de ensino-aprendizagem, por meio da conscientização do aprimoramento pessoal e profissional.
- III – Atenuar o impacto da passagem da vida de estudante para a vida profissional, abrindo ao estagiário mais oportunidades de conhecimento da filosofia, diretrizes, organização e funcionamento das instituições de ensino e da comunidade escolar.



IV – Facilitar o processo de atualização de conteúdos disciplinares, permitindo adequar aquelas de caráter profissionalizante às constantes inovações tecnológicas, políticas, sociais e econômicas a que estão sujeitas.

V – Incentivar o desenvolvimento das potencialidades individuais, propiciando o surgimento de novas gerações de profissionais pedagógicos internos e externos, capazes de adotar modelos de gestão, métodos e processos inovadores, novas tecnologias e metodologias alternativas.

SEÇÃO III

DO CAMPO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 10 Constituem campo de Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura instituições de ensino do âmbito da Educação Básica, devidamente conveniadas para este fim.

Art. 11 O contato com o campo de Estágio Curricular Supervisionado deverá ser estabelecido pelo Setor de Estágio do Campus (SEC).

Art. 12 Os convênios com o campo de Estágio Curricular Supervisionado deverão ser firmados pelo Setor de Estágio do Campus (SEC) de acordo com a legislação vigente.

Art. 13 A realização do estágio far-se-á mediante o cumprimento do artigo 6º da PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010.

SEÇÃO IV DA ORGANIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 14 O Estágio Curricular Supervisionado, desenvolvido nas fases finais do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura, compreenderá as seguintes etapas:



- I – Orientações em sala de aula pelo docente dos componentes curriculares relativos ao Estágio Curricular Supervisionado.
- II – Escolha das instituições para intervenção prática.
- III – Visita e contato do acadêmico com a instituição de ensino, seus gestores, coordenadores pedagógicos e docentes da disciplina de filosofia em que ocorrerá a prática de estágio.
- IV – Leitura do Estatuto e do Regimento da instituição de ensino e análise do plano de ensino.
- V – Acompanhamento das aulas da disciplina de filosofia na instituição de ensino.
- VI – Preparação do plano de aula que deverá ser submetido à apreciação e aprovação do docente do componente curricular de Estágio Supervisionado, do docente da disciplina de filosofia na instituição de ensino e do orientador de estágio.
- VII – Atividade de docência na instituição de ensino conveniada, sob supervisão do docente orientador de estágio.
- VIII – entrega de relatório final.

Art. 15 Em conformidade com As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura, poderá haver redução da carga horária de estágio dos acadêmicos com experiência profissional na área de formação.

§ 1º. Os acadêmicos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução máxima da carga horária do estágio curricular supervisionado de até 200 (duzentas) horas, conforme **RESOLUÇÃO CNE/CPNº 2, de 19 de Fevereiro de 2002.**

§ 2º. Para requerer redução de parte da carga horária do estágio supervisionado, o acadêmico deverá comprovar ao Coordenador de Estágio sua atuação na educação básica.

§ 3º. Os pedidos para redução de carga horária deverão ser protocolados pelo menos na fase anterior àquela em que o acadêmico estará matriculado para cursar o componente curricular de Estágio Supervisionado.



Art. 16 Os projetos e os relatórios de Estágio Curricular Supervisionado deverão ser apresentados em conformidade às especificações homologadas pelo respectivo Colegiado de Curso.

Art. 17 O desenvolvimento das atividades do Estágio Curricular Supervisionado deve acontecer, prioritariamente, em turno distinto ao de funcionamento das atividades de aula a fim de assegurar o processo formativo regular do aluno.

Parágrafo único. Cabe à Coordenação de Estágio do Curso, em consonância com respectivo Colegiado de Curso, definir o turno de funcionamento do Estágio Obrigatório dos seus respectivos discentes.

SEÇÃO V
DA ESTRUTURA DE TRABALHO PARA O
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO
NO ÂMBITO DO CURSO

Art. 18 As atividades de planejamento, execução e avaliação do Estágio Curricular Supervisionado serão desempenhadas pelo Coordenador de Estágio, pelo professor titular do componente curricular, pelos professores orientadores e pelo Setor de Estágio de Campus e/ou Divisão de Estágio.

SUBSEÇÃO I
DO COORDENADOR DO
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 19 A coordenação do Estágio Curricular Supervisionado será desempenhada pelo Coordenador de Estágio, que deverá ser um docente vinculado ao Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura e que será designado pelo Coordenador de Curso, mediante aprovação do Colegiado de Curso e aceitação do docente que irá desempenhar a função.



Art. 20 A carga horária atribuída à função de Coordenação de Estágio será de até 10 (dez) horas semanais.

Art. 21 São atribuições do coordenador do Estágio Curricular Supervisionado:

- I – definir, em conjunto com o corpo de professores orientadores de estágio, os campos de estágio.
- II – encaminhar oficialmente os acadêmicos aos respectivos campos de estágio;
- III – deferir ou indeferir requerimento de redução de parte da carga horária de estágio supervisionado, consoante com o art. 15, § 2º.
- IV – fornecer informações necessárias aos professores orientadores e aos supervisores externos;
- V – convocar e coordenar as reuniões com professores orientadores e supervisores de estágio;
- VI – acompanhar e supervisionar todas as etapas do Estágio Curricular Supervisionado, observando o que dispõe este Regulamento e demais normas aplicáveis.
- VII – articular as atividades de estágio junto com o Setor de Estágio de Campus e/ou Divisão de Estágio e cumprir outras determinações constantes no Regulamento de Estágio da UFFS.
- VIII – definir, em conjunto com o Colegiado do Curso, encaminhamentos complementares de estágio para o curso;

SUBSEÇÃO II

DO PROFESSOR DO COMPONENTE CURRICULAR DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 22 O professor do componente curricular de Estágio Curricular Supervisionado será definido pelo Colegiado do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura.



Art. 23 No Estágio Curricular Supervisionado, o professor do componente curricular assume as funções de Orientador de estágio, podendo os Colegiados dos Cursos optar por atribuir atividades de orientação, planejamento e elaboração do projeto de estágio a um grupo de docentes ou ao seu coletivo.

Art. 24 São atribuições do professor do componente curricular:

I – coordenar as atividades didáticas referentes ao componente curricular, bem como promover articulações com a Universidade Federal da Fronteira Sul e a instituição de ensino em que o estágio será realizado pelos acadêmicos.

II – fornecer informações à Coordenação do Estágio Curricular Supervisionado quanto ao andamento das atividades de estágio e o desempenho dos acadêmicos.

III – assessorar os acadêmicos na elaboração dos projetos e relatórios de estágio.

IV – avaliar, em conjunto com a Coordenação de Estágio, as diversas etapas do Estágio Curricular Supervisionado do curso.

V – participar das atividades programadas pelo Coordenador de Estágio.

VI – acompanhar e supervisionar o trabalho dos professores orientadores.

VII – acompanhar e supervisionar os acadêmicos no campo de estágio.

§ 1º. Os Colegiados dos Cursos deverão explicitar a funcionalidade dos processos de orientação e de supervisão em sua normatização interna, atentando, em todos os casos, para a viabilização do acompanhamento e supervisão das atividades junto aos campos de estágio.

SUBSEÇÃO III

DOS PROFESSORES ORIENTADORES DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 25 Os professores orientadores do Estágio Curricular Supervisionado serão designados pelo Colegiado de Curso e pelo(s) docente(s) do componente curricular de Estágio Supervisionado.



Art. 26 A carga horária atribuída à função de Orientação de Estágio será de até 02 (duas) horas semanais por aluno orientando.

§ 1º. Cada docente poderá orientar o número máximo de 5 (cinco) acadêmicos concomitantemente.

§ 2º. O acadêmico poderá solicitar junto ao Coordenador de Estágio a alteração do docente orientador.

§ 3º. O docente orientador poderá solicitar junto ao Coordenador de Estágio a alteração do acadêmico orientado.

§ 4º. Sobre os dispostos nos parágrafos 2 e 3, caberá ao Coordenador de Estágio discorrer sobre o atendimento das solicitações.

Art. 27 São atribuições dos professores orientadores:

I – orientar e acompanhar o acadêmico nas diversas etapas de realização do Estágio Curricular Supervisionado;

II – avaliar o processo do estágio dos acadêmicos sob sua orientação;

III – fornecer informações ao professor da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado quanto ao andamento e desempenho das atividades dos estagiários;

IV – participar das atividades programadas pelo coordenador de estágio.

SEÇÃO V DO SETOR DE ESTÁGIO DE CAMPUS E/OU DA DIVISÃO DE ESTÁGIOS

Art. 28 O Setor de Estágio de Campus e/ou a Divisão de Estágio assessora o processo de realização dos estágios curriculares supervisionados no que tange ao suporte burocrático, legal e logístico.

Art. 29 São atribuições do Setor de Estágio de Campus e/ou da Divisão de Estágio:

I - Conveniar instituições para estágios.



- II - Obter e divulgar, conjuntamente aos Coordenadores de Estágios dos cursos as oportunidades de estágios.
- III - Fiscalizar as Unidades Concedentes de Estágio (UCE).
- IV - Emitir e arquivar Termos de Convênio e de Compromisso.
- V - Fazer o registro e controle das Apólices de Seguro.
- VI - Arquivar relatórios e planos de atividades de estágio.
- VII - Emitir documentação comprobatória de realização e conclusão de estágios (certificados);
- VIII – Mediante PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010, art. 36, incisos I, III, VIII, IX, XIV e XVI, apresentar informações quanto ao andamento dos estágios, aos diversos órgãos da administração acadêmica da UFFS.
- IX - Articular a logística de estágio junto à Coordenação de Estágio e aos campos de estágio e desenvolver outras atribuições constantes no Regulamento de Estágio da UFFS (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010).

SEÇÃO VI

DOS SUPERVISORES EXTERNOS DA UCE DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 30 Os supervisores externos da UCE do Estágio Curricular Supervisionado serão indicados pelos campos de estágio, dentre os profissionais com formação na área do curso ou experiência profissional na área.

Art. 31 São atribuições dos supervisores externos da UCE:

- I – apresentar o campo ao acadêmico estagiário.
- II – facilitar seu acesso à documentação da instituição.
- III – orientar e acompanhar a execução das atividades de estágio.
- IV – informar ao professor do componente curricular de Estágio Curricular Supervisionado ou ao Coordenador do Estágio quanto ao andamento das atividades e o desempenho do acadêmico;
- V – avaliar o desempenho dos estagiários;



VI - Cumprir demais determinações constantes no Regulamento do Estágio da UFFS (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010).

Parágrafo Único. A não observância das normas descritas na PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010 por parte da instituição conveniada acarretará em cancelamento do convênio.

SEÇÃO VII DAS OBRIGAÇÕES DO ESTAGIÁRIO

Art. 32 São obrigações do acadêmico estagiário:

- I – entrar em contato com a entidade-campo na qual serão desenvolvidas as atividades de estágio, munido de carta de apresentação e termo de compromisso.
- II – participar de reuniões e atividades de orientação para as quais for convocado.
- III – cumprir todas as atividades previstas para o processo de estágio, de acordo com o projeto pedagógico do curso e o que dispõe este Regulamento.
- IV – respeitar os horários e normas estabelecidos na entidade-campo.
- V – manter a ética no desenvolvimento do processo de estágio;
- VI – cumprir as exigências do campo de estágio e as normas da UFFS relativas ao Estágio Curricular Supervisionado.

Parágrafo Único: A não observância das normas descritas acima, bem como das normas descritas no artigo 48 da PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010, por parte do acadêmico, acarretará em reprovação no componente curricular de Estágio Supervisionado.

SEÇÃO VIII DA AVALIAÇÃO NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO



SUBSEÇÃO I
DAS CONDIÇÕES GERAIS DA AVALIAÇÃO NO
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 33 A avaliação do estudante estagiário será realizada pelo professor do componente curricular de estágio, pelo professor orientador e, no que se refere às práticas de docência e de gestão, também pelo supervisor externo de estágio.

Art. 34 Para a aprovação em cada um dos componentes curriculares de Estágio Curricular Supervisionado, o estudante deverá possuir frequência e nota mínima para aprovação de acordo com a norma específica da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), e relatório de estágio aprovado pelo professor orientador e pelo docente do componente curricular de Estágio Supervisionado.

Art. 35 Os critérios e as formas de avaliação do estudante estagiário, nas diversas etapas do Estágio Curricular Supervisionado, serão propostos pelos respectivos professores dos componentes curriculares para homologação do Colegiado de Curso.

Parágrafo único. Após a homologação, os critérios e as formas de avaliação constarão nos respectivos planos de ensino dos componentes curriculares do Estágio Curricular Supervisionado.

CAPÍTULO III
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 36 Os casos omissos neste Regulamento de Estágio Curricular supervisionado serão decididos pelo respectivo Colegiado de Curso, que tomará sua decisão conforme regulamento interno e/ou legislação vigente.



Art. 37 Este Regulamento de Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura entra em vigor após a sua aprovação pelas instâncias competentes.

Chapecó (SC), novembro de 2010.



ANEXO II

REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - LICENCIATURA

CAPÍTULO I

SEÇÃO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este documento tem por objetivo regulamentar as Atividades de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura.

Art. 2º O Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de graduação em Filosofia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) será regida por este Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso.

Art. 3º Para fins do disposto neste Regulamento, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é o resultado de uma investigação individual e original que o acadêmico realizará a partir do âmbito do questionamento filosófico sob supervisão de um professor orientador designado em comum acordo com o acadêmico. É um trabalho acadêmico/científico e, como tal, deve obedecer às normas técnicas da ABNT.

Art. 4º O Trabalho de Conclusão de Curso será realizado a partir da 6ª. Fase para os acadêmicos matriculados no turno diurno e 7ª. Fase para os acadêmicos matriculados no turno noturno, compreendendo 6 créditos, com carga horária correspondente a 90 horas/relógio, assim distribuídos em horas/aula:

I – 2 créditos, correspondendo a 36 horas, na 6ª. Fase para o diurno e na 7ª. Fase para o noturno;



II - 2 créditos, correspondendo a 36 horas, na 7ª. Fase para o diurno e na 8ª.

Fase para o noturno; e:

III - 2 créditos, correspondendo a 36 horas, na 8ª. Fase para o diurno e na 9ª.

Fase para o noturno.

Art. 5º O componente curricular intitulado TCC I será destinado para aula teórica em sala de aula e preparação para a elaboração de texto em estilo monográfico, bem como escolha dos docentes orientadores sob supervisão do professor do referido componente curricular.

Art. 6º A carga horária dos componentes curriculares intitulados TCC II e TCC III serão destinados para orientação individual dos projetos, elaboração das monografias e apresentação do resultado final da pesquisa.

SEÇÃO II

DOS OBJETIVOS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 7º O Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivos:

I – Proporcionar aos acadêmicos a oportunidade de aprofundamento em algum autor, corrente filosófica e/ou questão filosófica específica.

II – Introduzir o estudante no mundo da pesquisa filosófica.

III – Fomentar a participação dos acadêmicos em eventos do âmbito da filosofia, não apenas como ouvintes, mas como comunicadores dos resultados de suas pesquisas.

IV – Estimular a realização de eventos de natureza filosófica tendo a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como organizadora.



SEÇÃO III
DA ORGANIZAÇÃO DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 8º Será designado pelo Coordenador de Curso, em conformidade com o Colegiado de Curso, um Coordenador de TCC que será responsável por organizar as orientações, propor cronogramas e atividades acadêmicas com o objetivo de tornar público o resultado alcançado na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Art. 9º O Trabalho de Conclusão de Curso será desenvolvido nos componentes curriculares destinados para tal e compreenderá, basicamente, as seguintes etapas:

- I – Elaboração do Projeto;
- II – Elaboração do texto;
- III – Apresentação e defesa do texto.

Art. 10 O acadêmico poderá solicitar junto ao Colegiado de Curso a alteração do docente orientador.

Art. 11 O docente orientador poderá solicitar junto ao Colegiado de Curso a alteração do acadêmico orientado.

Art. 12 Sobre os dispostos nos artigos 10 e 11, caberá ao Colegiado de Curso discorrer sobre o atendimento das solicitações.

SEÇÃO IV
DA AVALIAÇÃO DO TRABALHO
DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 13 A avaliação do estudante será realizada pelo professor do componente curricular e pelo orientador.



Art. 14 Para a aprovação, o estudante deverá obter média 6,0 (seis) em cada um dos componentes curriculares correspondentes ao TCC, e aprovação do texto mediante a Banca Examinadora com nota mínima de 6,0 (seis).

Art. 15 Os critérios e as formas de avaliação do estudante, nas etapas do Trabalho de Conclusão de Curso, serão propostos pelos respectivos professores dos componentes curriculares para homologação do Colegiado de Curso.

Parágrafo único: Após a homologação, os critérios e as formas de avaliação constarão nos respectivos planos de ensino dos componentes curriculares do Trabalho de Conclusão de Curso.

Art. 16 A Banca Examinadora será composta por três membros, sendo um deles o professor orientador e dois docentes da UFFS, e excepcionalmente um convidado externo previamente aprovado pelo Colegiado.

CAPÍTULO III DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 17 Os casos omissos neste Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso serão decididos pelo respectivo Colegiado de Curso, que tomará sua decisão conforme regulamento interno e/ou legislação vigente.

Art. 18 Este Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura entra em vigor após a sua aprovação pelas instâncias competentes.

Chapecó (SC), novembro de 2010.



ANEXO III

REGULAMENTO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES (ACCs) DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - LICENCIATURA

CAPÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este documento tem por objetivo regulamentar as Atividades Curriculares Complementares (ACCs) do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura.

Art. 2º Para fins do disposto neste Regulamento, compreende-se por Atividades Curriculares Complementares do Curso de Graduação a articulação entre teoria e prática que ocorrerá ao longo do tempo de integralização do Curso desde o princípio. As Atividades Curriculares Complementares (ACCs) do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura dizem respeito às atividades de enriquecimento didático curricular, científico e cultural, através da pesquisa, ensino e extensão.

CAPÍTULO II DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES SEÇÃO I DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 3º As Atividades Curriculares Complementares do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) serão regidas por este Regulamento e pelo Regulamento da Graduação.

Art. 4º As Atividades Curriculares Complementares do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura serão realizadas ao longo de todo o tempo de integralização do curso, com carga horária correspondente a 210 horas no mínimo. Com obrigatoriedade de pontuação:

I - Atividades Complementares em Pesquisa (mínimo 70 horas):



II - Atividades Complementares em Extensão e Aprimoramento Profissional
(mínimo de 70 horas)

III – Atividades Complementares em Cultura (mínimo 40 horas)

IV – As 30 horas faltantes para se completar o mínimo das 210 horas de ACCs
devem ser distribuídas pelos pontos I e II a critério de escolha do acadêmico.

Art. 5º As Atividades Complementares do Curso de Graduação em Filosofia -
Licenciatura estão distribuídas em:

I - Atividades Complementares em Pesquisa (mínimo 70 horas):

	Descrição das atividades:	Pont. Máx.
1.1	Participação em projetos de Pesquisa institucionalizados, na condição de bolsista;	40h
1.2	Participação em projetos de Pesquisa institucionalizados, na condição de voluntário;	20h
1.3	Participação em projetos de Iniciação Acadêmica;	30h
1.4	Participação em grupos de estudo aprovados pelo Colegiado, atestada pelo professor coordenador;	20h
1.5	Participação em congressos científicos ou Mostras de Iniciação Científica, com apresentação de trabalho ou poster;	25h
1.6	Publicação de artigo científico em periódico ou capítulo de livro, individualmente ou em coautoria;	30h
1.7	Publicação de resumo científico em anais;	10h
1.8	Publicação de tradução de texto científico ou filosófico	30h

II - Atividades Complementares em Extensão e Aprimoramento Profissional
(mínimo de 70 horas):



	Descrição das atividades:	Pont. Máx.
2.1	Participação em projetos de Extensão institucionalizados na UFFS, na condição de bolsista;	40h
2.2	Participação em projetos de Extensão institucionalizados na UFFS, na condição de voluntário;	20h
2.3	Participação em Cursos de Extensão;	60h
2.4	Participação, na condição de ouvinte, em palestras, semanas acadêmicas, simpósios, debates, conferências, congressos;	50h
2.5	Participação em projetos de Formação e Aprimoramento Profissional, ligados ou promovidos pela UFFS – ex: PIBID;	40h
2.6	Participação de cursos de formação profissional, na área de educação, promovidas por outras instituições;	60h
2.7	Atividade profissional comprovada em escolas ou instituições de educação, de nível fundamental e médio, na condição de professor ou monitor;	50h
2.8	Atividade profissional comprovada em escolas, instituições de educação ou órgãos ligados à educação, em funções ou cargos administrativos;	30h
2.9	Participação sistemática e comprovada em ONGs, movimentos sociais, sindicatos, ou qualquer outra agremiação ou associação, desde que relacionada com educação e/ou formação;	30h
2.1	Participação sistemática em movimento estudantil;	30h
2.11	Curso de língua estrangeira, realizado em estabelecimento legal e reconhecido;	30h
2.12	Disciplinas cursadas em outros cursos ou outras IES, desde que cursadas a partir do ingresso na UFFS	60h

III – Atividades Complementares em Cultura (mínimo 40 horas):

	Descrição das atividades:	Pont.
--	----------------------------------	--------------



		Máx.
3.1	Participação comprovada em grupos ou associações de cultura (artes, música, teatro, dança, etc.);	30h
3.2	Publicação de artigo, resenha, crônica ou outro texto em jornais, revistas ou meio eletrônico;	20h
3.3	Visitas orientadas a espaços culturais;	40h
3.4	Produção de obra artística tornada pública;	40h
3.5	Organização ou editoração de meio de divulgação de conteúdo cultural;	30h

SEÇÃO II DOS OBJETIVOS DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES

Art. 6º As Atividades Complementares do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura tem por objetivos:

I – Preparar o acadêmico para o exercício da docência.

II – Estimular o acadêmico para que continue seus estudos em âmbito de pós-graduação.

III – Apresentar aos estudantes as principais perspectivas da pesquisa filosófica.

IV – Fomentar o desenvolvimento de uma mentalidade crítica e socialmente engajada aos problemas e questões que emergem do mundo da vida; e:

V – Proporcionar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

SEÇÃO III DA ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES

Art. 7º Para contabilizar as horas Atividades Curriculares Complementares o estudante deverá apresentar os comprovantes de realização das atividades curriculares complementares à Secretaria Acadêmica em data prevista no calendário acadêmico e preencher formulário específico de solicitação de aproveitamento e validação de ACC's.

Parágrafo único: Poderão ser aproveitadas apenas as atividades desenvolvidas depois da data de matrícula no curso, exceto em caso de retorno de aluno abandono ou



transferência interna no âmbito da UFFS, desde que se enquadre nos critérios do regulamento de ACC do curso.

Art. 8º Os pedidos de validação das Atividades Curriculares Complementares serão avaliados pelo Coordenador do Curso, mediante critérios estabelecidos pelo PPC do curso de Filosofia (2010), Anexo III 0 Regulamento das Atividades Curriculares Complementares (ACCs) do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura.

Art. 9º O registro das Atividades Curriculares Complementares junto ao histórico do estudante se dará após o cômputo final das atividades desenvolvidas ao longo do período de integralização do curso, ao final da última fase do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura.

SEÇÃO IV

DAS OBRIGAÇÕES DO ESTUDANTE

Art. 10 Cabe ao estudante realizar o pedido de validação das Atividades Curriculares Complementares junto à Secretaria Acadêmica, em data prevista no calendário acadêmico.

CAPÍTULO III

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 11 Os casos omissos neste Regulamento de Atividades Curriculares Complementares serão decididos pelo respectivo Colegiado de Curso, que tomará sua decisão conforme regulamento interno e/ou legislação vigente..

Art. 12 Este Regulamento de Atividades Curriculares Complementares do curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura entra em vigor após a sua aprovação pelas instâncias competentes.

Chapecó (SC), novembro de 2010.

Redação alterada conforme AD 2/CCLF-ER/UFFS/2016



ANEXO IV
MANUAL DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR (PCCS) DO
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

1 Embasamento legal

Os documentos que normatizam e alertam para a necessidade da prática dos conteúdos como componentes curriculares podem ser encontrados essencialmente nas resoluções e nos pareceres do Conselho Nacional de Educação, sobretudo na Resolução 1 de 18 de fevereiro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. No artigo 3º da citada resolução, encontra-se a orientação sobre as diretrizes que devem nortear um curso de formação de professores que atuarão nas diferentes etapas e modalidades da educação básica. Destacam-se as orientações:

II - a coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor; tendo em vista:

a) a simetria invertida, onde o preparo do professor, por ocorrer em lugar similar àquele em que vai atuar, demanda consistência entre o que faz na formação e o que dele se espera;

b) a aprendizagem como processo de construção de conhecimentos, habilidades e valores em interação com a realidade e com os demais indivíduos, no qual são colocadas em uso capacidades pessoais;

c) os conteúdos, como meio e suporte para a constituição das competências;

III - a pesquisa, com foco no processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que ensinar requer, tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de construção do conhecimento.



Em relação à Prática como Componente Curricular, o Parecer CNE/CP 9/2001 que determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, é ainda mais específico. Como pode se observar, a legislação questiona a concepção restrita de prática e sua relação com a teoria que tem fundamentado tradicionalmente a prática pedagógica e de estágio, nas páginas 22 e 23:

3.2.5 *Concepção restrita de prática*

Nos cursos de formação de professores, a concepção dominante, conforme já mencionada, segmenta o curso em dois pólos isolados entre si: um caracteriza o trabalho na sala de aula e o outro, caracteriza as atividades de estágio. O primeiro pólo supervaloriza os conhecimentos teóricos, acadêmicos, desprezando as práticas como importante fonte de conteúdos da formação. Existe uma visão aplicacionista das teorias. O segundo pólo, supervaloriza o fazer pedagógico, desprezando a dimensão teórica dos conhecimentos como instrumento de seleção e análise contextual das práticas. Neste caso, há uma visão ativista da prática. Assim, são ministrados cursos de teorias prescritivas e analíticas, deixando para os estágios o momento de colocar esses conhecimentos em prática.

Uma concepção de prática mais como componente curricular implica vê-la como uma dimensão do conhecimento que tanto está presente nos cursos de formação, nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio, nos momentos em que se exercita a atividade profissional.

O planejamento e a execução das práticas no estágio devem estar apoiados nas reflexões desenvolvidas nos cursos de



formação. A avaliação da prática, por outro lado, constitui momento privilegiado para uma visão crítica da teoria e da estrutura curricular do curso. Trata-se, assim, de tarefa para toda a equipe de formadores e não, apenas, para o “supervisor de estágio”.

Outro problema refere-se à organização do tempo dos estágios, geralmente curtos e pontuais: é muito diferente observar um dia de aula numa classe uma vez por semana, por exemplo, e poder acompanhar a rotina do trabalho pedagógico durante um período contínuo em que se pode ver o desenvolvimento das propostas, a dinâmica do grupo e da própria escola e outros aspectos não observáveis em estágios pontuais. Além disso, é completamente inadequado que a ida dos professores às escolas aconteça somente na etapa final de sua formação, pois isso não possibilita que haja tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões do trabalho de professor, nem permite um processo progressivo de aprendizado.

A idéia a ser superada, enfim, é a de que o estágio é o espaço reservado à prática, enquanto, na sala de aula se dá conta da teoria. (p. 22-3)

E ainda nas páginas 56, 57 e 58 do referido Parecer, destaca-se o seguinte:

3.6 Eixo articulador das dimensões teóricas e práticas

No que se refere à articulação entre teoria e prática, estas Diretrizes incorporam as normas vigentes.

O princípio metodológico geral é de que todo fazer implica uma reflexão e toda reflexão implica um fazer, ainda que nem sempre este se materialize. Esse princípio é operacional e sua aplicação não exige uma resposta definitiva sobre qual



dimensão – a teoria ou a prática - deve ter prioridade, muito menos qual delas deva ser o ponto de partida na formação do professor. Assim, no processo de construção de sua autonomia intelectual, o professor, além de saber e de saber fazer deve compreender o que faz.

Assim, a prática na matriz curricular dos cursos de formação não pode ficar reduzida a um espaço isolado, que a reduza ao estágio como algo fechado em si mesmo e desarticulado do restante do curso. Isso porque não é possível deixar ao futuro professor a tarefa de integrar e transpor o conhecimento sobre ensino e aprendizagem para o conhecimento na situação de ensino e aprendizagem, sem ter oportunidade de participar de uma reflexão coletiva e sistemática sobre esse processo.

Nessa perspectiva, o planejamento dos cursos de formação deve prever situações didáticas em que os futuros professores coloquem em uso os conhecimentos que aprenderem, ao mesmo tempo em que possam mobilizar outros, de diferentes naturezas e oriundos de diferentes experiências, em diferentes tempos e espaços curriculares, como indicado a seguir:

a) No interior das áreas ou disciplinas. Todas as disciplinas que constituem o currículo de formação e não apenas as disciplinas pedagógicas têm sua dimensão prática. É essa dimensão prática que deve estar sendo permanentemente trabalhada tanto na perspectiva da sua aplicação no mundo social e natural quanto na perspectiva da sua didática.

b) Em tempo e espaço curricular específico, aqui chamado de coordenação da dimensão prática. As atividades deste espaço curricular de atuação coletiva e integrada dos formadores transcendem o estágio e têm como finalidade promover a articulação das diferentes práticas numa perspectiva interdisciplinar, com ênfase nos procedimentos de observação e



reflexão para compreender e atuar em situações contextualizadas, tais como o registro de observações realizadas e a resolução de situações-problema características do cotidiano profissional. Esse contato com a prática profissional, não depende apenas da observação direta: a prática contextualizada pode “vir” até a escola de formação por meio das tecnologias de informação – como computador e vídeo –, de narrativas orais e escritas de professores, de produções dos alunos, de situações simuladas e estudo de casos.

c) Nos estágios a serem feitos nas escolas de educação básica. O estágio obrigatório deve ser vivenciado ao longo de todo o curso de formação e com tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões da atuação profissional. Deve acontecer desde o primeiro ano, reservando um período final para a docência compartilhada, sob a supervisão da escola de formação, preferencialmente na condição de assistente de professores experientes. Para tanto, é preciso que exista um projeto de estágio planejado e avaliado conjuntamente pela escola de formação e as escolas campos de estágio, com objetivos e tarefas claras e que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos sistemas de ensino. Esses “tempos na escola” devem ser diferentes segundo os objetivos de cada momento da formação. Sendo assim, o estágio não pode ficar sob a responsabilidade de um único professor da escola de formação, mas envolve necessariamente uma atuação coletiva dos formadores.

Estas Diretrizes apresentam a flexibilidade necessária para que cada Instituição formadora construa projetos inovadores e próprios, integrando os eixos articuladores discutidos acima, seja nas suas dimensões teóricas e práticas, de



interdisciplinaridade, dos conhecimentos a serem ensinados com os conhecimentos que fundamentam a ação pedagógica, da formação comum e específica, bem como dos diferentes âmbitos do desenvolvimento e da autonomia intelectual e profissional.
(pp. 56-8)

Com base nestas Diretrizes, e para se evitar a polarização entre prática de ensino e estudo dos conteúdos científicos específicos do âmbito da filosofia, o Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, promoverá e fomentará a transposição didática daquilo que se aprende em sala de aula para a prática profissional docente por meio de atividades da prática como componente curricular ao longo de todos os períodos do Curso.

2 A especificidade da UFFS e a PCC

A especificidade da Universidade Federal da Fronteira Sul, que implica numa divisão em três grandes domínios que englobam todos os componentes curriculares, a saber, Domínio Comum, Domínio Conexo e Domínio Específico, permite que o enfoque possa ser centrado nos componentes do domínio específico, que são mais estritos ao âmbito da filosofia. Desta forma, os estudantes poderão envolver, de maneira interdisciplinar, aquilo que é estudado nos demais componentes no intuito de promover a reflexão sobre a aplicação prática do conteúdo científico e cultural. Ao necessitar refletir sobre a melhor forma de repassar os conteúdos estritos da filosofia para o âmbito da Educação Básica, inevitavelmente os acadêmicos necessitarão utilizar os conhecimentos sobre linguagens, informática, prática de ensino, teorias sobre aprendizagem e desenvolvimento humano e demais saberes e competências que são desenvolvidos e aprendidos nos Domínios Comum e Conexo.

Destarte, as 400 horas destinadas à PCC serão centralizadas em vinte componentes curriculares do Domínio Específico. Entretanto, evidencia-se que isto não exclui a necessidade de que haja uma constante busca pela interdisciplinaridade, sendo



amplamente desejável que os estudantes busquem e desenvolvam estratégias com o propósito de revestir os conteúdos específicos da filosofia com métodos e conteúdos oriundos dos mais diversos campos dos saberes e até de sua experiência pessoal. Com isso, espera-se que se tornem docentes com maior capacidade de diálogo com seus futuros alunos.

O abismo que normalmente se demarca entre os conteúdos estritamente filosóficos e as salas de aula do âmbito da Educação Básica deve ser transposto mediante o uso de estratégias, bem como no desenvolvimento de iniciativas reflexivas que considerem o estudante da própria Educação Básica e a realidade política e social circundante como o centro gravitacional e estruturante em torno do qual e sobre o qual o acadêmico de filosofia da UFFS construirá seu referencial prático e teórico para sua futura prática docente.

3 Componentes Curriculares em que se realizarão projetos de PCC

Os componentes curriculares nas quais os docentes deverão organizar atividades e os estudantes deverão desenvolver projetos para contemplar a Prática do Componente Curricular são:

Período/Turno	Componente Curricular	Carga Horária
1º (D) – 1º (N)	História da Filosofia Antiga	20 h
2º (D) – 2º (N)	História da Filosofia Medieval	20 h
2º (D) – 3º (N)	Lógica I	20 h
3º (D) – 3º (N)	Ética e Filosofia Política Antiga	20 h
3º (D) – 3º (N)	História da Filosofia Moderna	20 h
3º (D) – 4º (N)	Lógica II	20 h
4º (D) – 5º (N)	Ética	20 h
4º (D) – 6º (N)	Filosofia Política I	20 h
4º (D) – 4º (N)	História da Filosofia Contemporânea	20 h
5º (D) – 7º (N)	Antropologia Filosófica	20 h
5º (D) – 8º (N)	Estética	20 h
5º (D) – 5º (N)	Teoria do Conhecimento	20 h
6º (D) – 6º (N)	Epistemologia	20 h
6º (D) – 5º (N)	Ontologia I	20 h
7º (D) – 7º (N)	Filosofia da Linguagem	20 h
7º (D) – 7º (N)	Filosofia Política II	20 h
7º (D) – 8º (N)	Hermenêutica	20 h



7° (D) – 7° (N)	Ontologia II	20 h
8° (D) – 6° (N)	Dialética e Teoria Crítica	20 h
8° (D) – 8° (N)	Ética Prática: Bioética e Ética Ambiental	20 h
Carga Horária Total		400h

Operacionalização da Prática

Em cada componente curricular, o docente do mesmo deverá propor uma atividade ou projeto que contemple a carga horária destinada à PCC. O objetivo central é que se viabilizem possibilidades para o estudante refletir e simular formas para efetivar a transposição didática dos conteúdos pesquisados e estudados ao longo do período de integralização dos créditos do respectivo componente.

Ressalta-se que as atividades, a carga horária e o processo de avaliação destinados à PCC compõem a carga horária total do componente curricular, entretanto não podem ser os mesmos instrumentos avaliativos aproveitados para a nota regular do componente curricular. A participação nas atividades propostas de PCC por parte dos acadêmicos e a avaliação de seu desempenho é pré-requisito para a aprovação no componente curricular. Contudo, observa-se que são atividades e métodos avaliativos complementares, a fim de proporcionar aos acadêmicos a vivência da indissociabilidade entre teoria e prática.

Para este fim, sugere-se que o docente siga algumas etapas para a operacionalização da Prática:

1 Elaboração do projeto e contrato didático

É necessário apresentar aos acadêmicos, já no início da oferta do componente curricular, as formas de realização da PCC, ressaltando a importância de tal atividade. Os estudantes precisam estar conscientes de que tudo o que se estuda em sala de aula visa ao aprimoramento científico e conceitual, provendo subsídios para a pesquisa, mas também que se deve, ao passo em que se trava contato com o conhecimento filosófico, refletir sobre a melhor forma de apresentar tais conteúdos no momento de sua prática docente no âmbito da Educação Básica.



Além disso, é sempre importante que se tenha em mente o papel social e político da educação na atualidade, e também qual o propósito da disciplina de filosofia nas grades curriculares da Educação Básica. É fundamental, ainda, que se pense a filosofia no contexto do desenvolvimento científico e tecnológico coetâneo, visando não apenas à interdisciplinaridade, mas ao diálogo entre o desenvolvimento filosófico e as questões que emergem da contemporaneidade, e qual o papel e a função que a filosofia deve assumir e desempenhar frente aos novos desafios da humanidade.

O escopo central da prática como componentes curriculares é o de que os estudantes entendam que há uma unidade na prática docente, em que preparação para docência, pesquisa científica e prática de docência estão inexoravelmente entrelaçadas e que para o bom exercício profissional, seja no âmbito da pesquisa ou da docência, é imperativo que estes três aspectos dialoguem constantemente entre si.

Portanto, independentemente do componente curricular, o projeto de Prática proposto pelo docente deve levar em consideração este aspecto fundamental de transposição didática e interdependência da pesquisa e da prática docente.

2 Desenvolvimento

A efetivação da Prática pode ocorrer de variadas formas, e o docente pode optar por uma ou mais atividades que julgue adequadas para a operacionalização do projeto de prática proposto, desde que previamente aprovados pelo Colegiado de Curso. Exemplificadamente, sugerem-se algumas formas de projetos.

- Trabalhos com recursos áudio-visuais. Os acadêmicos terão de elaborar um projeto, nos moldes propostos pelo docente, em que demonstrarão como utilizarão recursos de filmes, músicas ou imagens para elaborar uma atividade aos alunos da Educação Básica, onde hipoteticamente irão lecionar como docentes, relacionando os conteúdos filosóficos com o material utilizado.
- Realização de seminários. O docente poderá propor seminários temáticos em que grupos de acadêmicos apresentarão reflexões e propostas sobre a prática docente com base em determinados conteúdos. Ressalta-se que neste caso os seminários de-



verão ocorrer em contraturno, sem prejuízo para os acadêmicos que não puderem comparecer fora do horário convencional das aulas, sendo que estes deverão realizar a Prática por meio de outros projetos. O resultado final da discussão destes seminários deverá culminar em material escrito a ser arquivado pelo docente.

- Produção de material didático. O docente poderá propor que os acadêmicos produzam material didático que possa ser utilizado na prática docente no âmbito da Educação Básica.
- Observação em colégios e relatórios. Os acadêmicos podem fazer observações em classes em que a disciplina de filosofia é ofertada na Educação Básica, produzindo um relatório crítico sobre a forma como o conteúdo do componente curricular foi apresentado pelo docente e qual foi a receptividade da turma em relação a tal conteúdo.

Demais projetos poderão ser propostos pelos docentes, desde que submetidos à apreciação e aprovação do Colegiado do Curso previamente ao início das atividades letivas.

3 Avaliação

A avaliação se dará ao longo do processo e com base no resultado final apresentado, sendo que o objetivo principal é promover uma reflexão sobre a prática docente que será desenvolvida pelos egressos. Os resultados obtidos pelos acadêmicos devem ser discutidos em grupo, as conclusões devem ser socializadas, resultando numa meta-reflexão coletiva.

O aprimoramento e enriquecimento da capacidade docente dos acadêmicos é o ponto mais importante a ser analisado pelo processo de avaliação. Este deve servir como base para os acadêmicos começarem a se habituar com as demandas necessárias para o exercício da prática docente.

4 Arquivamento dos trabalhos



Ressalta-se que os trabalhos apresentados pelos acadêmicos nos componentes curriculares especificados acima deverão ser arquivados junto à Secretaria de Curso pelo período em que o acadêmico mantiver vínculo com a UFFS.

5 Das disposições gerais e transitórias

Os casos omissos neste Regulamento da Prática como Componente Curricular (PCCs) do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura serão decididos pelo respectivo Colegiado de Curso.

Este Regulamento da Prática como Componente Curricular (PCCs) do Curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura entra em vigor após a sua aprovação pelas instâncias competentes.

Chapecó (SC), novembro de 2010.